

Pedro Casaldáliga

VERSOS ADVERSOS

Antologia

Ilustrações
Enio Squeff

Prefácio
Alfredo Bosi



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

expressão
POPULAR

PEDRO: PALAVRA E GESTO

O livro que lhe chega às mãos deve ser guardado na mochila, entre aqueles objetos indispensáveis que você carrega na marcha para a ocupação.

Deve ser lido em voz baixa, ao calor da fogueira, na noite da espera, diante dos olhos atentos do marido, do filho, dos companheiros que partilham com todos esse sonho que pulsa sob a lona preta dos acampamentos, na madrugada que se anuncia.

Guardadora de sementes, essa será sempre uma tarefa sua: cada poema será distribuído como um pão aflito que falta na boca dos famintos...

*Esses **versos adversos** foram recolhidos de diferentes vasilhas. Diferentes livros da obra militante de Pedro Casaldàliga, o catalão que fez do Araguaia sua pátria. Esses versos adversos devem ser bebidos como águas guardadas no barro silencioso dos potes que herdamos dos lutadores que nos precederam.*

Pedro: palavra e gesto. Nunca escreva um verso que não se faça vida. Sempre, a palavra emocionada de Maragall. Cada verso lido nesta antologia corresponde a um mergulho na fé que anima o poeta que os escreveu e nas três

lutas elementares da gente oprimida em 500 anos de história do Brasil: a luta dos trabalhadores do campo por terra para plantar e colher, a luta em defesa das comunidades indígenas e a luta dos negros contra a escravidão imposta pelo poder colonial e pelas oligarquias que o herdaram e perpetuam.

*Agora que o perdemos, revejo Pedro se movendo entre as pessoas. Nos encontros, assembleias, romarias ou numa simples conversa pessoal com um peão ou uma mulher do povo. Revejo Pedro se mover entre os poucos objetos que o cercaram ao longo da vida: alguns livros, uma fotografia na parede, a máquina de escrever, uma túnica branca, o anel de tucum, uma estola incandescente que alguém lhe enviou desde Guatemala, as sandálias, um remo Tapirapé, inclinado no canto da sala. E sou colhido por uma aguda consciência: não o perdemos. Não podemos perdê-lo. Esses **versos adversos** serão nossa ponte permanente até ao coração de Pedro.*

Em 8 de agosto de 2020 calou-se sua voz. A palavra seguirá acesa aquecendo nossas esperanças. Sempre.

Pedro Tierra

Outubro de 2021

VERSOS ADVERSOS





expressão
POPULAR

Pedro Casaldáliga



VERSOS ADVERSOS
Antologia

Ilustrações
Enio Squeff

Prefácio
Alfredo Bosi

2ª edição - 2021

Fundação Perseu Abramo

Instituída pelo Diretório Nacional do Partido dos Trabalhadores em maio de 1996.

Diretoria

Presidente Aloizio Mercadante

Vice-presidente Vivian Farias

Elen Coutinho

Jéssica Italoema

Alberto Cantalice

Artur Henrique

Carlos Henrique Árabe

Jorge Bittar

Geraldo Magela

Valter Pomar

Conselho editorial

Albino Rubim, Alice Ruiz, André Singer, Clarisse Paradis, Conceição Evaristo, Dainis Karepovs,
Emir Sader, Hamilton Pereira, Laís Abramo, Luiz Dulci, Macaé Evaristo, Marcio Meira,
Maria Rita Kehl, Marisa Midori Deaecto, Rita Sipahi, Silvio Almeida, Tássia Rabelo, Valter Silvério

Coordenação Editorial Rogério Chaves

Assistente Editorial Raquel Costa

Revisão Boa Prosa Editorial, Claudia Andreoti

Tratamento de Imagens Mariângela Bueno (1ª edição)

Projeto Gráfico Ronie Prado

Direitos reservados à Fundação Perseu Abramo

Rua Francisco Cruz, 224 — 04117-091 — São Paulo — SP — Brasil

Telefone: (11) 5571-4299 – editora@fpabramo.org.br

www.fpabramo.org.br

Editora Expressão Popular

Rua da Abolição, 197 - 01319-010 - São Paulo - SP - Brasil

Telefone: (11) 3105-9500 - livraria@expressaopopular.com.br

www.expressaopopular.com.br

Copyright © 2006 Fundação Perseu Abramo

Copyright das ilustrações © 2006 by Enio Squeff

1ª edição Dezembro de 2006 | 2ª edição Outubro de 2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C334v Casaldáliga, Pedro.

Versos adversos: antologia / Pedro Casaldáliga;
ilustrações Enio Squeff; prefácio Alfredo Bosi. – 2. ed. – São Paulo :
Editora Fundação Perseu Abramo : Expressão Popular, 2021.
128p.

ISBN 978-65-5626-036-5 – ISBN 978-65-5891-047-3
(Expressão Popular)

1. Literatura brasileira. 2. Poesia brasileira. I. Squeff,
Enio. II. Bosi, Alfredo. III. Título.

CDU 869.0(81)-1

(Bibliotecária responsável: Sabrina Leal Araujo – CRB 8/10213)

SUMÁRIO

Notícia do peregrino	9
A esperança rebelde na poesia de Pedro Casaldáliga	11
Junto ao vosso canto	19
“Nossas vidas são os rios...”	20
Profecia extrema	22
Senhor Jesus!	23
Cemitério de sertão	24
Proclama indígena	26
Araguaia	38
“O Silêncio”	39
Megalópole	40
Maria de Nazaré	41
Constatação de Natal	42
E o Verbo se fez classe	43
Inquérito de Natal	44
Jesus Cristo	45
Peregrinos de Emaús	46
“Seduziste-me, Senhor”	47
Apocalipse	48
A terra em espera	49
Juízo final	50
Dá-nos a tua Paz!	51
Peão do trecho	52
Picolezeiro	53

Caminho que a gente é	54
A todas as quebradeiras de coco do Nordeste	56
Bandeira aberta	57
Perguntas quando caminhas	58
Evasão	59
Terra amada	60
Casa rica/Casa pobre	61
Balanço final	62
Maturidade	63
A angústia e a ternura	64
Bezerro morto	65
Luiz Gonzaga	66
Confissão do latifúndio	67
À gata Geró	68
A velha do retrato	69
Descansa em paz, Francisco	70
Eu e tu, Araguaia	73
Eu irei até as fronteiras	74
Nas águas claras do brejo	75
Cantiga <i>célibe</i>	76
Recado a Gonçalves Dias	77
O difícil todo	78
Louvação à comadre chuva	79
Maria de Pentecostes	80
Advento na Ilha do Bananal	81



As batalhas desta guerra	82
Maria Libertação	83
Não adianta que me expulsem	84
Jesus Crucificado	85
Na Missa dos Quilombos	86
Oração a São Francisco em forma de desabafo	88
Estampa do agreste	90
Só tenho o berço do tempo	91
Nunca te canses do Reino	92
Serra Lamarca	93
Cora Coralina, Ponte da casa velha	94
Segura, solta	95
A lua e a luta	96
Vou amarrar minha égua	97
Enterrem-me no chão	98
Calvário de Itaici	99
“Grande Sertão: Veredas”	100
Roubaram as terras índias	101
Cantiga da Paz	102
A Paz inquieta	103
A Paz preventiva	104
A Palavra Palavra	105
Cantiga à Nossa Senhora Aparecida	106
Trovas ao Cristo Libertador	107
Noemas	109



Capa e Guardas: "Rio", óleo sobre tela e madeira - 2006, 115 x 145 cm por Enio Squeff

ENIO SQUEFF (1943) é pintor, crítico musical e jornalista. Integrou a primeira equipe da revista *Veja* e trabalhou nos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*, entre outros. Escreveu *Música — o Nacional e o Popular* (1982) e *A Música na Revolução Francesa* (1989), Kislansky — *O Eterno e o Moderno* (2006). Escreveu e ilustrou *A Origem dos Nomes dos Municípios Paulistas* (2004) e *Vila Madalena — Crônica História e Sentimental* (2002). Ilustrou diversos livros, entre eles *Odisseia*, de Homero (*Edusp*), e *Com Palmos Medida*, organizado por Flavio Aguiar (*Boitempo/ Editora Fundação Perseu Abramo*). Expôs individualmente em Cuba, Alemanha, Colômbia e Brasil.

ALFREDO BOSI (1936-2021), professor titular de literatura brasileira da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e membro da Academia Brasileira de Letras. Foi diretor e vice-diretor do IEA. É editor da revista *Estudos Avançados do Instituto de Estudos Avançados da USP*. É autor de *História concisa da literatura brasileira* (1970), *O ser e o tempo da poesia* (1977), *Dialética da colonização* (1992), *Machado de Assis: o enigma do olhar* (1999), *Literatura e resistência* (2002) e *Brás Cubas em três versões: Estudos machadianos* (2006).

PEDRO TIERRA é o pseudônimo de HAMILTON PEREIRA (*Porto Nacional*, 1948), poeta e autor de vários livros. Recebeu menção honrosa no Prêmio Casa de las Américas (1978) com "Poemas do povo da noite". Foi secretário de Cultura do Distrito Federal, é doutor Honoris Causa das Universidades Católica de Brasília e Federal do Tocantins. Foi presidente da Fundação Perseu Abramo e, hoje, compõe seu conselho editorial.

NOTÍCIA DO PEREGRINO

Pedro Casaldáliga Plá, nasceu Catalão — e poeta — na aldeia de Balsareni, há alguns quilômetros de Barcelona, em 16 de fevereiro de 1928. De uma família de camponeses, criadores de meia dúzia de vacas e de outros pequenos animais, que vendem até hoje carne de ovelha num açougue. A família foi atravessada pela tragédia da guerra civil espanhola. Teve um tio padre fuzilado pelos republicanos. Ordenado em Madri, fez-se missionário Claretiano no início dos anos 1950. Depois de uma breve passagem pela África e de retornar à Espanha, desembarcou em definitivo no Brasil, em 26 de janeiro de 1968. Foi consagrado Bispo de S. Félix do Araguaia, pelo papa Paulo VI, em 1971, quando lançou sua Carta Pastoral “Uma Igreja da Amazônia em conflito com o latifúndio e a marginalização social” que repercutiria intensamente, no Brasil da ditadura militar e internacionalmente, marcando em definitivo seu perfil como a voz dos posseiros, dos índios e dos peões da Amazônia.

Quando perguntado sobre um possível retorno à Europa a resposta é taxativa: “Queimei as pontes... e os navios”. Desde que pôs os pés na América Latina, sua paixão, só retornou uma vez. Foi a Roma, em obediência à convocação do papa João Paulo II, 20 anos depois de sua chegada a São Félix do Araguaia para cumprir a visita ad limina, como determina o Vaticano aos seus bispos. Aos deputados defensores do latifúndio que o inquiriram na CPI da Terra, em 1977, sobre o que tinha a ver um bispo, estrangeiro, com conflitos de terra, ele simplesmente respondeu “Fui naturalizado pela malária...”.

A prelazia de S. Félix do Araguaia, Mato Grosso, de onde dá o seu testemunho em vida e em poesia, há quase 40 anos é uma área de 150 mil Km². Limita-se ao norte com o Pará e a oeste com o Parque do Xingu, dentro do Estado do Mato Grosso. Alcança ainda, dentro do estado do Tocantins, toda a Ilha do Bananal, ao leste onde vivem os índios Karajá. Descendo o Araguaia, na margem esquerda vivem os índios Tapirapé, com os quais trabalham desde os anos 1950 as Irmãzinhas de Foulcaud, uma das experiências mais fecundas de convivência entre o que se chama — devida ou indevidamente — processo civilizatório e comunidades indígenas.

Livros publicados: *Clamor Elemental* (Ed. Sigueme, Salamanca, Es.1971), *Tierra Nuestra, Libertad* (Ed. Guadalupe, Buenos Aires, 1974), *Creio na Justiça e na Esperança* (Ed. Civilização Brasileira, Rio, 1977), *Cuia de Gedeão e Poemas e autos sacramentais sertanejos* (Ed. Vozes, Petrópolis, 1982), *Cantares de la entera libertad — Antologia para la nueva Nicaragua* (IHCE/CEPA, Manágua, 1984). Com Pedro Tierra e Martin Coplas escreveu a *Missa da Terra-sem-males* (Ed. Tempo e Presença, São Paulo, 1980) e com Pedro Tierra e Milton Nascimento fez a *Missa dos Quilombos* (Rio Ariola, 1982). Entre outros.





P R E F Á C I O

A ESPERANÇA REBELDE NA POESIA DE PEDRO CASALDÁLIGA

Alfredo Bosi

A linguagem do poeta Pedro Casaldáliga rima com a vida do militante cristão D. Pedro Casaldáliga.

É uma poesia de protesto que se insurge contra os males que o capitalismo selvagem — brasileiro e internacional — continua a infligir às terras, aos homens e às mulheres do Araguaia.

É uma poesia que entra em sintonia com o povo dessa vasta região do Mato Grosso: os índios banidos ou massacrados, os posseiros espoliados, os lavradores e pescadores expulsos; em suma, os peões forçados a trabalhar sob um regime de semiescavidão.

A denúncia crua, sem véus de alegoria, dá o cerne a essa palavra forte que sai da boca de um lutador vindo da insubmissa Catalunha para o coração da América Latina à qual dedicou a maior parte de sua vida, como bispo de São Félix. Dessa opção sem retorno provêm a autenticidade sem pregas de sua linguagem e o alto grau de sua lucidez política, que amadureceu em meio a conflitos de extrema violência provocados pelos mandantes locais e tolerados por autoridades passivas quando não coniventes.

Acontece que o militante D. Pedro Casaldáliga é também poeta. Não lhe basta agir no mundo adverso da luta pela justiça. Sua paixão não se consome toda na vida ativa que o ofício pastoral lhe exige. Os sentimentos que a ação não consegue absorver de todo transmutam-se na esfera da palavra e da imagem poética, que a seu modo os exprimem e lhes dão eficácia simbólica.

Versos adversos foram se construindo ao longo desses anos de combate aquecidos pela fé no Deus-Homem e pela esperança na regeneração de uma Terra onde se aliariam finalmente imanência e transcendência. Uma Terra que pudesse realizar o sonho multimilenar e renitente de um reino de justiça e paz, “aquela Paz do Reino, que vem vindo, inviável e certo”. O paradoxo já diz muito dessa fusão de realismo duro e esperança radical que preside à visão da História de D. Pedro e de tantos de seus irmãos de fé.

É precisamente essa coexistência arriscada de um projeto “enfincando teus pés no dia a dia”, logo francamente terreno, e de uma convicção cristã inabalável, que dá sentido coeso e vibrante à poesia de Casaldáliga. Vem a nossa memória o tom de outro combatente, a voz da Nicarágua sandinista, Ernesto Cardenal.

Percorrer Versos adversos é descobrir ora a dimensão da áspera denúncia em lances de protesto ou de sátira; ora a expressão do fervor religioso a que não faltam ressoos cósmicos; ora, enfim, o encontro de ambas as vertentes que fluem para um horizonte remoto, transcendente e ao mesmo tempo bem próximo, pois fez morada no coração dos viventes e da paisagem araguaia.

O verbo que acusa é aguerrido e molda-se em versos curtos, lapidares:

*Mas para viver,
terra exijo ter.
Dinheiro e arame
não nos vão deter.
Mil facões zangados
cortam pra valer.*

(“Cemitério do sertão”)

*Peão
pião,
não está,
não é,
madeira da sorte,
na roda da morte,
girando à mercê
da mão empreiteira,*

*da farra matreira,
da louca peixeira...
Pião à mercê,
que não está,
que não é
... e quase já era.*

(“Peão do trecho”)

Admiro este dístico drástico inserto em um poema de cadências cabralinas:

*Morreu de cobra, de carro?
Virou sonogada dívida.
("Bezerro morto")*

Em ritmo paródico leia-se esta quadra:

*Tua terra tem palmeiras
onde conta a Oleobrás,
onde conta a Empresobrás,
onde conta a Multibrás.
("Recado a Gonçalves Dias")*

E esta flecha certa dirigida ao consumo alto, ostensivo, que o rico faz da imagem do pobre:

*Casa de rico,
foto de pobre
(a imagem
dispensa o remorso...)
("Evasão")*

Chamo, enfim, a atenção do leitor para a "Confissão do Latifúndio", que poderia ser um dos hinos prediletos do Movimento dos Sem Terra.

Mas a poesia de Pedro Casaldáliga não é monocórdia. Outro movimento de sentido a percorre. As margens do Araguaia não são povoadas apenas de gente que o capital dividiu entre explorados e exploradores. Antes que o ser humano as habitasse, lavrasse ou poluísse, a Natureza, surgida não se sabe quando, aquém do bem e do mal, lá estadeava a sua beleza forte e inocente. Dela provêm aqueles ressoos cósmicos há pouco evocados e que lembrariam, em outro contexto, a emoção de um Rousseau imerso em uma paisagem edênica, ainda pré-social. Neste registro, apontam para uma visão sacralizadora da Terra que o homem libertado, viajor resistente, poderá habitar, tal como a sublimou Teilhard de Chardin, cientista e místico:

*É nesta Terra velha, nossa mãe,
que caminhamos para a Terra nova,
a Terra-Esposa-em festa para sempre!
(“A Terra em espera”)*

No centro do todo, diria quase em um lugar mágico, corre o rio por excelência, o rio que penetrou fundo na vida do poeta militante, o Araguaia, objeto da cobiça do “civilizado” invasor, o bandeirante que virou aquele “bruto comercial” do romance-rio de Guimarães Rosa:

*E os rios,
estes rios outrora preservados na inocência,
cruzados pela lua e os pássaros e o vento,
rios de paz, de peixes, de livre liberdade,
agora profanados...
Araguaia, punido Berocá!
Xavantino aramado!
Tapirapé enlameado de turismo...
(“Proclama indígena”)*

A identificação torna-se radical em “Eu e tu, Araguaia”:

*Eu
e tu, Araguaia,
somos um tempo só.*

Se o leitor de Versos adversos quiser ir além dos extremos balizados (a fala da denúncia e o canto da natureza e do povo sofrido), conhecerá passagens ainda mais densas e complexas em poemas que enfeixam terra e céu, a força da gravidade e as asas da libertação.

São poemas que aspiram à síntese, pensamentos convertidos em imagens pregnantes, textos em que mundo e reino entram em tensão, sem a qual tudo permaneceria como está, irremediavelmente.

Para tanto, a cunha da contradição se faz imprescindível: é o que se dá no cortante contraste que abre a “Constatação de Natal”:

*Não vi a estrela falada,
mas vi que Deus era pobre.
Maria estava acordada,
e estava acordada a noite,
e estava desacordado,
para sempre, o rei Herodes.*

O paradoxo da encarnação irrompe neste Deus que é pobre, nesta Maria insone, e neste Herodes que se deseja astuto e vigilante, mas que jaz no torpor sem fim do próprio sono.

Para desconforto das ortodoxias, cristianismo e marxismo, por tanto tempo desavindos, dão-se as mãos nesta quadra temerária:

*No ventre de Maria
Deus se fez homem.
Mas na oficina de José
Deus também se fez classe.
(“E o verbo se fez classe”)*

A consequência política não se fará esperar:

*Ao Evangelho e à esquerda
lhes cabe ser
oposição.*

Os noemas fecham o livro. São, conforme a palavra sugere, pensamentos ditos de forma condensada, recados mínimos que pedem reflexão e, no limite, esperam motivar o leitor para reações libertadoras. O modo sentencioso do hai-kai e a seta do epigrama são os seus modelos formais. Na brevidade do quase-provérbio os contrastes destacam-se sob luz mais crua do que nos textos longos:

*Nascer e morrer
é fácil
o difícil é viver.
(“Hai-kai do sertão”)*

O gosto da oralidade às vezes confina com o andamento da prosa cotidiana:

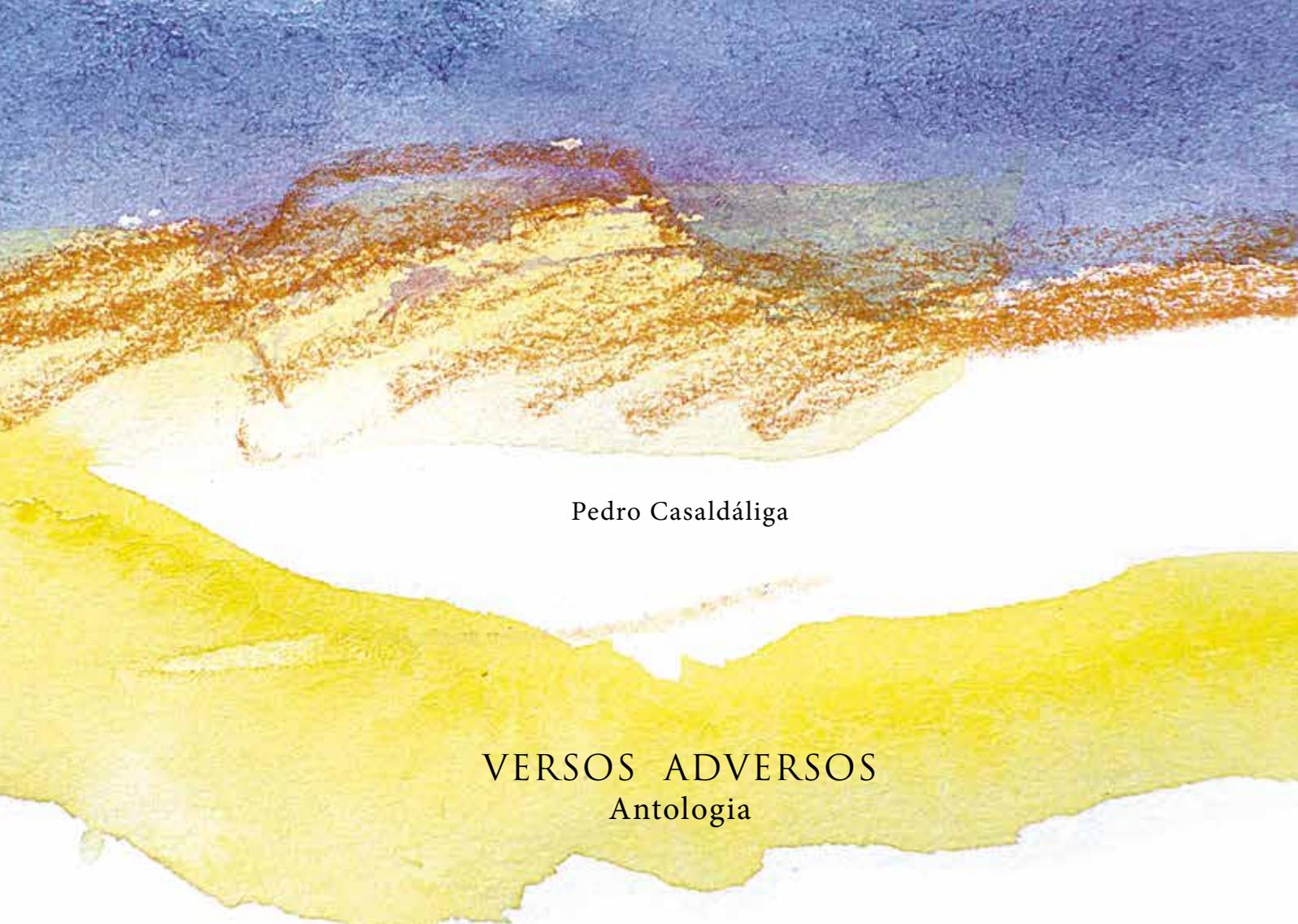
*Não confundir o marketing
com o simbólico.*

E este dístico luminoso como um raio que flagra, de repente, o amplexo da transcendência com a imanência, levadas ambas ao regime da radicalidade:

*Tudo é relativo
menos Deus e a fome.*

É uma frase que nos faz compreender o homem da fé mais ardente e o homem da poesia rente ao chão que é Pedro Casaldáliga.

Cotia, agosto de 2006



Pedro Casaldáliga

VERSOS ADVERSOS
Antologia

Ilustrações
Enio Squeff



JUNTO AO VOSSO CANTO

Meu silêncio seja
meu poema, irmãos,
junto ao vosso canto.

Seja minha ausência
como um voo de garças
abraçando a tarde,
nesse voo de garças
que invadiu o dia
com o vosso canto.

Velhos de esperança
— tantas luas cheias,
tantas noites foscas —
eu e o Araguaia
já nos conhecemos,
rios de um só rio
ajeitando o curso
entre Deus e o Povo.

Junto ao vosso canto,
boca coletiva,
seja meu silêncio
posto de joelhos
uma escuta nova.

Quero ouvir o Povo!

Quero ouvir o grito
das crianças mortas
comandando a vida.
Quero ouvir as covas
dos peões do trecho
soletrando vivos
os perdidos nomes.
Quero ouvir os pobres
num clamor de enxadas
conquistando a terra.
Quero ouvir a dança
das aldeias novas
nas antigas flautas
acordando o mundo.

Toda minha sede,
cuias de silêncio,
beba em vosso canto
o Araguaia novo,
luta nas enchentes,
festa no banheiro,
Povo, Povo, Povo!



“NOSSAS VIDAS SÃO OS RIOS...”

*Assim era, assim vivíamos
o Araguaia
nas décadas de 1960, de 1970...*

Nossas vidas são os rios.
Minha vida é este Araguaia!
Indescritível,
indecifrável.
Que se ama e se agradece, e se teme e se deseja;
ao qual se volta sempre,
como a um lar, fatídico e feliz.

Exuberante e cruel,
maravilhosa,
a multiforme fauna,
presente ainda, condenada ao extermínio?
Os jacarés espichados, que atezam o sol.
As placas insidiosas das arraias.
As piranhas que serram carne viva.
E os peixes elétricos,
estalando a morte.
E os peixes de todos os tamanhos e luzes,
vorazes ou pacíficos,
miúdos,
brincalhões,
voadores.

Os peixes que dão vida,
holocausto à brasa e à pimenta.
Os pássaros vestidos a rigor,
senhores,
diplomatas.
Essa fileira de patos colegiais,
que espera um ônibus ali na margem...
E, de súbito, o pulsar
frágil de uma canoa.

E as nuvens, acima,
cansadas e fecundas.
As famílias que chegam, retirantes;
os enfermos que vão à deriva;
as cargas, e as cartas trêmulas;
as mulheres batendo a trouxa indiscreta;
os homens na popa, os homens no remo;
e os meninos banhando-se,
somando-se às águas, como peixes.
E eu, pela manhã, lavando-me do sono
com o espelho incandescente ao sol da outra margem;
eu, pela tarde, entrando,
reverente, estrangeiro,
vestido pela luz poente e pura,
na liturgia destas grandes águas...



PROFECIA EXTREMA

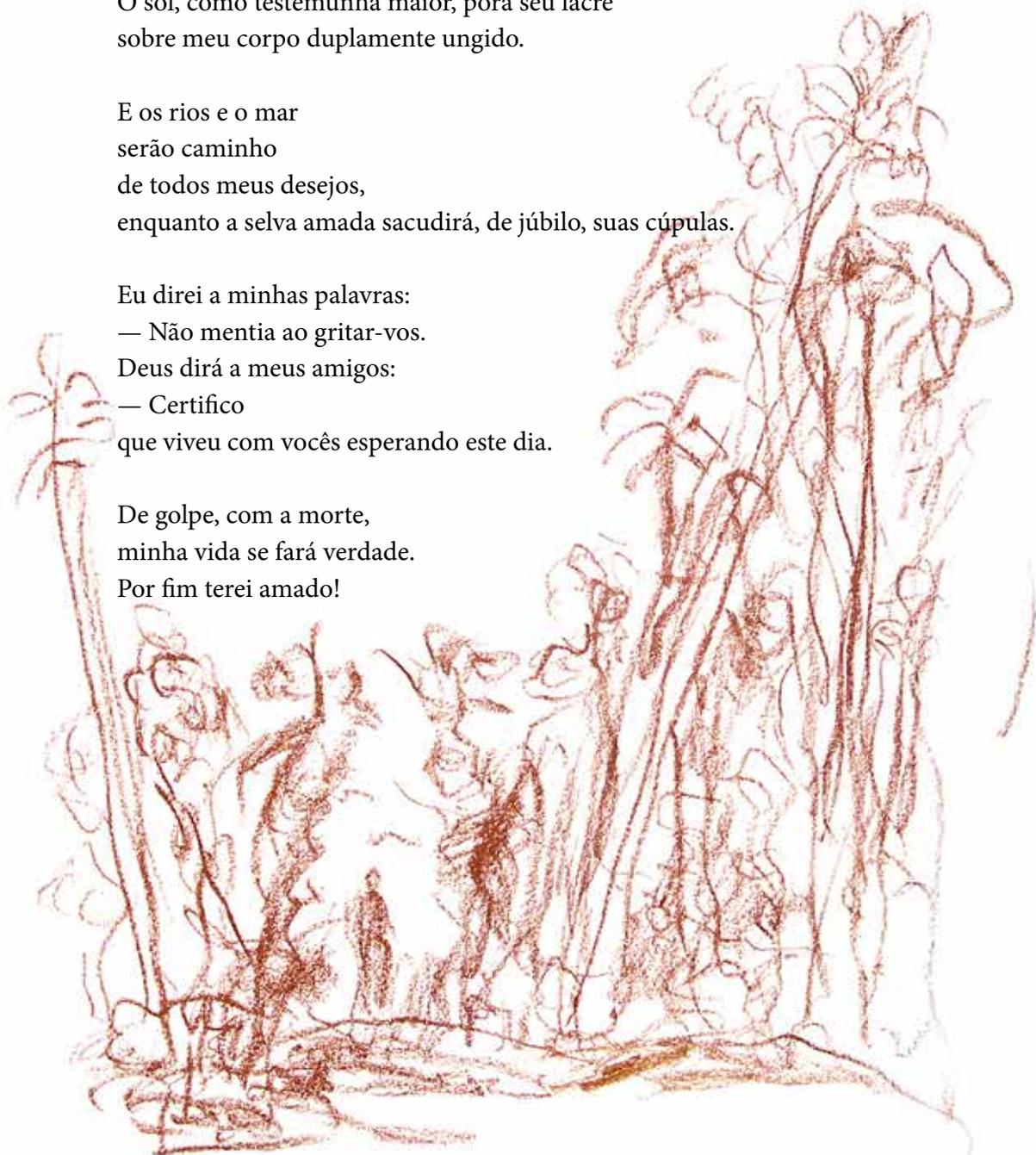
Eu morrerei de pé como as árvores.
Me matarão de pé.

O sol, como testemunha maior, porá seu lacre
sobre meu corpo duplamente ungido.

E os rios e o mar
serão caminho
de todos meus desejos,
enquanto a selva amada sacudirá, de júbilo, suas cúpulas.

Eu direi a minhas palavras:
— Não mentia ao gritar-vos.
Deus dirá a meus amigos:
— Certifico
que viveu com vocês esperando este dia.

De golpe, com a morte,
minha vida se fará verdade.
Por fim terei amado!



SENHOR JESUS!

Em inquérito, por subversão

Minha força e meu fracasso
és Tu.
Minha herança e minha pobreza.
Tu, minha justiça,
Jesus.

Minha guerra
e minha paz.
Minha livre liberdade.

Minha morte e vida,
Tu.
Palavra dos meus gritos.
Silêncio da minha espera.
Testemunha dos meus sonhos.
Cruz da minha cruz!
Causa da minha amargura,
Perdão do meu egoísmo,
Crime do meu processo,
Juiz do meu pobre pranto,
Razão da minha esperança,
Tu!

Minha Terra Prometida
és Tu...

A Páscoa da minha Páscoa, nossa Glória
para sempre, Senhor Jesus!



CEMITÉRIO DE SERTÃO

Para descansar
eu quero só
esta cruz de pau
como chuva e sol,
estes sete palmos
e a Ressurreição!

Mas para viver
eu já quero ter
a parte que me cabe
no latifúndio seu:
que a terra não é sua,
seu doutor Ninguém!
A terra é de todos
porque é de Deus!

Para descansar...

Mas para viver,
terra eu quero ter.
Com Incra ou sem Incra,
com lei ou sem lei.
Que outra Lei mais alta
já a Terra nos deu
a todos os pobres
sem voz e sem vez;
que os filhos da gente
são gente também!

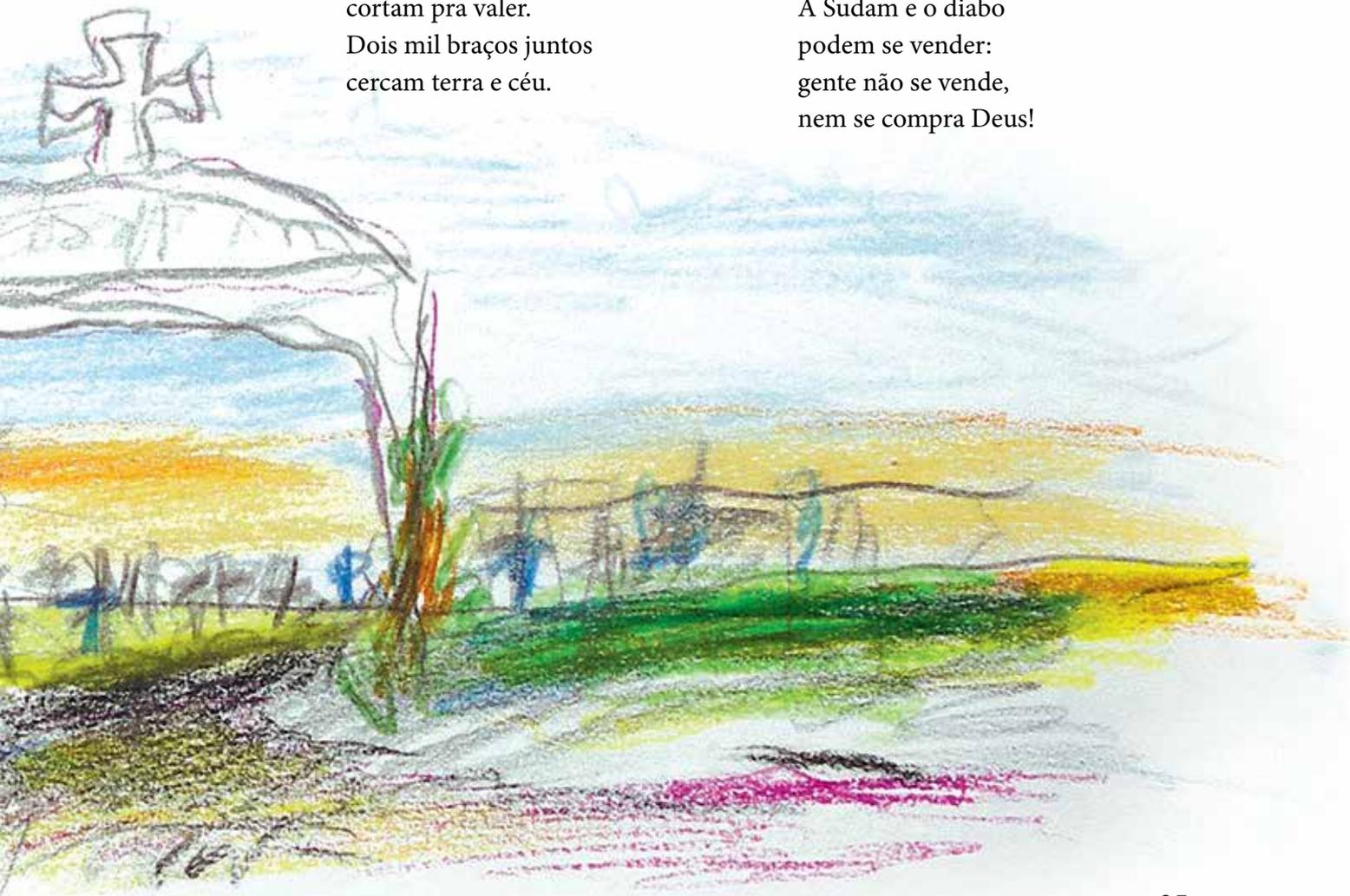


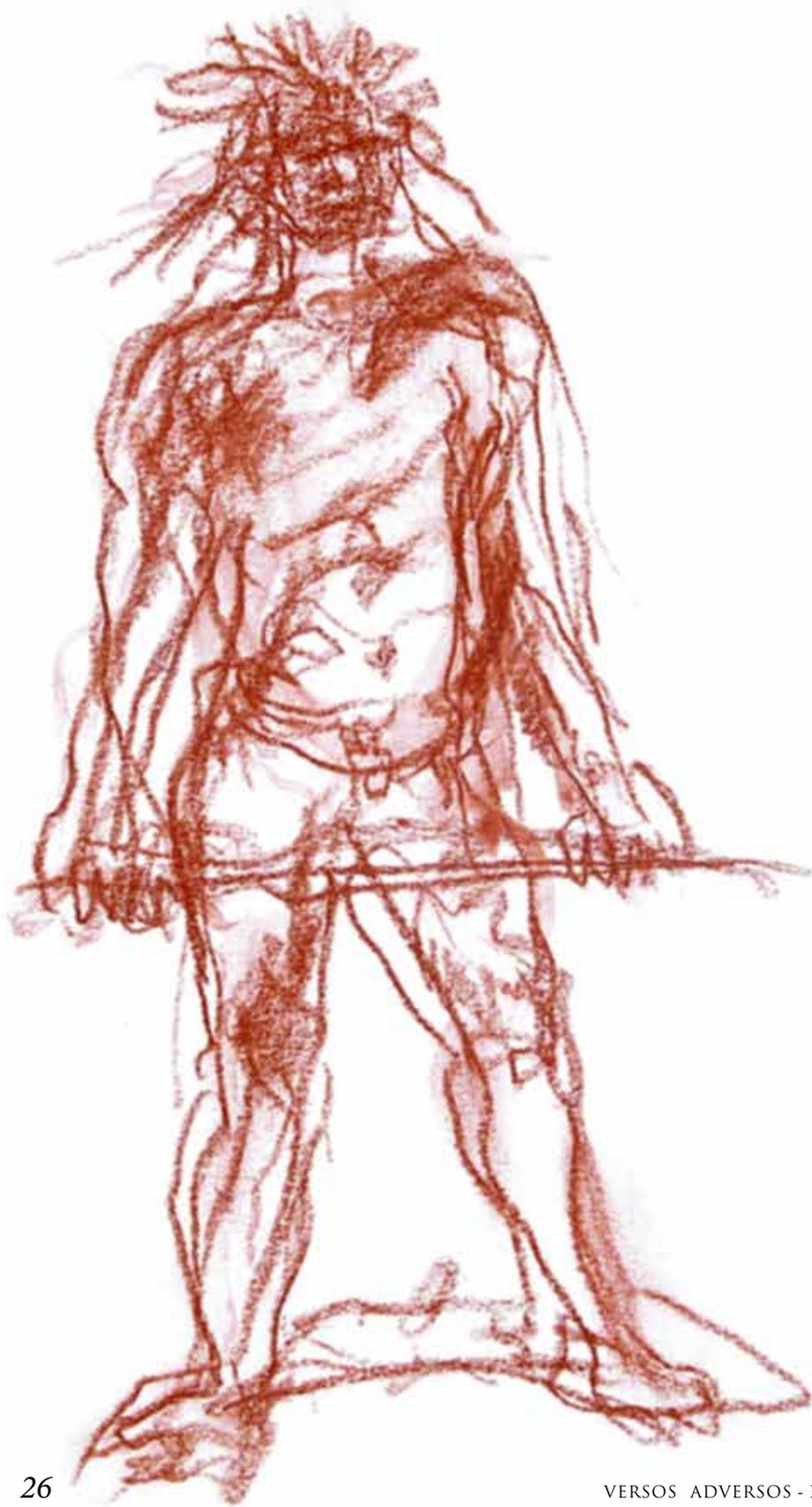
Para descansar...

Mas para viver,
terra exijo ter.
Dinheiro e arame
não nos vão deter.
Mil facões zangados
cortam pra valer.
Dois mil braços juntos
cercam terra e céu.

Para descansar...

Mas para viver,
terra e liberdade
eu preciso ter.
E não peço esmola
nem compro o que é meu.
A Sudam e o diabo
podem se vender:
gente não se vende,
nem se compra Deus!





PROCLAMA INDÍGENA

*Nas Ruínas de São Miguel,
na capela onde foi batizado
São Sepé Tiaraju.
27 de abril de 1978,
Ano dos Mártires*

Povos dos Sete Povos,
Povos do Continente,
mortos, ainda vivos,
escutai o proclama!

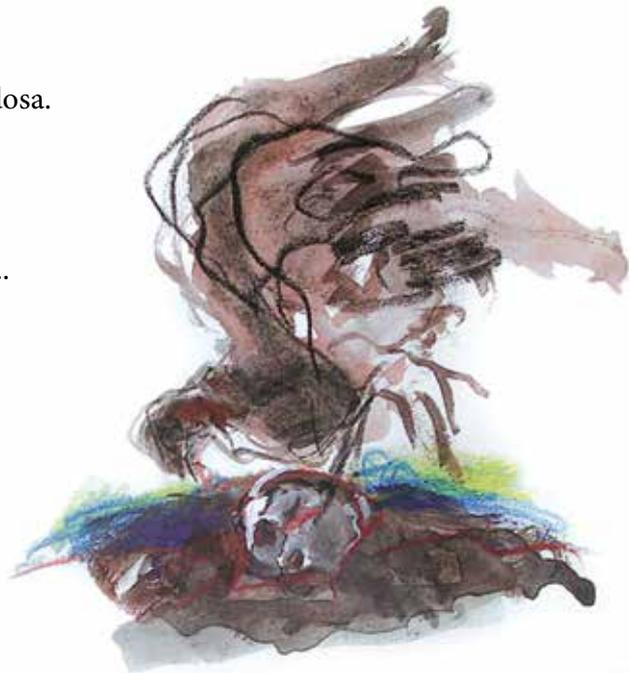
(... O velho Uataú
abre, com nobre gesto de cartógrafo,
sua esteira de palha:
 os dedos do seu povo caminharam por ela,
 do mato para a aldeia urbanizada,
 da aldeia urbanizada para o fatal turismo,
 para a morte matada oficialmente.
Com a língua enrolada na recente cerveja integradora,
professa sua fé:
 — “Índio não morre,
 índio vira pedra,
 vira pedra bonita junto ao Berocá...”
Foi campeão de luta, cacique por direito de olimpíada.
Conhece a malandragem por contágio,
salvou-se do contágio do bacilo de Koch, por privilégio.
Conheceu não sei quantos presidentes do chamado Brasil...

Com a raiva dos pobres oprimidos,
os dois Tapirapé, pela enésima vez, vão a Brasília.
Uma tal de Funai
deverá garantir-lhes
a terra e o futuro.
(Os mortos ancestrais não garantem mais nada.
Vão garantir os mortos adventícios?)

Mortos, ainda vivos,
escutai o proclama!

(A dez metros da estrada da “Integração Pecuária”,
enterramos os ossos violentados do “Índio Guajará”.
Integrados em vida na comunhão barata — peão de latifúndio;
integrados
na solidão,
no crime...

Dispersos pela morte,
raspados a cutelo de urubu,
purificados
pela póstuma graça da chuva piedosa.
A Civilização-maldita-seja
desentendeu-se deles
com o fácil, prudente veredicto
de uma lata de creolina asséptica...



Detrás,
toda essa terra
pátria-ira-Xavante,
Suiá-Missu,
roubo-prisão-vitrina,
paulista, vaticana (?), pseudonacional-multi,
mea culpa Sudam — tarde e sem jeito —
modelo do Modelo...
Adiante,
na cobiça financiada dos novos bandeirantes,
menores, subsequentes, gaúchos de segunda,
aquele Urubu Branco,
Sinai Tapirapé...
E os rios,
estes rios outrora preservados na inocência,
cruzados pela lua e os pássaros e o vento,
rios de paz, de peixes, de livre liberdade,
agora profanados...
Araguaia, punido Berocá!
Xavantino aramado!
Tapirapé enlameado de turismo...!)

Mortos, ainda vivos,
escutai o proclama!
É tempo de Paixão,
na Liturgia,
na Terra violada,
na luta, na agonia destes Povos primeiros,
na teimosa incerteza deste meu Povo sempre preterido...



Será Tempo de Páscoa
na incendiada paixão que nos irmana,
de norte a sul, de oeste até a aurora?,
na pródiga jurema
que costura de branco
a noite e os caminhos sertanejos?,
nestas terras, cercadas pelo arame
dessa Piraguassu — que Deus confunda —,
rumo ao Marajá, rumo às claras salinas
onde os carnaubais abrem em leque
seus verdes documentos
ainda não arquivados;
onde o poente doura
o coração das muitas águas virgens?
Será Páscoa,
por fim?



Este cavalo ruço, em que cavalgo,
hasteia, como mastros, as orelhas,
cerzidas de mutucas,
e assunta, com profético alvoroço,
esses Ventos Gerais
que prenunciam
o tempo de verão,
a nova era...

Mortos, ainda vivos,
escutai o proclama!

A enchente do varjão invade o mundo
como um feraz augúrio da utopia.
(A cobra espreita, de tocaia, o passo.
É hora de vigília!)

Mortos, ainda vivos:
navegar é burlar a linha reta...
Canoas Javaé, ganhai os furos!
 (Impucas de Formoso, nas costas do Bradesco,
 por onde o mururé quebra seu roxo luto florescido
 em memória dos findos Canoeiros.)

Deuses um dia destas largas águas,
sacerdotes da lua nas areias,
juntai todos os remos, festeiros Karajá,
como outros braços
subversivos,
uníssonos
 no ritmo,
 na procura
 e ainda na impossível necessária arribada!
 (Ilha do Bananal,
 parque apenas de impostos!)
É Tempo de Paixão,
mas será Páscoa!



Maiê, Deus respondeu, juro por Ele.
Alguém
já veio
e está dando a resposta

em Carne
em Cruz,
em Páscoa.

Passa o recado a todas as malocas;
solta o grito de luta e de vitória

por todos os caminhos, profanados de medo;

comunica o segredo jubiloso
ao coração desperto dos túmulos dormidos.

Patriarca São Sepé,

clareia o Novo Dia, que a noite secular gerou no sangue.

Convoca em assembleia permanente o Povo dos teus Povos!

Contesta ao general de Gomes Freire com a mesma palavra enaltecida!

Convoca os teus guerreiros,

Sepé,

Tiaraju,

Miguel nativo,

e enfrentai com as flechas, enfeitadas de aurora,

os cansados canhões dos invasores!

(Se a terra vira aldeia,
e a aldeia vira vila:
vire a vila cabana
dos escravos unidos em revolta!)



Índios, Povo dos Povos das mal chamadas Índias,
benditos Povos, Povo com nome e com futuro.

Índios, irmãos primeiros,
pais desta filha pródiga esquecida

— América ameríndia novamente!,

mestres impreteríveis da nossa farta-ciência-fracassada,
profetas esperados da nossa sem-saída-suficiência,
profetas do retorno à terra, ao sol, à lua, ao vento restaurado,
arautos primigênicos do Evangelho dos pobres...!

Não aceiteis projetos, nem promessas,
nem esmolas, nem lágrimas inúteis.

Exigi,

com recibo
de raízes e sangue,
o direito supremo que vos cabe!

Não queirais ser postal televisivo de presidente ou núncio,
agenda de ministro em reportagem
ou granja de autarquia...

Não queirais ser vitrina arqueológica de fósseis para-humanos,
nome de rua exótico,
vergonha em rua rio sem memória,
festiva nostalgia de falso carnaval de um Povo vítima...

Nem menos queirais ser
história pervertida de Missão,
martírio de um martírio utilizado,
escusa prostituta de Evangelho...!

Irmãos:

nem sois menores,
nem mortos,
nem ausentes!



Vós sois a nossa causa

(causa do nosso pranto envergonhado,
causa de nossa incólume esperança).

Os pobres de Jahvé de um Continente,
a flor sempre queimada, semente rediviva
do sempre Povo-Resto.

Povos de todo um Povo, cada vez mais fraterno
na agonia e na espera
das terras profanadas pelo western
aos depredados troncos dos pinheiros;
do eterno Machu-Pichu vigilante
a esta Terra-Pedra

— Ruína
acordando,
monumento-ferida-em-desafio.

Caçados,
tutelados,
vendidos,
integrados

no capim, no minério,
agora novamente emancipados

(O gavião Pombal já emancipou os índios,
Ministro Rangel Reis!).

Mártires indefesos
pelo Reino de Deus feito império,
pelo Evangelho feito decreto de conquista.
Vítimas nos massacres que ficaram com nome glorioso
na mal contada História,
na mal vivida Igreja.

(Santa Maria da infeliz Vitória!

Ó triste catedral de Porto Alegre,
assentada, em sacrílego domínio
sobre as pátrias cabeças decepadas!)

Mártires-sempre-mártires..

E todavia sempre

sobreviventes,

sempre

protótipo fecundo da contextura humana.

Descalços do consumo que nos consome a todos vorazmente;
nus dessa Propriedade privada que nos priva de sermos irmandade;
gloriosos marginais deste progresso monstro
que substitui o Homem, a Natureza, Deus...

Irmãos dos Sete Povos,

Povos do Continente,

mortos, ainda vivos!

Irmãos

de todo tempo,

do já perdido nome,

do sangue novamente reclamado;

raiz da nossa História pressentida,

santos do nosso cânon recobrado na noite:

rogai por nós,

valei-nos ante Deus,

perante o novo Dia.

(Juntai-vos a seu coro, penitentes por nós, sangue com sangue,

Roque, João, Afonso,

Rodolfo, João Bosco... !)



Vinde em nosso auxílio,
de ontem e de hoje,
Sepé Tiaraju, Simão Bororo.
Vinde pacificar-nos!
Integrai-nos em vossa liberdade!
Zelai pelas fogueiras ainda crepitantes

nas aldeias!

Rogai por nosso Cimi perseguido no Templo e no Pretório!
Rogai por nossas vidas sem arco e sem estrelas!
Dai-nos ainda um prazo de dança e de Evangelho!...

Escutai o proclama,
atendei nossa prece!
Vós sois a nossa causa perdida salvadora!
Vós sois a necessária urgente utopia!
A nova inevitável esperança de todo um Continente!,
o prólogo

nativo

indispensável

da nova Boa Nova do prístino Evangelho
do Senhor Jesus Cristo!





ARAGUAIA

Nosso Araguaia querido,
Praia dos homens-canoas,
Divisa do Cativoiro,
Giro da Bandeira Verde,
Porteira do Latifúndio,
Banzeiro da Indignação,
Guerrilha de Ventanias,
Mar Vermelho da Esperança,
nosso Araguaia querido!



“O SILÊNCIO”

Pelos campos – amados – do Goiás,
a estrada nos levava,
dóceis, por entre cercas
e sinalizações.
E o gravador do ônibus
nos brindava “O Silêncio”.

Canto de Paz em guerra?
Canto de Guerra em paz?

Era o Rio das Almas
quem cantava,
presente a cada curva,
negro e verde de mortes e de esperas?

Eram as pedras múmias?
As palmeiras, rebeldes
ao vento censurado?
Os bois, em mansa sesta ruminante?



Na mão do boiadeiro,
igual a um arripio de exótica tourada,
ou mais provavelmente
novo trato banal de frigorífico,
a bandeira vermelha
contestava o azul.
(Sangue de quem?
Preço de que esperanças?)

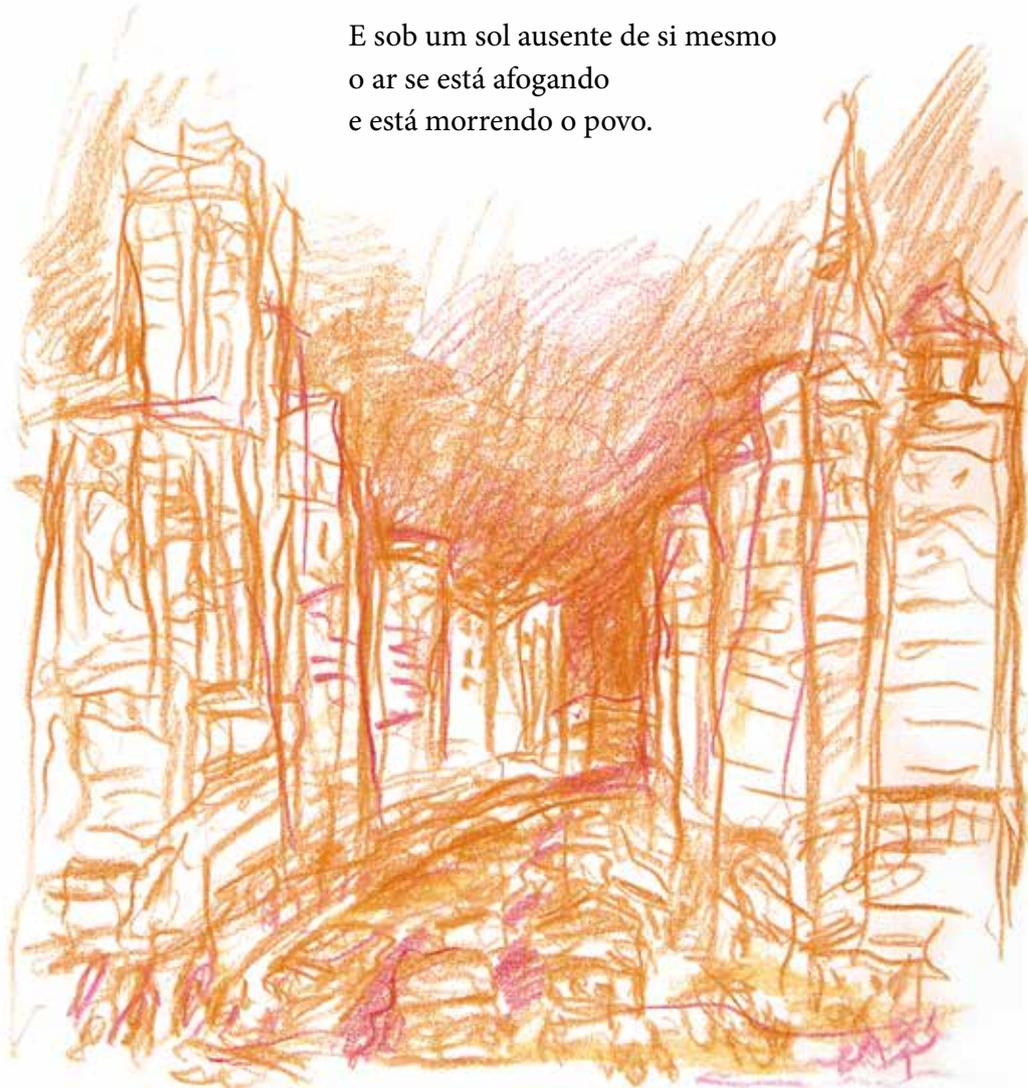
Os montes limitavam o espaço.
E o sol do meio-dia
detinha em tempo o Tempo.

MEGALÓPOLE

As janelas dos prédios
no espaço invadido
se olham sem se ver.

As ruas se entrecruzam
sem nunca se encontrar,
transbordando de gente.

E sob um sol ausente de si mesmo
o ar se está afogando
e está morrendo o povo.



MARIA DE NAZARÉ



Para não ser Deus apenas
o Verbo emprestou de mim
a carne que faz o homem.
E eu lhe disse que sim
para não ser moça apenas.

Para não ser vida apenas
o Verbo emprestou de mim
a carne que cria a morte.
E eu lhe disse que sim
para não ser mãe apenas.

Mas para ser Vida Eterna
o Verbo emprestou de mim
a carne que ressuscita.
E eu lhe disse que sim
para não ser tempo apenas.

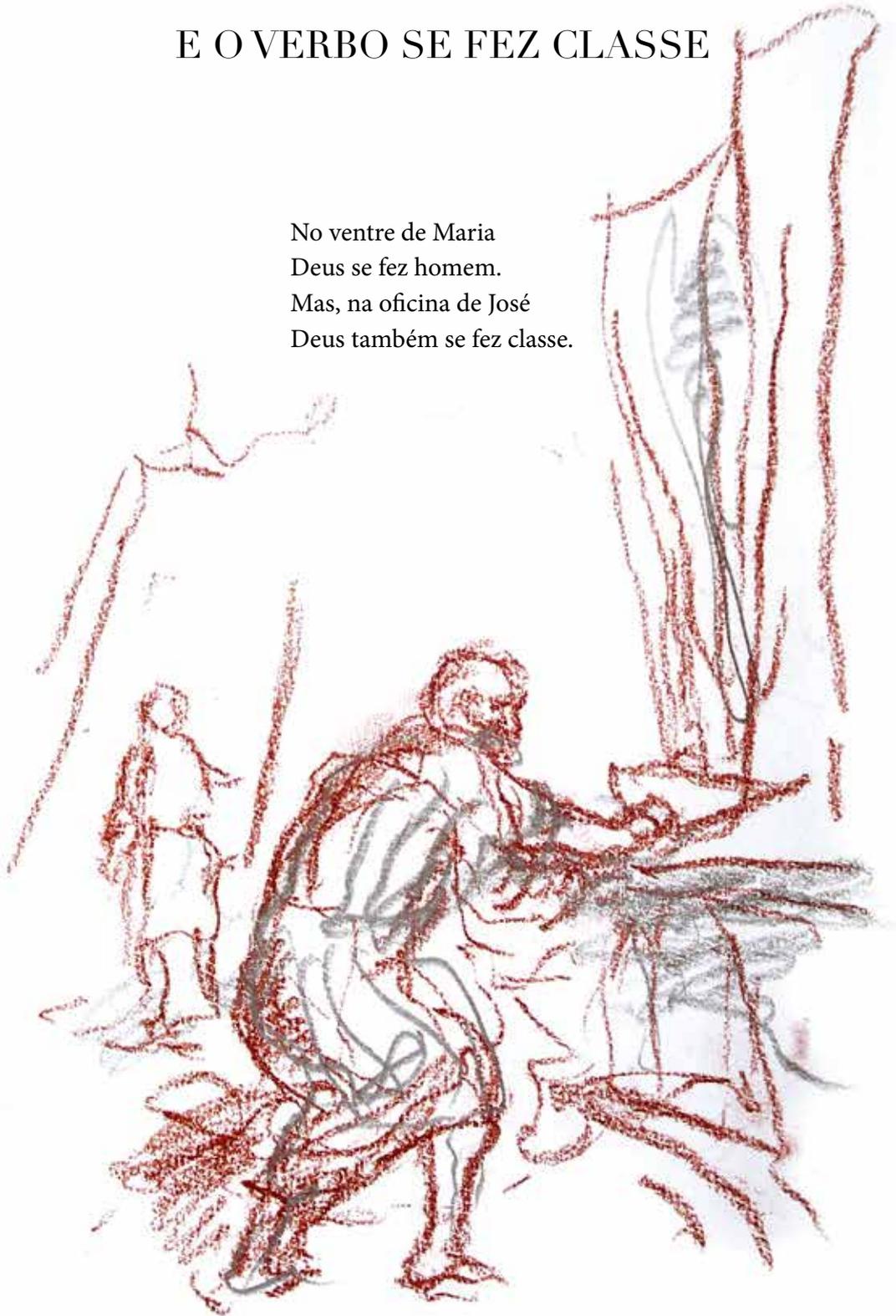
CONSTATAÇÃO DE NATAL

Não vi a estrela falada,
mas vi que Deus era pobre.
Maria estava acordada
e estava acordada a noite
e estava desacordado,
para sempre, o rei Herodes.



E O VERBO SE FEZ CLASSE

No ventre de Maria
Deus se fez homem.
Mas, na oficina de José
Deus também se fez classe.



INQUÉRITO DE NATAL



Velho do capuz,
onde está o Menino
chamado Jesus?



Quem cultiva a Paz,
quando a guerra rende?



Onde a Boa Nova,
pregador de sorte?

Quem crê na Promessa,
onde o banco atende?



Com estrelas Philips,
quem descobre o norte?



Quem acolhe os pobres,
se não está Maria?



Cadê o boi e a mula
para dar pousada,



Quem matou a Noite,
que nos trouxe o Dia?



aonde o Latifúndio
levou a boiada?

Velho do capuz,
diabo ocidental,
onde está o Jesus
que fez o Natal?



JESUS CRISTO

Não te envergonhes nunca
de proclamar seu Nome
deletreado em vida.

Mostra seu Rosto glorioso
no fulgor dos teus olhos calcinados.

Exibe a garantia do seu Sangue
na hora do combate e da derrota,
na hora da esperança.

Comunga seu Espírito
na Hóstia,
no silêncio
e no grito dos pobres.

Abraça-o em toda carne humana.

E espera seu Retorno seguro, imprevisível,
enfincando teus pés no dia a dia.



PEREGRINOS DE EMAÚS

Pela estrada de Emaús,
caminhando lado a lado
sem conhecer-te, Jesus,
peregrino disfarçado...

Peregrino impertinente,
disfarçado em todo irmão
que caminha com a gente,
forçando a luz do poente,
querendo partir o Pão.

Sem conhecer-te, Jesus,
Páscoa em caminho ainda,
peregrinas de Emaús
minha fé e tua Vinda!



“SEDUZISTE-ME, SENHOR”

“Seduziste-me, Senhor,
e eu me deixei seduzir”
desde que aprendi teu Nome
no balbucio de casa.

“Seduziste-me, Senhor,
e eu me deixei seduzir”
e queimei a mocidade
no fogo de tua espera.

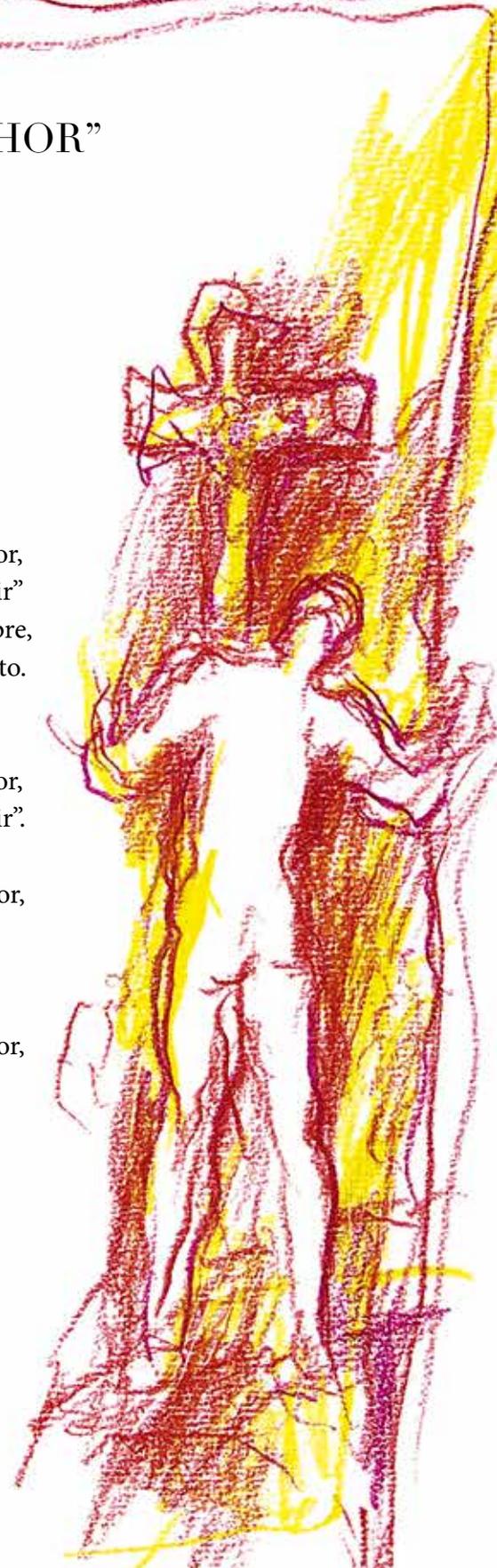
“Seduziste-me, Senhor,
e eu me deixei seduzir”
em cada novo chamado
que vinha do além dos mares.

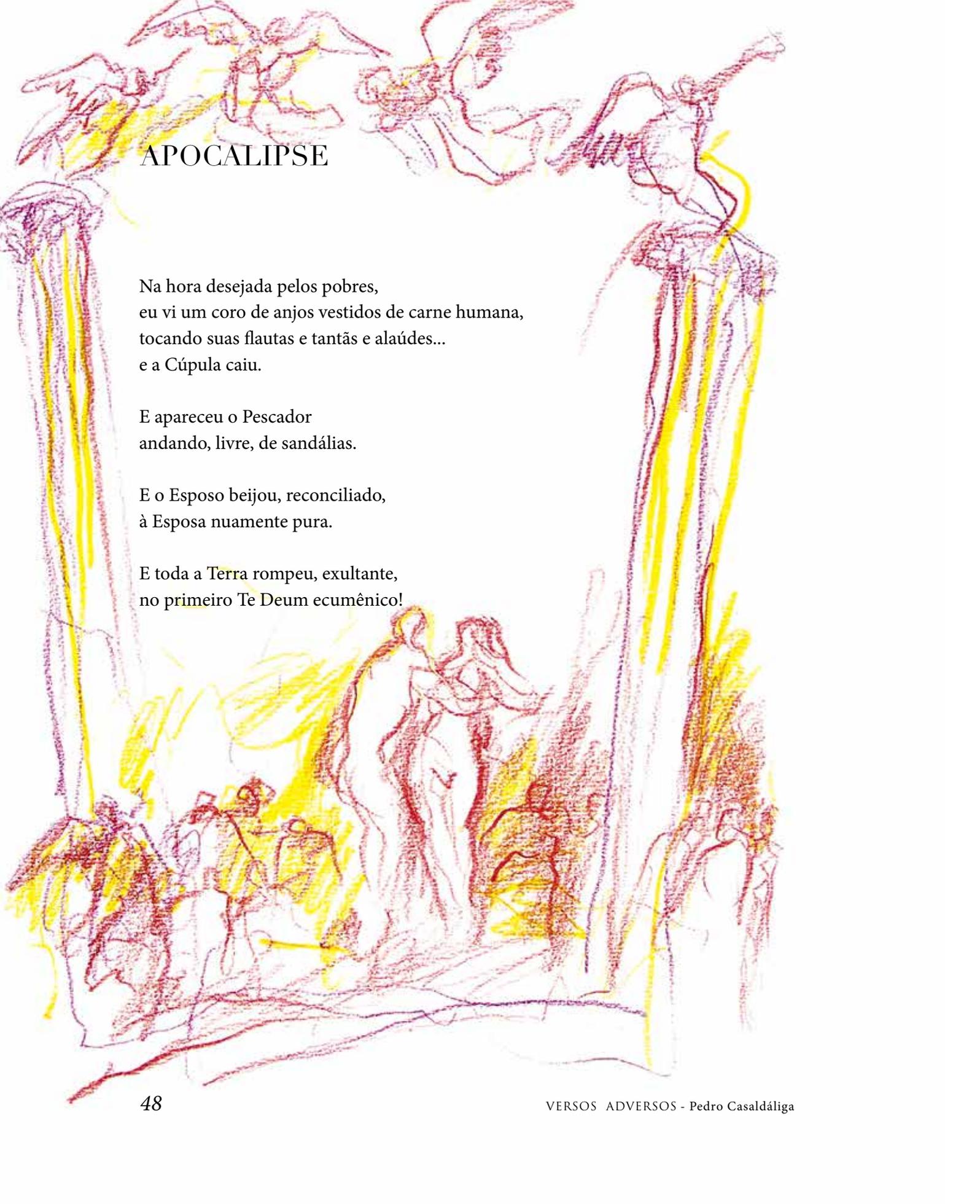
“Seduziste-me, Senhor,
e eu me deixei seduzir”
até os limites do dia,
até a fronteira da morte.

“Seduziste-me, Senhor,
e eu me deixei seduzir”
em cada rosto de pobre,
à procura do teu Rosto.

“Seduziste-me, Senhor,
e eu me deixei seduzir”.
Numa luta desigual,
dominaste-me, Senhor,
e foi tua a vitória.

Seduzimo-nos, Senhor,
numa troca desigual,
e foi nossa a vitória!





APOCALIPSE

Na hora desejada pelos pobres,
eu vi um coro de anjos vestidos de carne humana,
tocando suas flautas e tantãs e alaúdes...
e a Cúpula caiu.

E apareceu o Pescador
andando, livre, de sandálias.

E o Esposo beijou, reconciliado,
à Esposa nuamente pura.

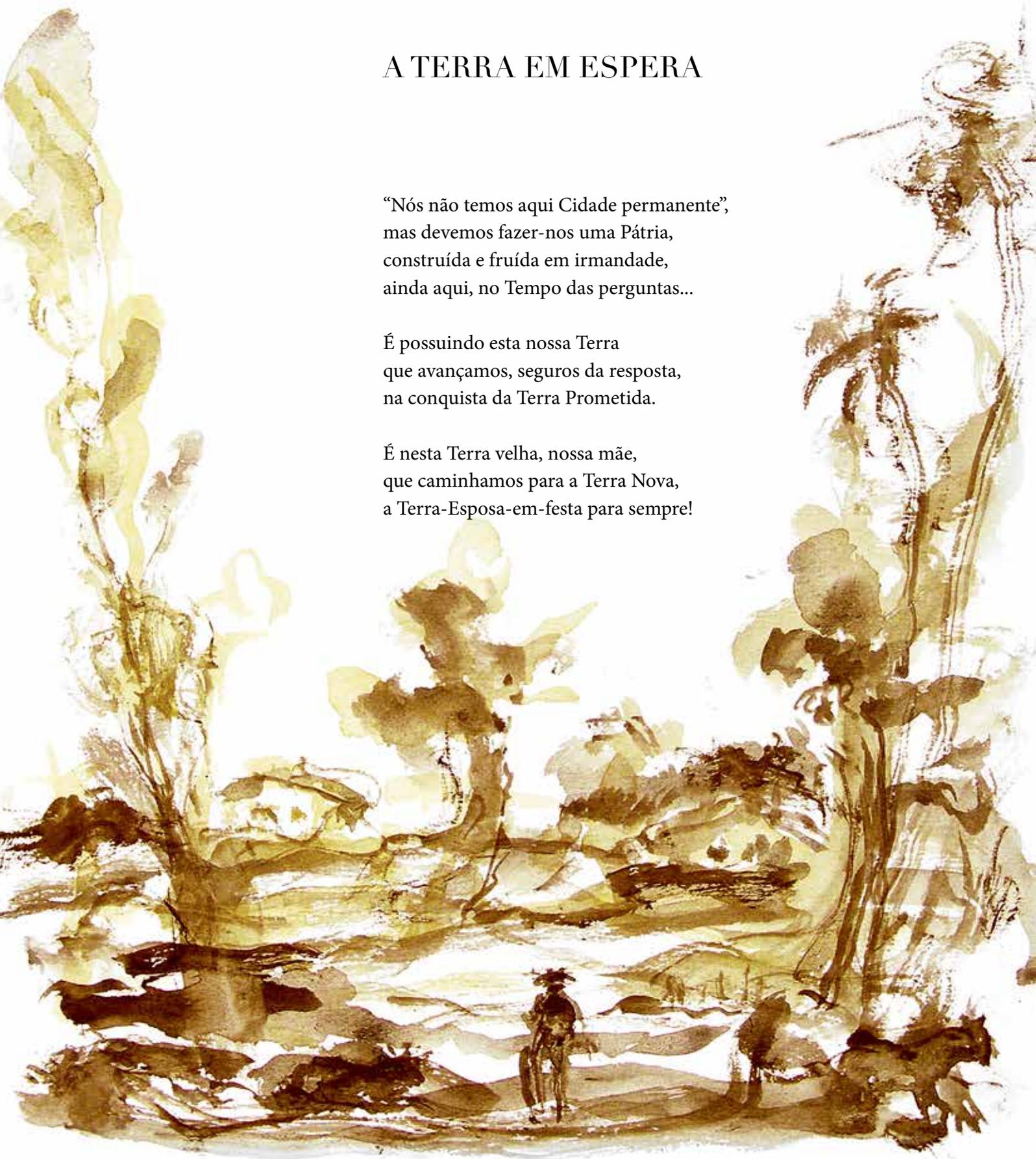
E toda a Terra rompeu, exultante,
no primeiro Te Deum ecumênico!

A TERRA EM ESPERA

“Nós não temos aqui Cidade permanente”,
mas devemos fazer-nos uma Pátria,
construída e fruída em irmandade,
ainda aqui, no Tempo das perguntas...

É possuindo esta nossa Terra
que avançamos, seguros da resposta,
na conquista da Terra Prometida.

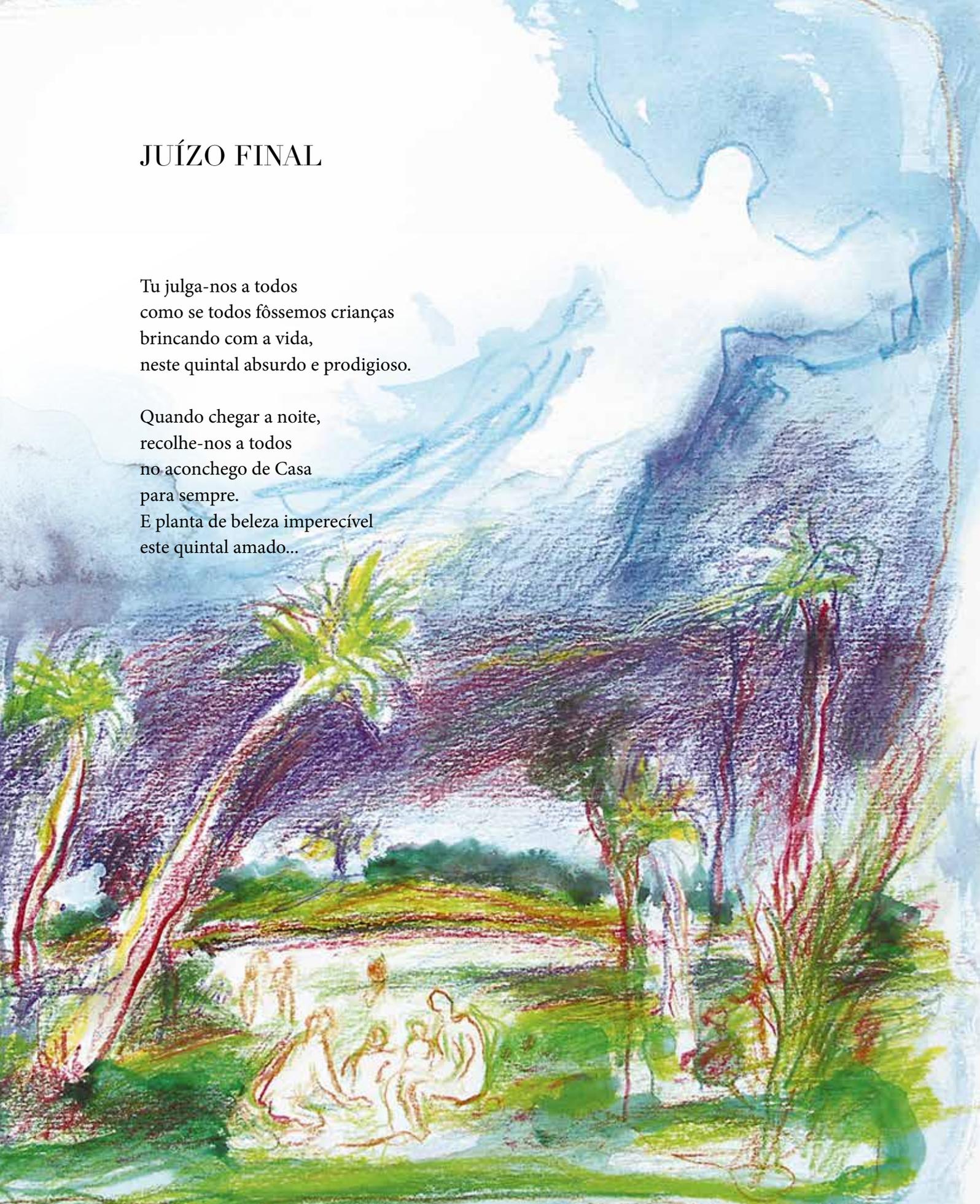
É nesta Terra velha, nossa mãe,
que caminhamos para a Terra Nova,
a Terra-Esposa-em-festa para sempre!



JUÍZO FINAL

Tu julga-nos a todos
como se todos fôssemos crianças
brincando com a vida,
neste quintal absurdo e prodigioso.

Quando chegar a noite,
recolhe-nos a todos
no aconchego de Casa
para sempre.
E planta de beleza imperecível
este quintal amado...



DÁ-NOS A TUA PAZ!

Dá-nos, Senhor, aquela Paz estranha
que brota em plena luta
como uma flor de fogo;
que rompe em plena noite
como um canto escondido;
que chega em plena morte
como o beijo esperado.

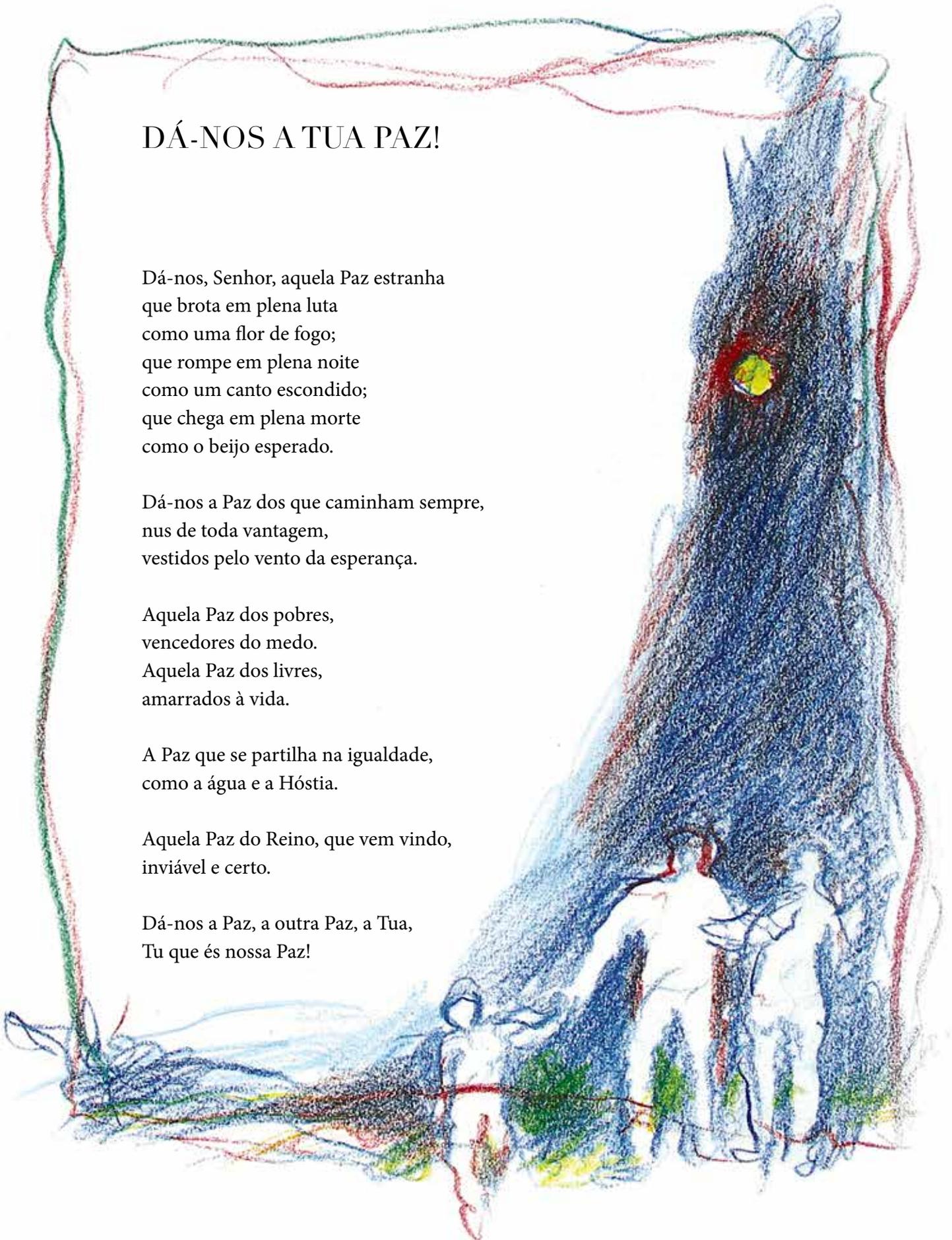
Dá-nos a Paz dos que caminham sempre,
nus de toda vantagem,
vestidos pelo vento da esperança.

Aquela Paz dos pobres,
vencedores do medo.
Aquela Paz dos livres,
amarrados à vida.

A Paz que se partilha na igualdade,
como a água e a Hóstia.

Aquela Paz do Reino, que vem vindo,
inviável e certo.

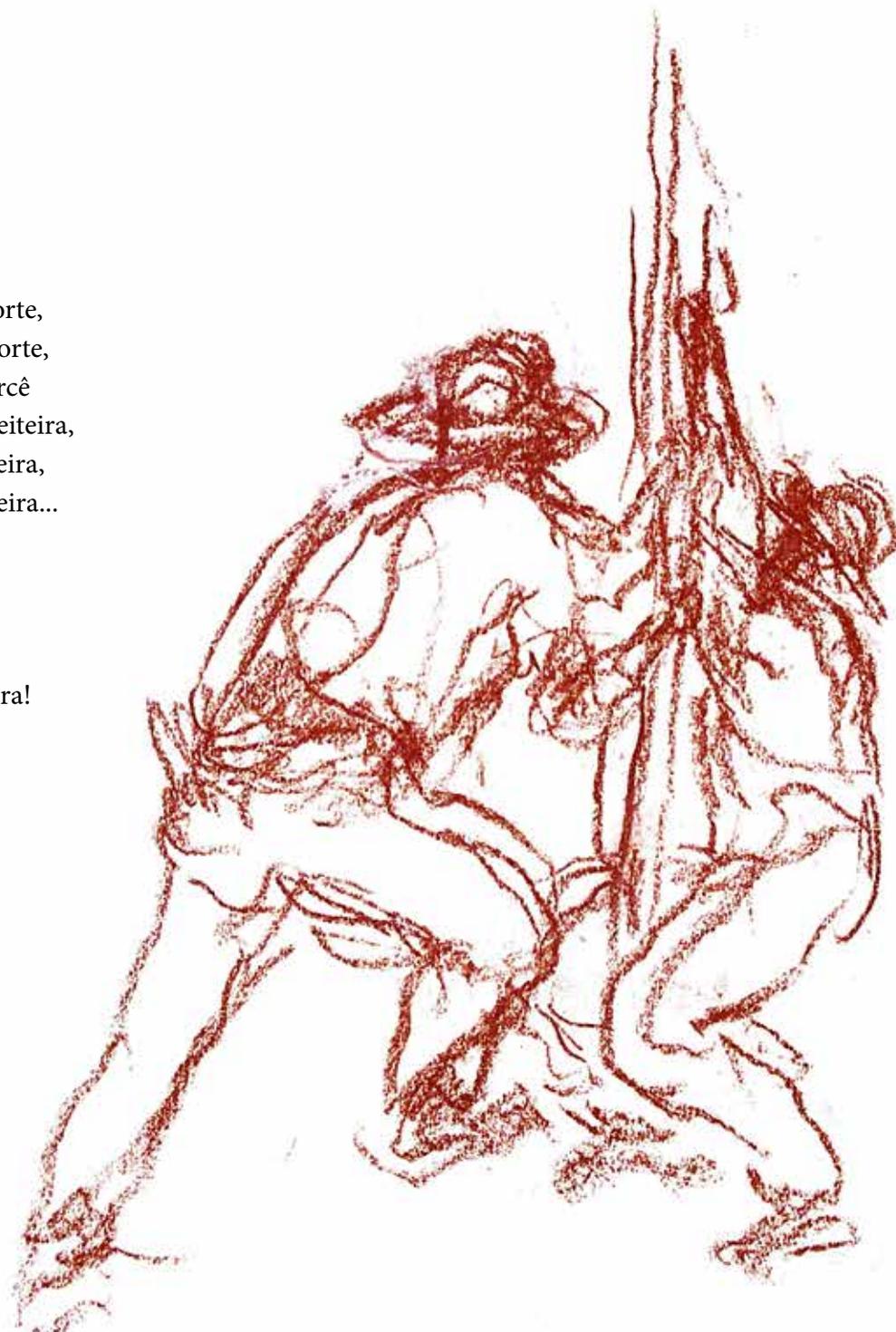
Dá-nos a Paz, a outra Paz, a Tua,
Tu que és nossa Paz!



PEÃO DO TRECHO

Peão,
pião,
não está,
não é,
madeira da sorte,
na roda da morte,
girando à mercê
da mão empreiteira,
da farra matreira,
da louca peixeira...

Pião à mercê,
que não está,
que não é
... e quase já era!



PICOLEZEIRO

Com seus dez anos, sabido
como dez livros completos,
no isopor, a tiracolo,
leva sua vida a preço.

Picolezeiro,
por um sorriso
dou-te um cruzeiro.

Seu coração pequenino
será um picolé vermelho,
massa de frágil ternura
se derramando num gelo?

Picolezeiro,
o teu sorriso
vale um cruzeiro?

Passam os ônibus, passam
por suas mãos os dinheiros.
Descalço de pés e sonhos,
só ele é passageiro.

Picolezeiro,
só valeis isso,
tu e companheiros?

Picolés de milho verde
e uma espiga de protesto:
não te vendas mais em trocos,
tira o tiracolo em tempo!



CAMINHO QUE A GENTE É

Evocando a Antônio Machado.

Retirante,
só caminho
é que há.

Terra de roça e morada
não tem mais.
Os sete palmos de outrora
nem todos vão encontrar!

Retirante,
caminheiro,
só caminho
é que há.

Caminho que a gente é,
caminho que a gente faz:
Para viver,
para andar;
para outros caminheiros
se ajuntar.
Caminho
para os parados
se animar.
Para os perdidos
de novo achar.
Para os mortos
não faltar!



Caminho que a gente é,
caminho que a gente faz.
Se tem cerca,
não tens braços
e facão para cortar?
Se a noite fechou-te o rumo,
procura junto aos irmãos:
coração em companhia,
sempre encontra seu luar.

Deus é Deus
em tudo e sempre.
A História
a gente a faz
lavrando no dia a dia
nossa hora e seu lugar.

Recolhe o sangue dos mortos
no sol de cada manhã.
Colhe dos velhos o alerta.
Dos moços, colhe o afã.
Dos índios, a liberdade.
E das crianças, a paz.

Faz do canto do teu Povo
o ritmo do teu andar.
Sacode o largo letargo,
deixa a saudade pra trás:
quem caminha na esperança
faz no hoje o amanhã!



Deixa os garimpos de lado,
se te queres bamburrar.
A Terra, que é mãe de todos,
amor de todos será!

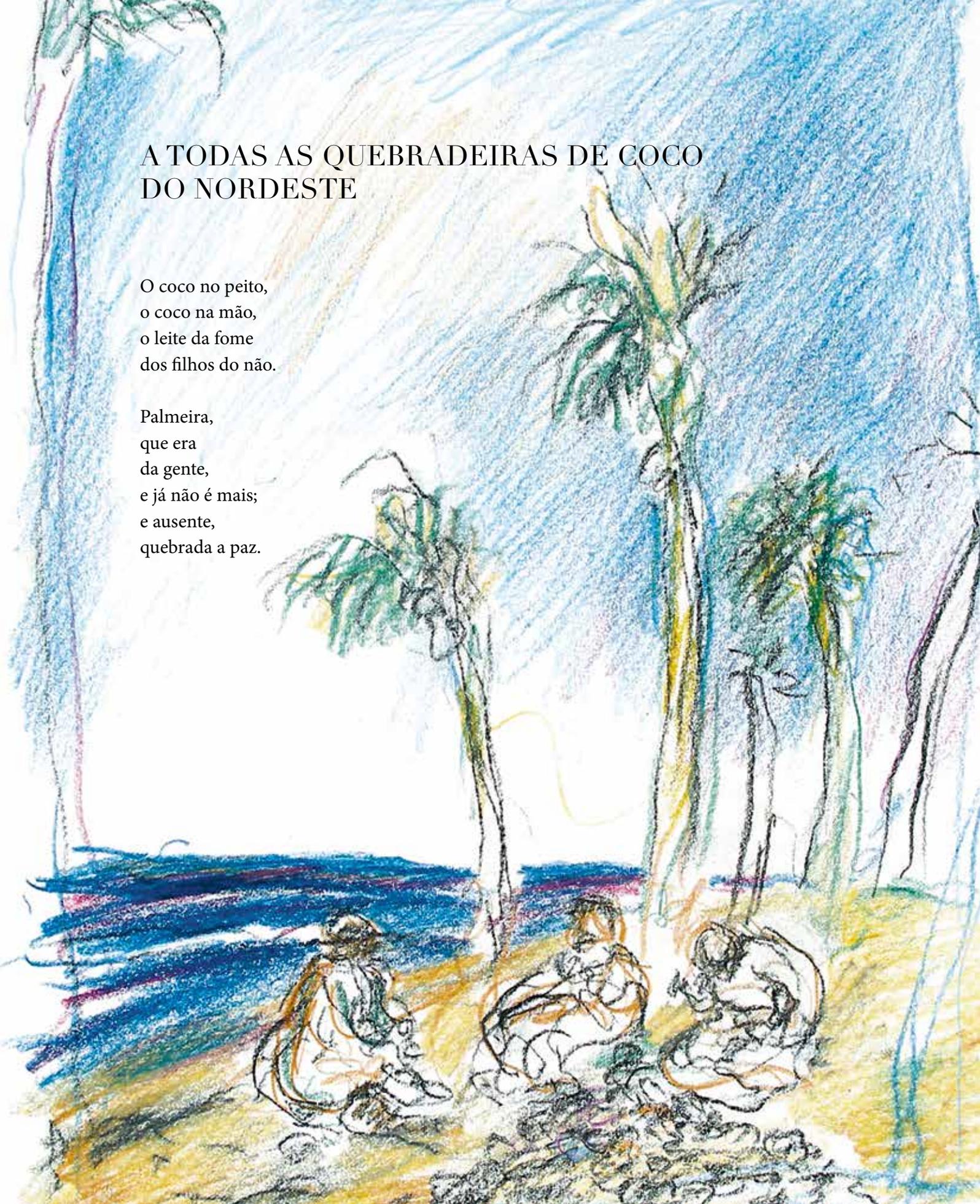
Caminheiro,
companheiro,
só caminho
é o que há:
caminho que a gente é,
caminho que a gente faz!

Por ora,
isso é o que há...
mas, um dia, o mundo vira
e tem o que haverá!

A TODAS AS QUEBRADEIRAS DE COCO DO NORDESTE

O coco no peito,
o coco na mão,
o leite da fome
dos filhos do não.

Palmeira,
que era
da gente,
e já não é mais;
e ausente,
quebrada a paz.

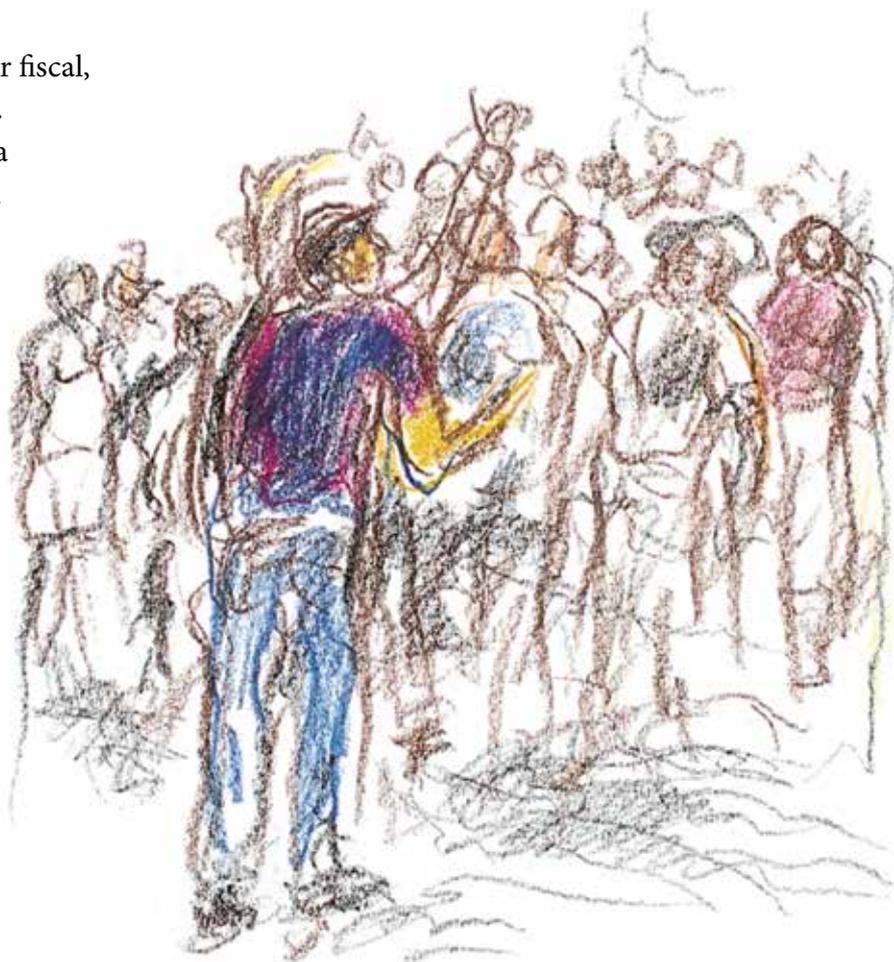


BANDEIRA ABERTA

Faz de tua ideologia
uma bandeira aberta.
Não faças um mau caráter.

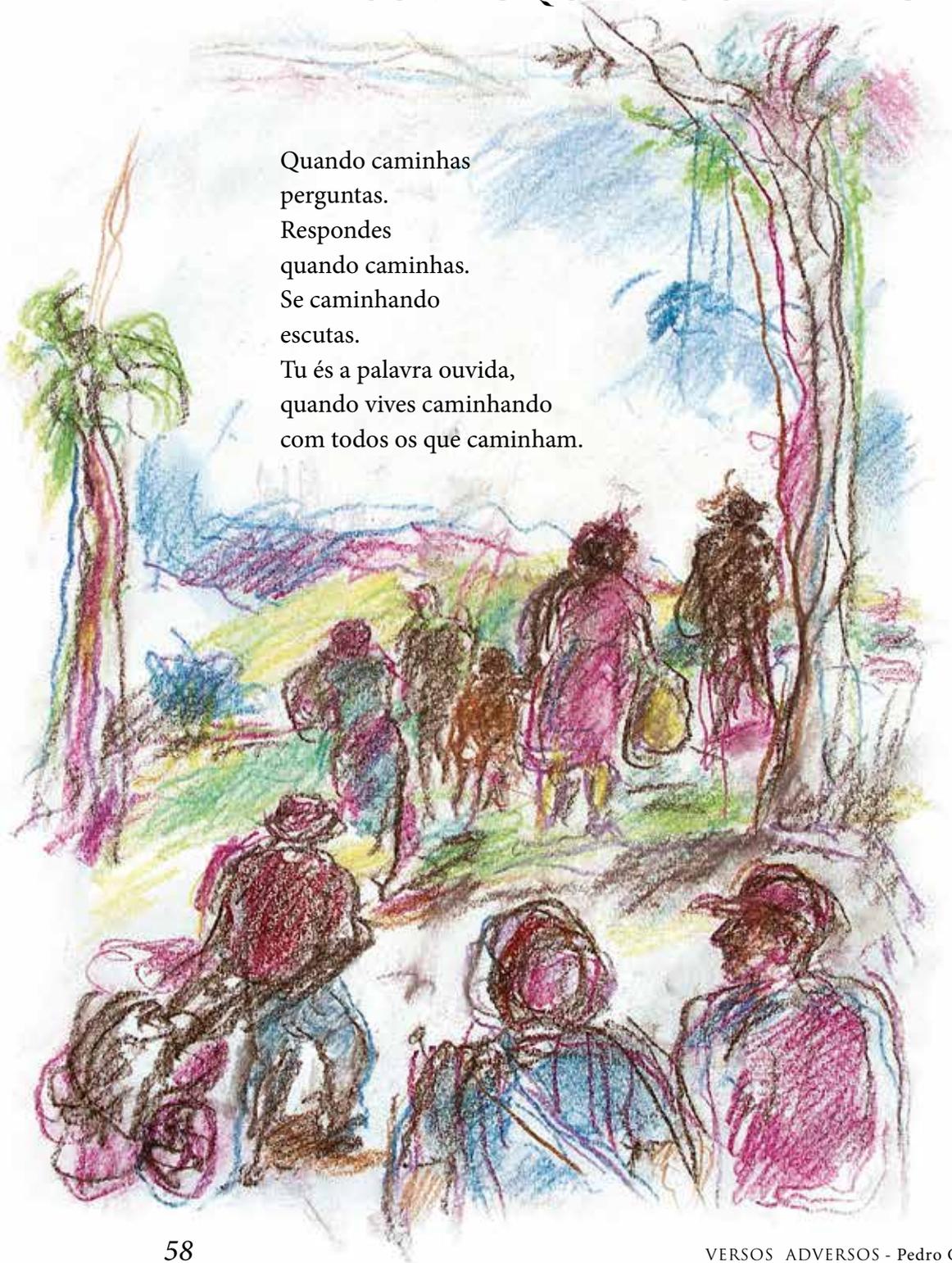
Não faças de tua fé
uma agressão redentora.
Faz sempre dela
um Sermão da Montanha.

Não queiras ser fiscal,
sê testemunha.
Sê mais profeta
que pontífice...



PERGUNTAS QUANDO CAMINHAS

Quando caminhas
perguntas.
Respondes
quando caminhas.
Se caminhando
escutas.
Tu és a palavra ouvida,
quando vives caminhando
com todos os que caminham.



EVASÃO

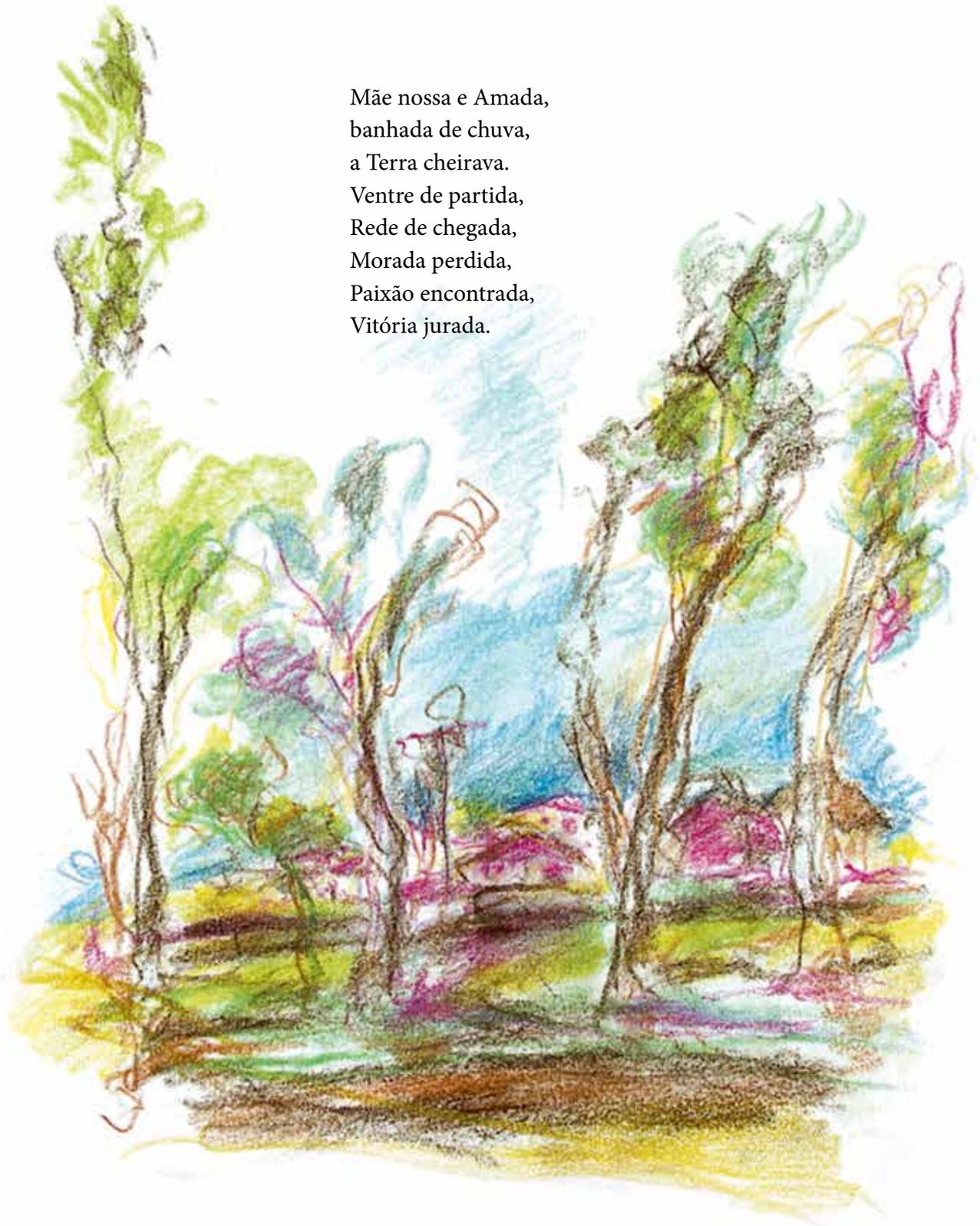
Casa de pobre,
foto de rico.
(A imagem
confina a tragédia...)

Casa de rico,
foto de pobre.
(A imagem
dispensa o remorso...)



TERRA AMADA

Mãe nossa e Amada,
banhada de chuva,
a Terra cheirava.
Ventre de partida,
Rede de chegada,
Morada perdida,
Paixão encontrada,
Vitória jurada.

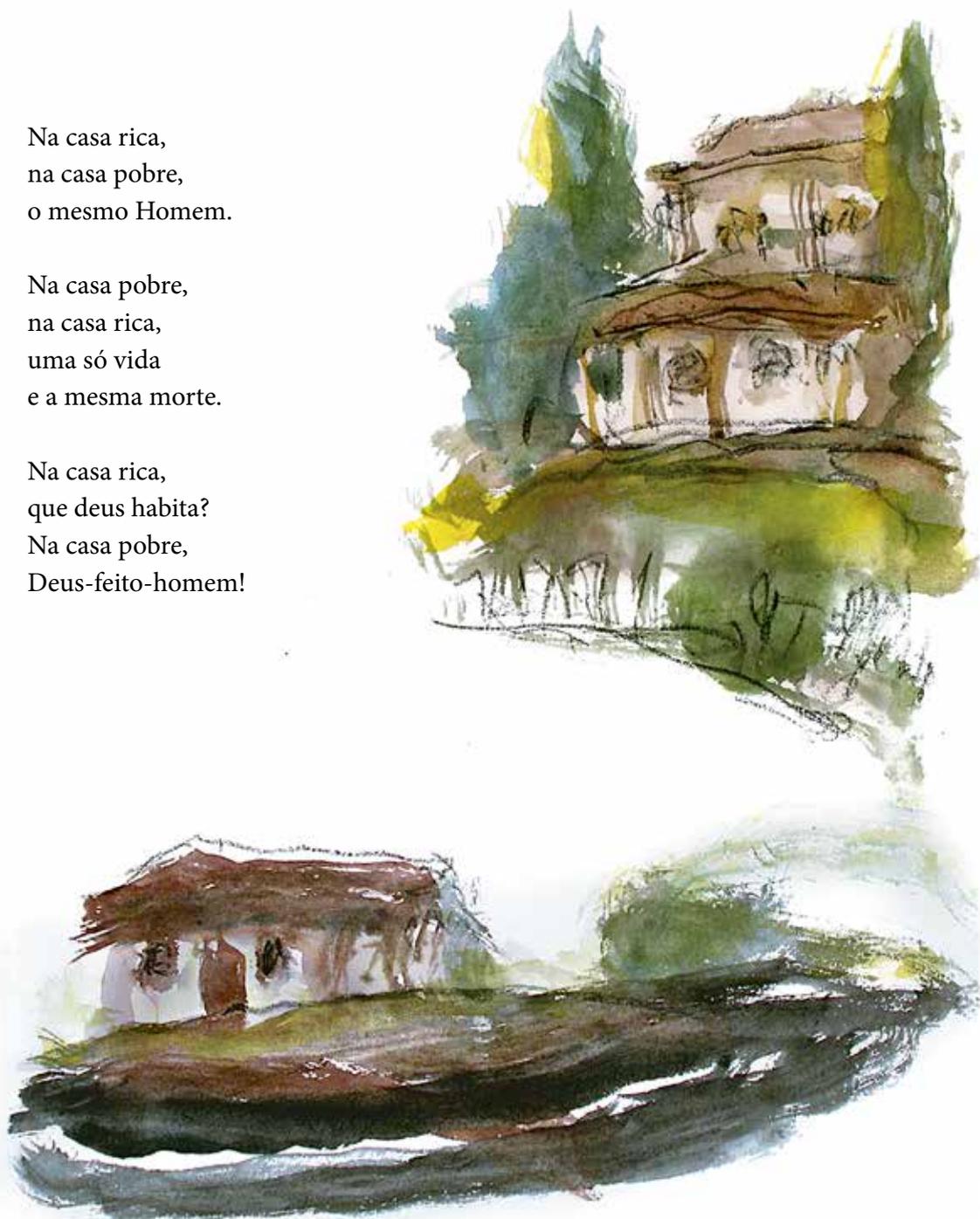


CASA RICA/CASA POBRE

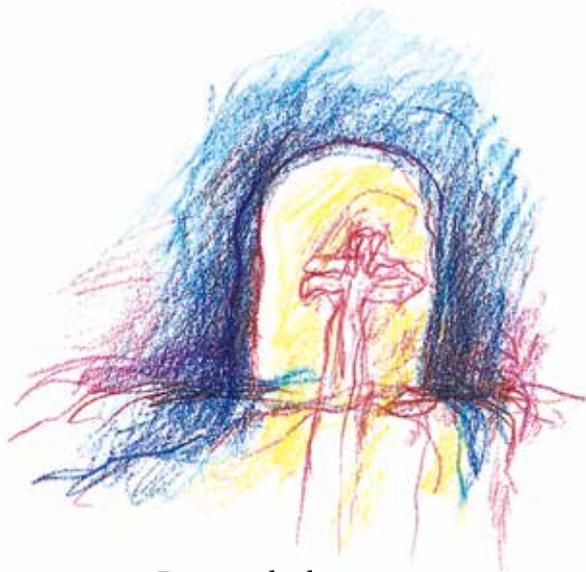
Na casa rica,
na casa pobre,
o mesmo Homem.

Na casa pobre,
na casa rica,
uma só vida
e a mesma morte.

Na casa rica,
que deus habita?
Na casa pobre,
Deus-feito-homem!



BALANÇO FINAL



Despojada das cores excessivas,
fala apenas a luz
na última fronteira do ocaso.
E a vida, como o monte, circunscrito,
ostenta seu volume
de verdade precisa
na última fronteira do ocaso,
antes da noite-morte...

MATURIDADE

Perguntei à madrugada
e ela perguntou-me a mim.

Perguntei ao dia louco,
nem minha pergunta ouvi.

Perguntei à noite sábia
e eu mesmo me respondi!



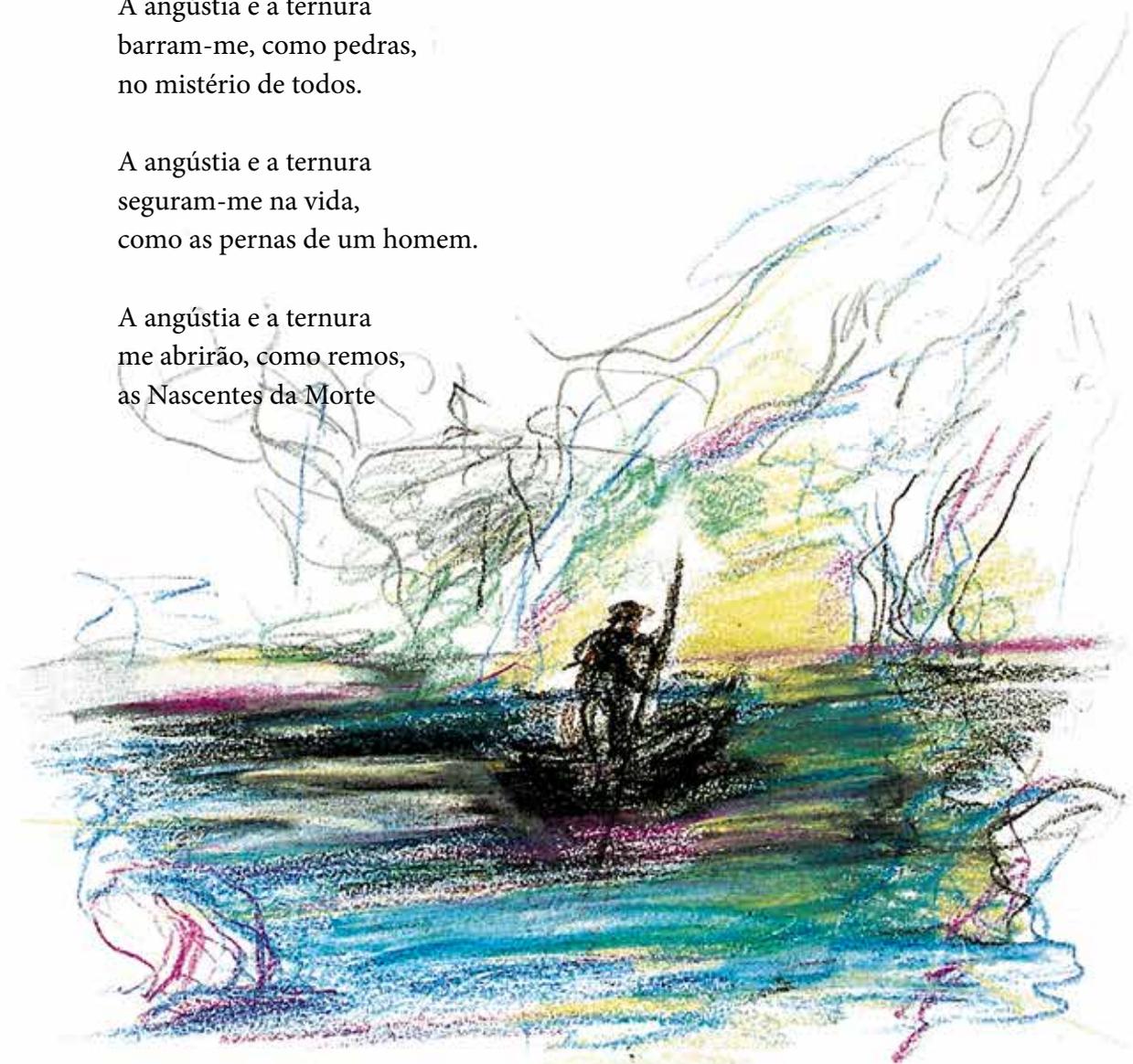
A ANGÚSTIA E A TERNURA

A angústia e a ternura
levam-me, como asas,
ao encontro de tudo.

A angústia e a ternura
barram-me, como pedras,
no mistério de todos.

A angústia e a ternura
seguram-me na vida,
como as pernas de um homem.

A angústia e a ternura
me abrião, como remos,
as Nascentes da Morte



BEZERRO MORTO

Longe do berro materno,
todo o silêncio da cria.

O sol esturrica o couro,
leite derramado, cinza.

Nos olhos ocos de pasto
o espanto da morte aninha.

E o vento lambe as orelhas,
asas do som abatidas.

Morreu de cobra, de carro?
Virou sonegada dívida.

Esmola do latifúndio,
promessa morta de vida,
na estrada dos retirantes
aramada de injustiças.



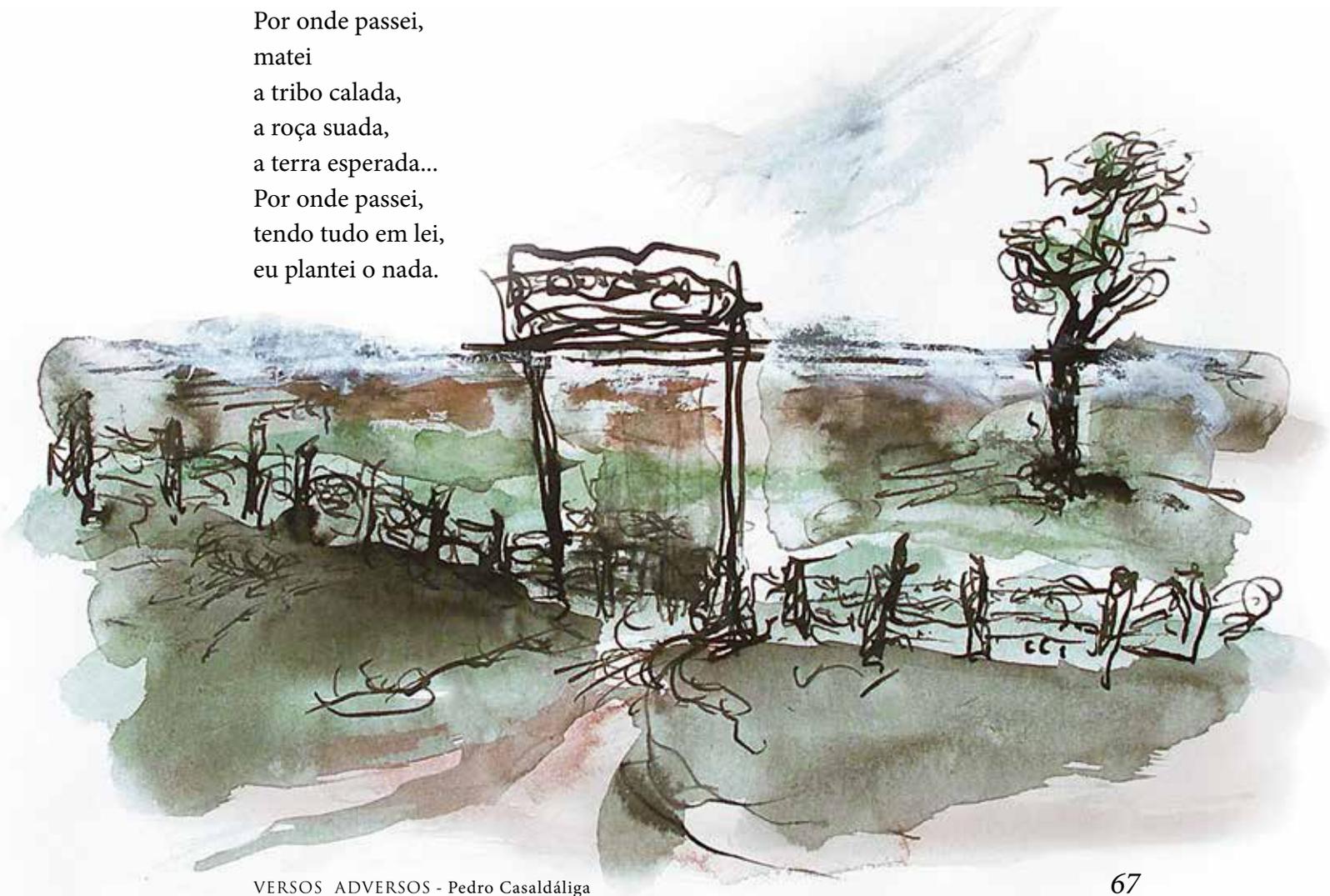
LUIZ GONZAGA



Cultura nossa em forró,
Poeta de Retirantes,
Violeiro de Saudades,
Intérprete do Silêncio
de todo o Povo sofrido,
Pontífice do Sertão,
Maestro Luiz Gonzaga!

CONFISSÃO DO LATIFÚNDIO

Por onde passei,
plantei
a cerca farpada,
plantei a queimada.
Por onde passei,
plantei
a morte matada.
Por onde passei,
matei
a tribo calada,
a roça suada,
a terra esperada...
Por onde passei,
tendo tudo em lei,
eu plantei o nada.



À GATA GERÓ

Às vezes,
Geró,
tu e eu,
só.

À pergunta dada,
os teus olhos verdes
e a noite calada.

Nem ganho, nem perdes,
neste encontro mudo:
tu não sabes nada
se eu pergunto tudo.

Às vezes, Geró,
na espera calada,
tu e eu, só.
(...E Deus, de cilada).



A VELHA DO RETRATO

Rugas de amores e dores
cercadas de branca seda.

Pele e luz do Piauí
em marco de pau e pedra.

Vó de todos, sem mais nome,
a todos, de volta, espera.

Desde mocinha que posa
ao sol da mesma janela.

A vida passou tocando
muitas boiadas pra ela.

Já um olho fechado à vida,
ninguém sabe o que ora enxerga.

Claro o sorriso, parado
como num rosto de cera,
essa santa da cozinha
nem abençoa nem reza.

Alguém lhe pediu a mão
e a mão desmaiada entrega,
os cinco dedos rendidos,
ciranda de antigas eras...



DESCANSA EM PAZ, FRANCISCO

*Ao padre Francisco Jentel,
incansável lutador na defesa
de índios e posseiros.*

A tua voadeira
já encostou
na praia do sossego
para sempre, Francisco.

Esquece as ferramentas e o motor enguiçado.
Descansa em paz.
Agora sim, Francisco.

Do lado da alegria
não têm mais Codearas,
nem leis de Segurança Nacional,
nem presidentes Geisel,
nem transas de embaixada e nunciatura...

O tribunal dos homens subservientes
agora é o abraço do Justo indefectível.
A cadeira-quartel
já é a liberdade.
Os teus vários exílios
já são, por fim, a Pátria.
O juiz auditor e Jesus Cristo
coincidem na última sentença.

Descansa em paz, Francisco.

Os anjos e os posseiros e os índios e os peões
e os perseguidos todos
aplaudem a derrota daquela baixa farsa
das Armas e do Banco, conjugados
no escuro tribunal de Campo Grande.
As freirinhas amigas e o soldadinho-povo
tinham toda a razão, quando te visitavam
e a tua missa-em-cela tornou-se, toda, Páscoa.
Para sempre.

Descansa em paz, Francisco.

Foucauld gozou, fraterno,
do agitado deserto que trouxeste da vida.
E os velhos sertanejos e os índios arribados
puseram-te à mesa do Encontro
sem pressas.
Na praça capinada do teu coração novo
há uma takana em festa para sempre, Pranaxiko!

O Araguaia gritou
ao pé do morro
de Santa Terezinha
teu nome verdadeiro,
com sotaque de História e de Martírio.
Toda a Amazônia concordou unânime.
E o povo do Brasil gravou teu nome
nessa placa indelével de pau-brasil legítimo,
que é o próprio coração do Povo, livre.
E Deus assentou nela o sol de sua mão,
numa rubrica.



Descansa em paz, Francisco.

Agora, sim.

Aquieta.

Deixa o banzeiro para nossos barcos, ainda viageiros.
Apenas acompanha-nos, mais altamente lúcido, no Porto.
Seguro já na glória da colheita,
envia-nos o sol da teimosia
e a chuva dos suores irmanados.
E adentra, conselheiro,
o trator dos teus olhos impacientes
nestas roças sofridas de arroz e da esperança.

Os nossos mortos

vivem,

caminhando

à frente do seu Povo!

Nós seguimos teu rasto, no banzeiro da noite,
seguros da “Alvorada”...

Padre Jentel, Francisco, Praxiko, Padre Chico... !!!



EU E TU, ARAGUAIA

Eu
e tu, Araguaia,
somos um tempo só.

Abraamicamente numerosas
nos garantem os sonhos
as estrelas, lá fora proibidas.

O ipê batiza ainda com ouros gratuitos
o silêncio
que nós, ô Araguaia,
consequimos salvar dos invasores...

Sempre ainda encontramos, eu e tu,
a pergunta inquietante de uma garça, na beira,
provocando respostas, acordando o mistério...

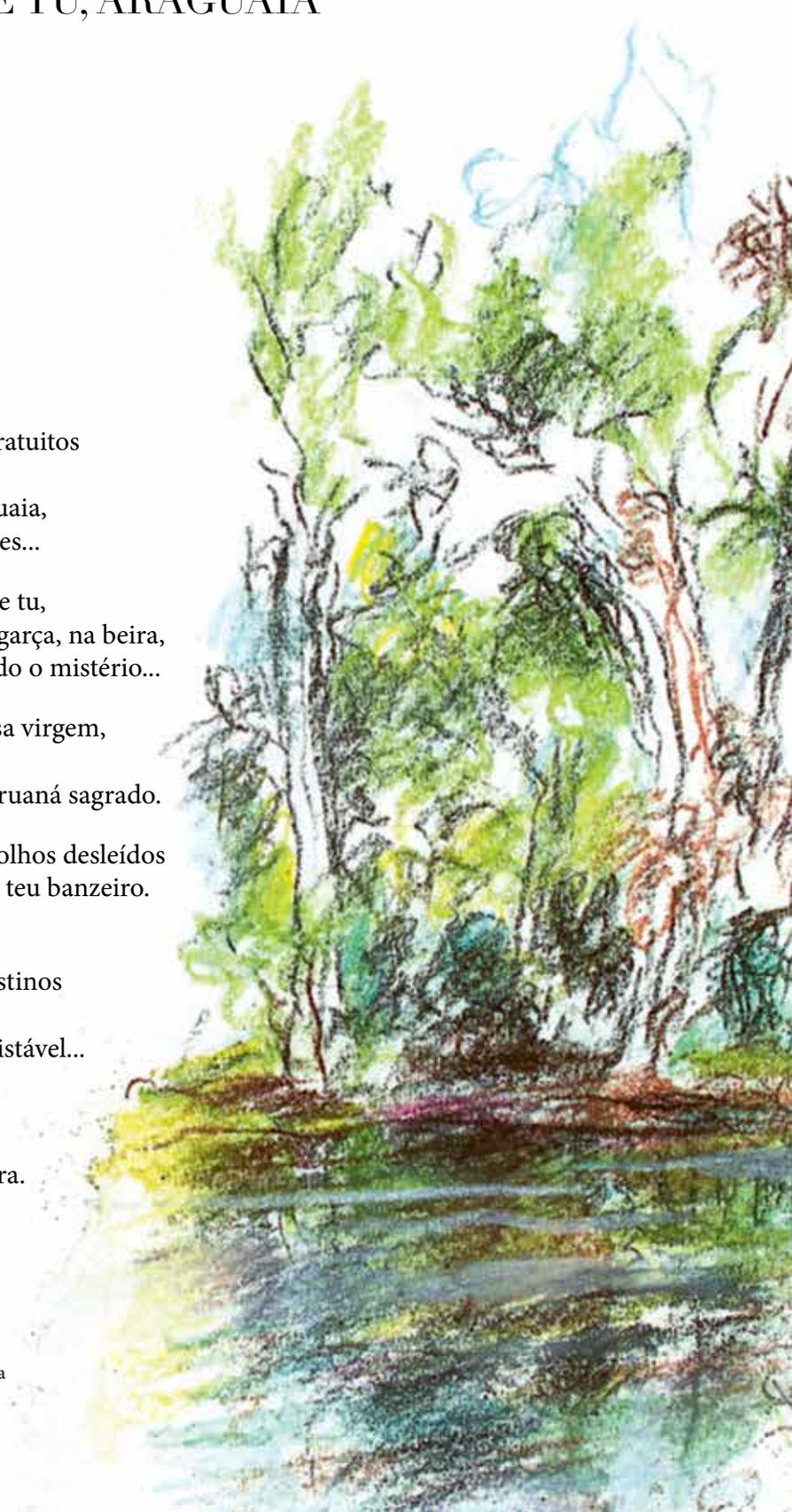
De acordo com a lua, sacerdotisa virgem,
tu estavas, no princípio,
alfombrando as cadências do Aruaná sagrado.

Os potes karajá recolhiam teus olhos desleídos
e os peixes costuravam de prata teu banheiro.

Ainda o Padim Ciço
não mostrava aos pobres nordestinos
essa Bandeira Verde
inconquistável...

Não havia Funai,
Sudam,
nem Incra.

Eram
Deus
e as aldeias.



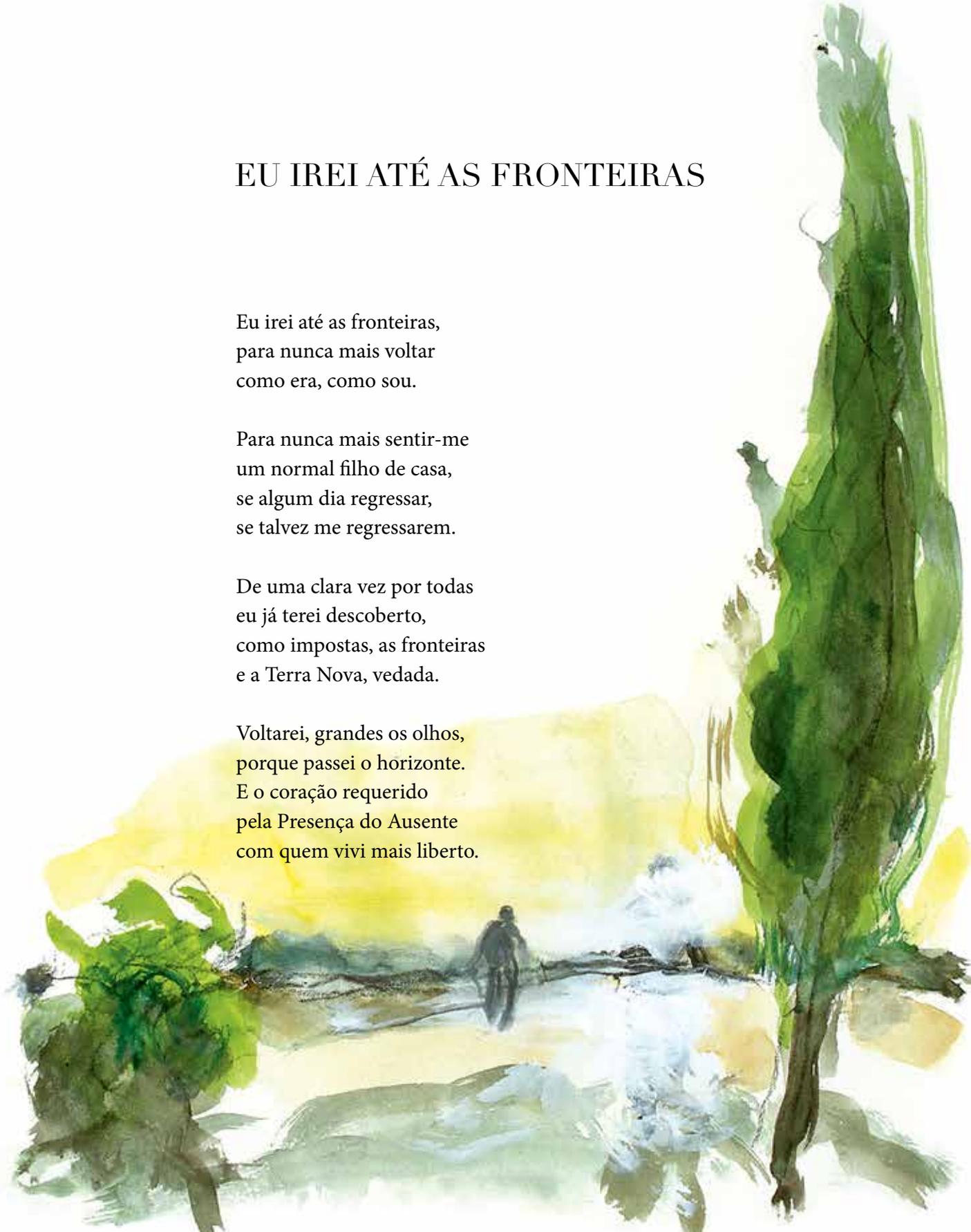
EU IREI ATÉ AS FRONTEIRAS

Eu irei até as fronteiras,
para nunca mais voltar
como era, como sou.

Para nunca mais sentir-me
um normal filho de casa,
se algum dia regressar,
se talvez me regressarem.

De uma clara vez por todas
eu já terei descoberto,
como impostas, as fronteiras
e a Terra Nova, vedada.

Voltarei, grandes os olhos,
porque passei o horizonte.
E o coração requerido
pela Presença do Ausente
com quem vivi mais liberto.



NAS ÁGUAS CLARAS DO BREJO

Nas águas claras do brejo
o buriti calculava
sua estatura miragem.

A garça se perguntava
no claustro claro do brejo
por sua branca inocência.

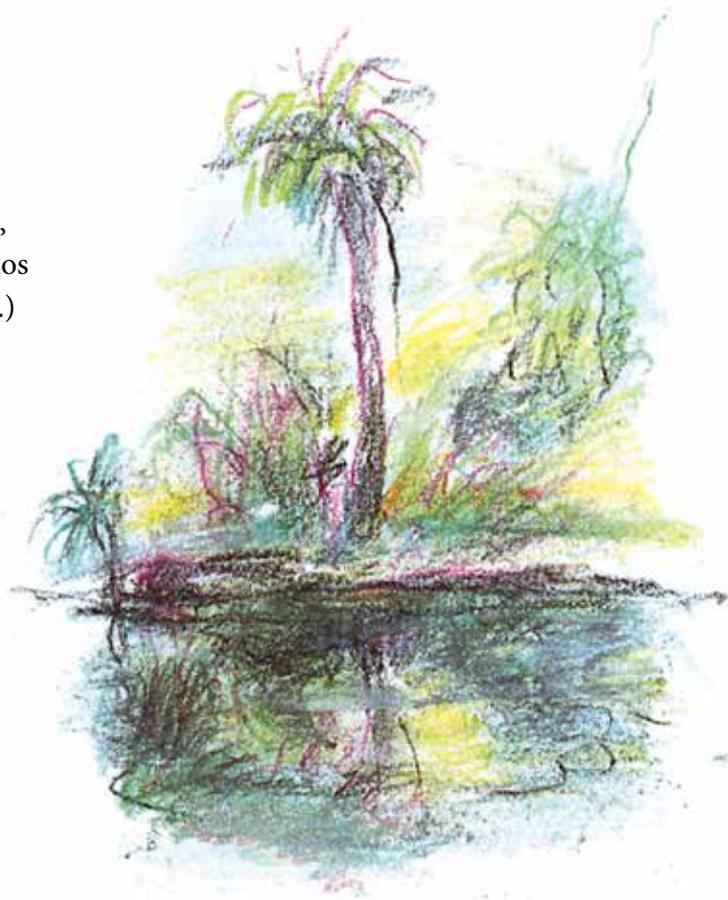
As borboletas treinavam
o seu balé silencioso
na pista clara do brejo.

(A cerca, de pés na lama,
rascava com seus espinhos
as carnes claras do brejo.)

No tanque claro do brejo
o céu lavava os lençóis
com água de suas fontes.

O sol talvez se adorava
nas aras claras do brejo,
espelho da própria glória.

E o Homem olhava o Mundo
nos olhos claros do brejo,
imagem dos próprios olhos.



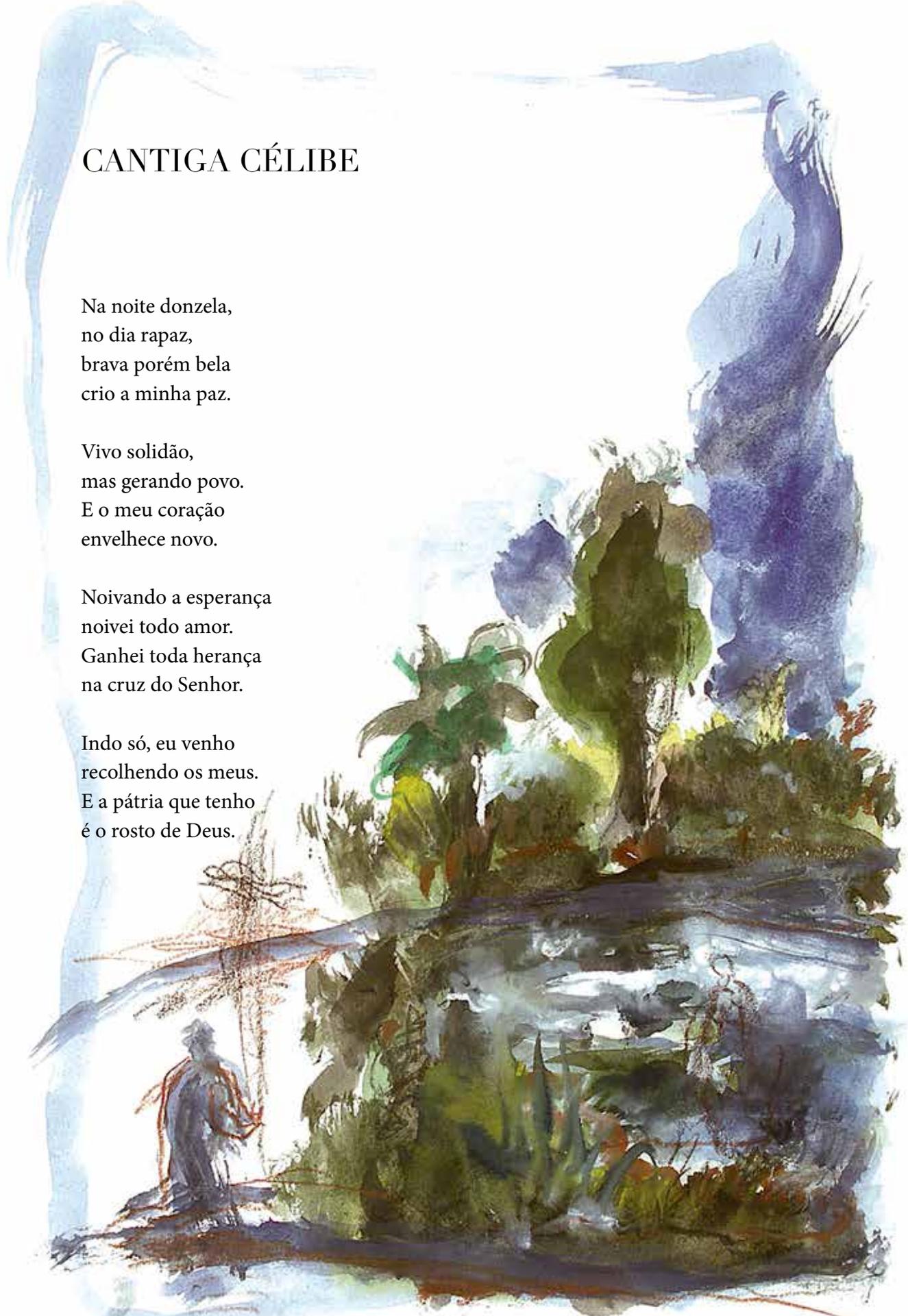
CANTIGA CÉLIBE

Na noite donzela,
no dia rapaz,
brava porém bela
crio a minha paz.

Vivo solidão,
mas gerando povo.
E o meu coração
envelhece novo.

Noivando a esperança
noivei todo amor.
Ganhei toda herança
na cruz do Senhor.

Indo só, eu venho
recolhendo os meus.
E a pátria que tenho
é o rosto de Deus.



RECADO A GONÇALVES DIAS



Tua terra tem palmeiras
— babaçu para exportar... —
Só não tem, Gonçalves Dias,
muito fácil sabiá.
Retirantes, com o povo,
cantarão noutro lugar?

Foi-se tanto maranhense
para os campos do Goiás
— na ambição de plantar roça,
na ilusão de colher paz —,
que as palmeiras que cantavam
não têm mais o que cantar.

Tu pediste um travesseiro
cheio da terra de cá...
Maranhão dos maranhenses,
que não podem retornar!
Travesseiros de saudade
não adianta carregar.
Se plantando em travesseiro,
só se colhem sonhos vãos.
Lavrador que planta certo,
planta na carne do chão.
E este chão, Gonçalves Dias,
não é mais para plantar.
Corredor de beira estrada,
serve só para passar.
Entre a cerca e o asfalto,
feito esgoto um povo vai...

Tua terra tem palmeiras
onde conta a Oleobrás,
onde conta a Empresobrás,
onde conta a Multibrás..

O DIFÍCIL TODO



Somente melhor
que essa melhor parte
que escolheu Maria,
o difícil todo!

Acolher o Verbo,
se dando ao serviço.
Velar sua ausência,
gritando seu nome.
Descobrir seu rosto
nos rostos da noite.

Fazer do silêncio
a maior escuta.
Traduzir em atos
as Sagradas Letras.

Combater amando.
Morrer pela vida,
lutando na paz.

Derrubar os tronos
com as velhas armas
quebradas na ira,
ferradas de flores.

Plantar a bandeira
da justiça livre
no grito dos pobres.

Cantar sobre o mundo
a vinda d'Aquele
que o mundo reclama
e os homens esperam,
talvez sem sabê-lo
— o nosso Esperado...!

... Somente melhor,
o difícil todo
da outra Maria...

LOUVAÇÃO À COMADRE CHUVA

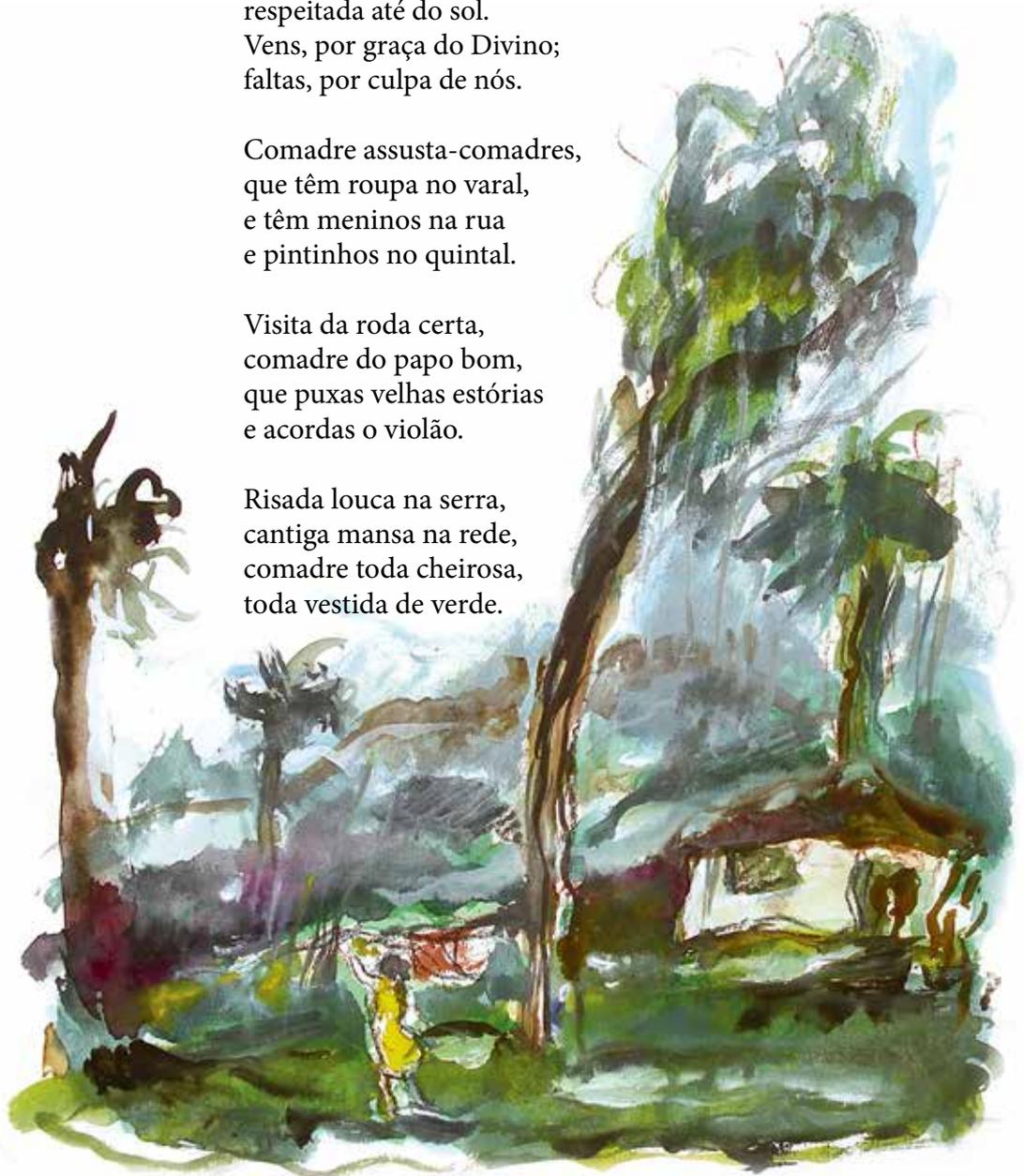
Comadre das saias largas,
dos soltos cabelos cinza.
Da seca nos guarde Deus;
comadre chuva, bem-vinda!

Para os compadres, vistosa;
respeitada até do sol.
Vens, por graça do Divino;
faltas, por culpa de nós.

Comadre assusta-comadres,
que têm roupa no varal,
e têm meninos na rua
e pintinhos no quintal.

Visita da roda certa,
comadre do papo bom,
que puxas velhas estórias
e acordas o violão.

Risada louca na serra,
cantiga mansa na rede,
comadre toda cheirosa,
toda vestida de verde.



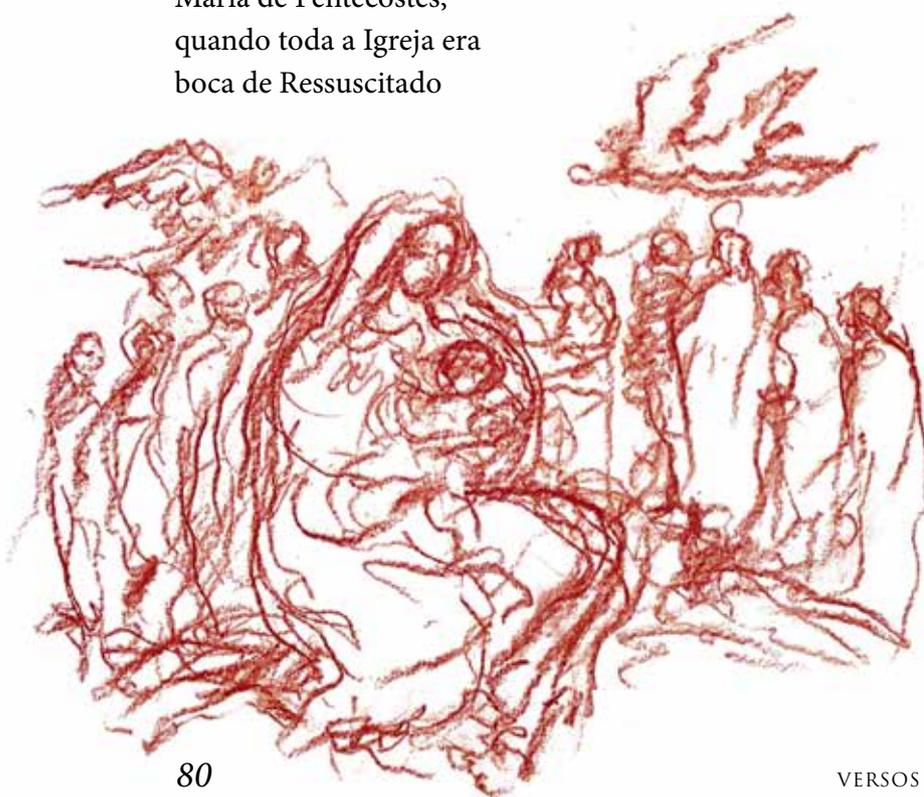
MARIA DE PENTECOSTES

Maria de Pentecostes,
quando a Igreja ainda era
pobre e livre
como o vento do Espírito.

Maria de Pentecostes,
quando o fogo do Espírito
era a lei da Igreja nova.

Maria de Pentecostes,
quando os Doze só exibiam
o poder do testemunho.

Maria de Pentecostes,
quando toda a Igreja era
boca de Ressuscitado



ADVENTO NA ILHA DO BANANAL

Vou a cavalo da liberdade,
o verde novo, o burro velho
e o coração na meia-idade.
Na sempre-viva de um só conselho

recolho as flores, vozes esparsas.
No voo rasteiro da senda antiga
congrego os sonhos das muitas garças.
E a fé me cerca, teimosa amiga.

As vacas dobram sinos calados,
longe dos homens desencontrados
— a paz dos homens passando mal.

Maria canta, prenhe de Advento
e, atento o mundo ou desatento,
Deus vem ao mundo pelo Natal.





AS BATALHAS DESTA GUERRA

Há quem declarou a guerra
mas nunca entrou na batalha.
Há quem entrou na batalha
mas não descobriu a guerra.

A trincheira, meu irmão,
é tão larga quanto o mundo:
vai deste quintal de casa
até o trono do Império.
Vai do coração da gente
até o coração de todos.

O clarim do galo acorda,
deita a noite suas tendas.

(Abre os olhos, fecha o rádio.
Fecha os sonhos, abre o livro.)

Esta guerra, meu irmão,
as batalhas desta guerra
recomeçam cada dia.

MARIA LIBERTAÇÃO

Maria Libertação,
filha do Povo saído
da primeira escravidão.
Filha do Povo caído
na nova dominação.

Filha do Pai Abraão,
retirante à procura,
sempre clara, sempre escura,
de uma outra Promissão.

Casa de Deus, sem morada,
à margem da lei jogada
entre o Presépio e a Cruz.
Retirante e exilada,
perseguida e malfalada
pela Causa de Jesus.

Comadre de Nazaré,
companheira de José,
operário sem serviço,
lavrador sem terra certa,
moradores de cortiço,
pouco ganho e mesa incerta.
Como tantos lavradores,
como tantos operários.
Colega das nossas dores,
rosa dos nossos rosários.

Retirantes a caminho,
todos nós, pobres e réus,
buscamos no teu carinho
a Casa e a Paz de Deus,
a Mesa do Pão e o Vinho
nascidos do ventre teu,
a terra certa na Terra
e a Nova Terra dos Céus.



NÃO ADIANTA QUE ME EXPULSEM

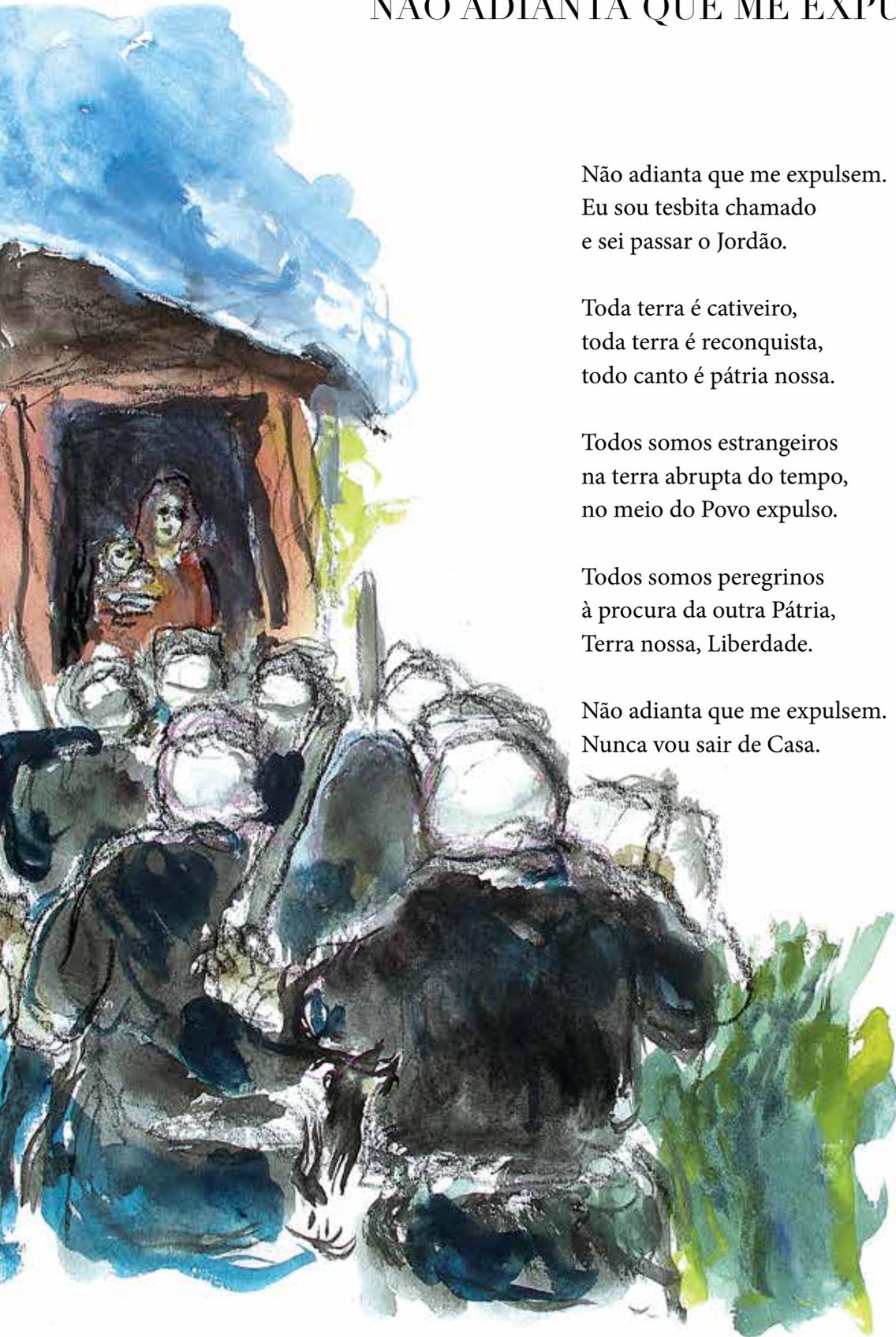
Não adianta que me expulsem.
Eu sou tesbita chamado
e sei passar o Jordão.

Toda terra é cativoiro,
toda terra é reconquista,
todo canto é pátria nossa.

Todos somos estrangeiros
na terra abrupta do tempo,
no meio do Povo expulso.

Todos somos peregrinos
à procura da outra Pátria,
Terra nossa, Liberdade.

Não adianta que me expulsem.
Nunca vou sair de Casa.



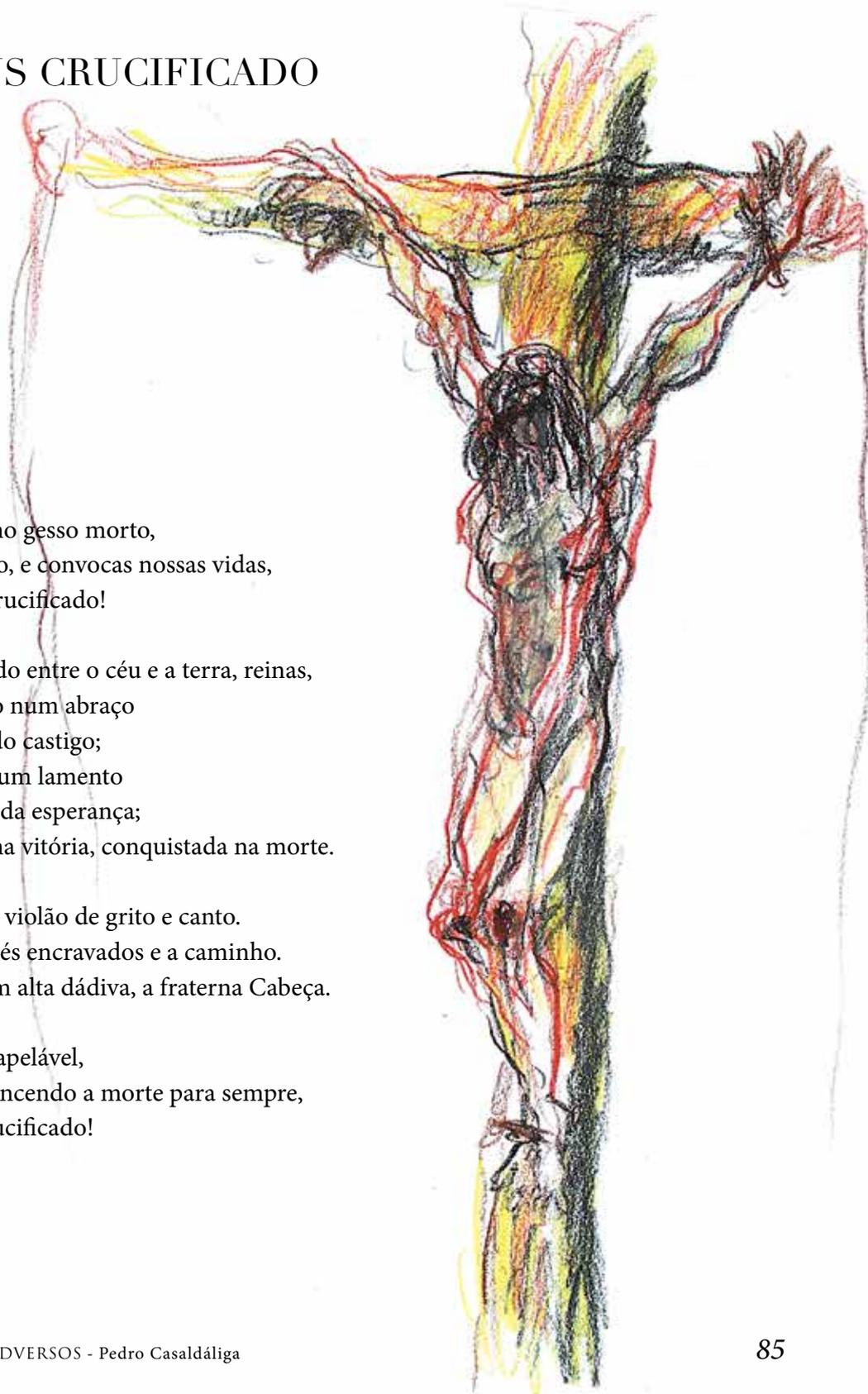
JESUS CRUCIFICADO

Mesmo no gesso morto,
falas, vivo, e convocas nossas vidas,
Irmão Crucificado!

Pendurado entre o céu e a terra, reinas,
descendo num abraço
sobre todo castigo;
jogado num lamento
contra toda esperança;
voando na vitória, conquistada na morte.

Costelas, violão de grito e canto.
Mãos e pés encravados e a caminho.
Caída, em alta dádiva, a fraterna Cabeça.

Amor inapelável,
Morte vencendo a morte para sempre,
Jesus Crucificado!



NA MISSA DOS QUILOMBOS

Serra da Barriga,
preenhe de passado
(de luas,
de mortes,
de sonhos,
de lutas,
de danças).

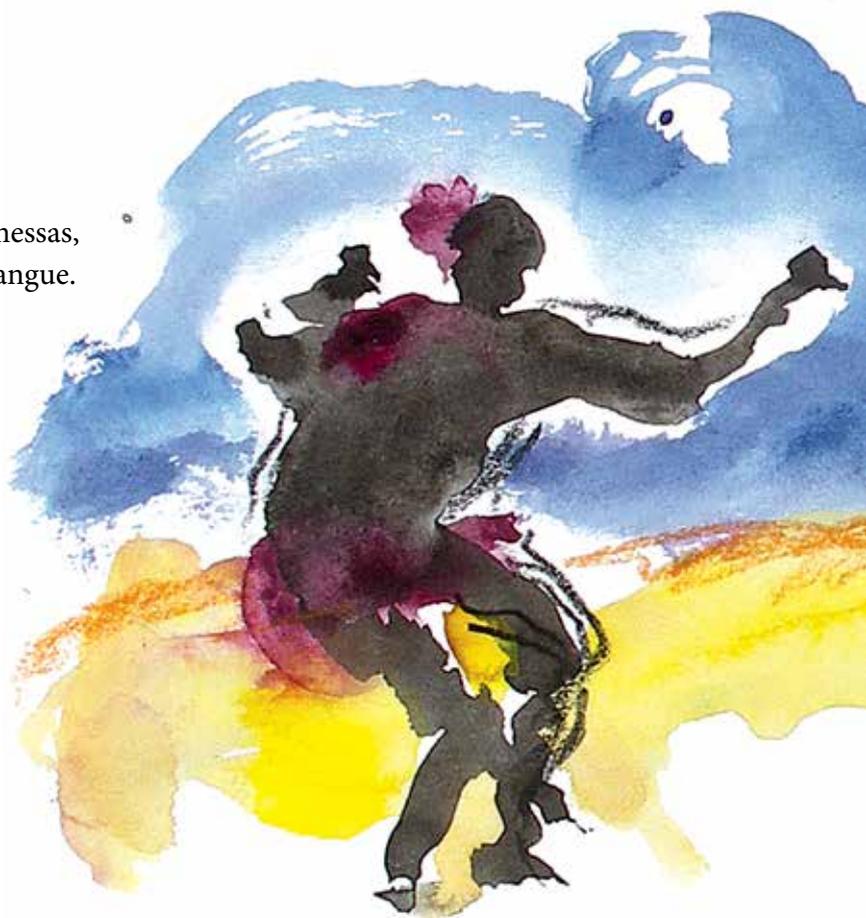
Rebelde barriga,
gestando o futuro
dos Negros.

As bandeiras livres
das altas palmeiras
contestam, à luz do poente,
a bandeira imposta;
reclamam a própria bandeira.

Sinai do Povo negro, na coragem
descalça de Zumbi.
Aliança garantida de um tempo de promessas,
plantadas com o milho e adubadas no sangue.

Panorama total, “Sierra Maestra” negra,
sobre as brancas manobras...

O Nordeste acorda os seus canaviais
sindicalizados ao clamor do Vento.



A tarde entrega sua compunção
ao culto acolhedor da Noite Negra,
na missa redimida
(na memória do Morto Jesus Cristo
e do morto Zumbi).

A União dos Palmares
carimba, ao pé da Serra,
a concórdia dos Negros, que retornam
de todos os combates da América insurgente,
da África desperta, outra vez nos gestando...

Recife, colonial capitania:
entregai a coroa dos impérios vencidos
e a cruz utilizada
aos braços desta Cruz, por fim, libertadora;
que no Pátio do Carmo
Mariama acolherá em seus joelhos
a cabeça cortada de Zumbi,
e a negra voz de Milton e das Minas
convocará, na Páscoa,
os tambores de ontem e de hoje
e a dança, desatada, dos Quilombos.



ORAÇÃO A SÃO FRANCISCO EM FORMA DE DESABAFO

*A muitos franciscanos amigos
e ao nosso teólogo
amigo e franciscano,
Leonardo Boff.*

Compadre Francisco,
como vais de Glória?
e a comadre Clara
e a Irmandade toda?

A sábia loucura
do Santo Evangelho
tem poucos alunos
que a levem a sério.

Nós, aqui na Terra,
vamos mal-vivendo,
que a cobiça é grande
e o amor pequeno.

Senhora Pobreza,
Perfeita Alegria,
andam mais nos livros
que nas nossas vidas.

O Amor Divino
é mui pouco amado
e é flor de uma noite
o amor humano.

Há muitos caminhos
que levam a Roma.
Belém e o Calvário
saíram da rota.

Metade do Mundo
definha de fome
e a outra metade
de medo da morte.



Nossa Madre Igreja
melhorou de modo;
mas tem muita cúria
e carisma pouco.

Frades e conventos
criaram vergonha,
mas é mais no jeito
que por vida nova.

Muitos tecnocratas
e poucos poetas.
Muitos doutrinários
e menos profetas.

Armas e aparelhos,
trustes e escritórios
planejam a História,
manejam os Povos.

A Mãe Natureza
chora, poluída,
no ar e nas águas,
nos céus e nas minas.

Pássaros e flores
morrem de amargura,
e os lobos do espanto
ganharam as ruas.

Murchou o estandarte
da antiga arrogância.
São de ódio e lucro
as nossas cruzadas.

Sucedem-se as guerras
e os tratados sobram.
Sangue por petróleo
os impérios trocam.

O Mundo é tão velho,
que, para ser novo,
compadre Francisco,
só fazendo outro...

...Quando Jesus Cristo
e Nossa Senhora
venham dar um jeito
nesta Terra nossa,
compadre Francisco,
tu faz uma força,
e a comadre Clara
e a Irmandade toda.



ESTAMPA DO AGRESTE

Garoa fria no Agreste
e mendigos nas paradas.
E Paulo Freire, o mestre,
feito lição importada.

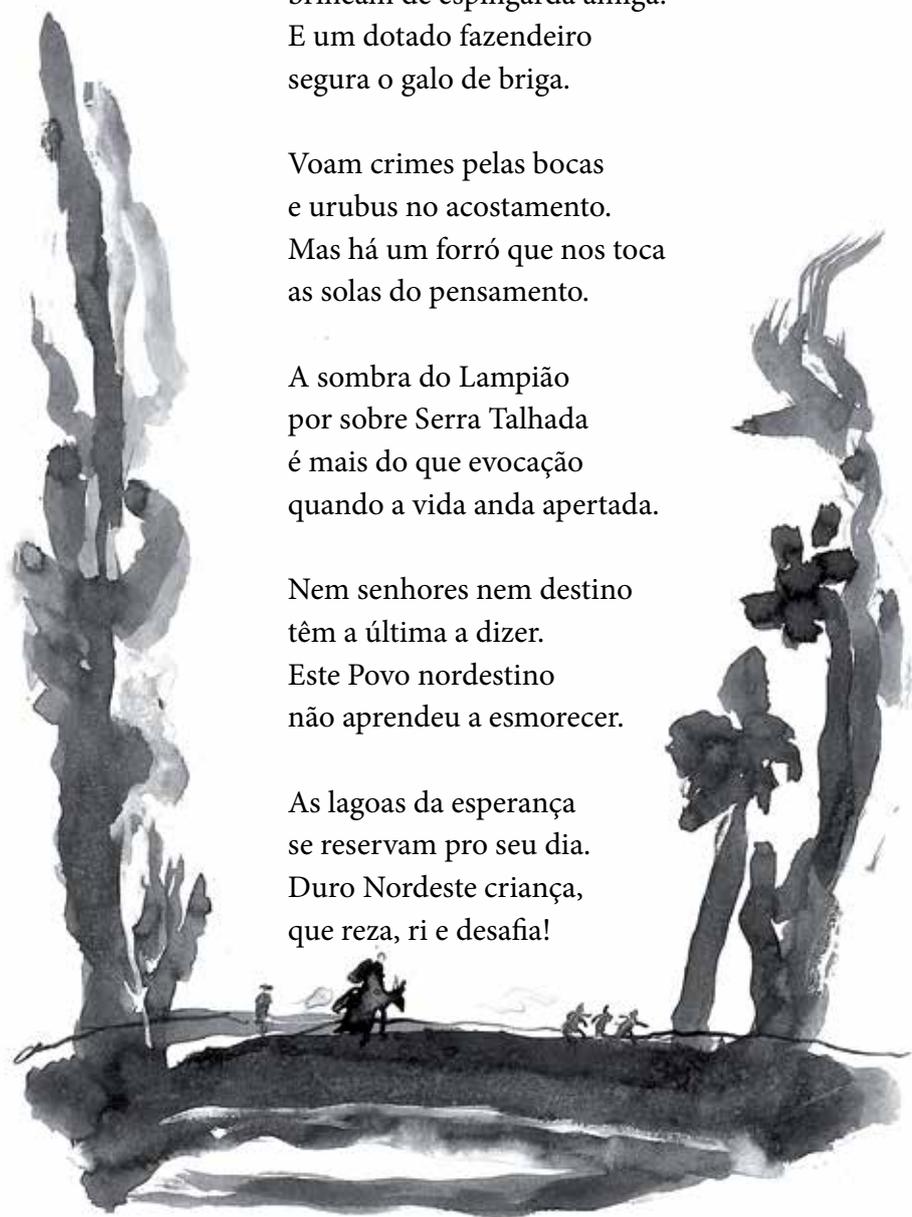
Os netos dos cangaceiros
brincam de espingarda amiga.
E um dotado fazendeiro
segura o galo de briga.

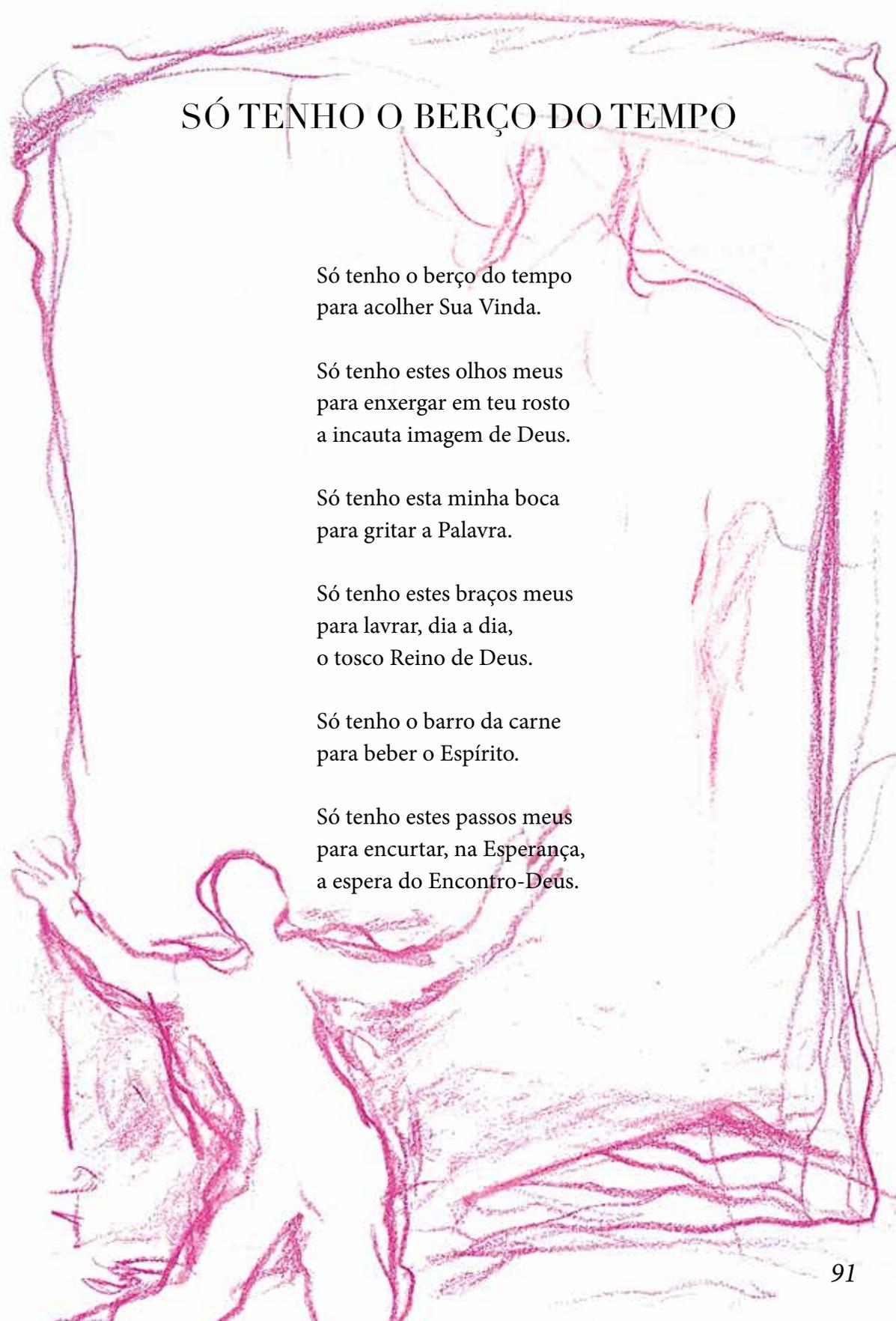
Voam crimes pelas bocas
e urubus no acostamento.
Mas há um forró que nos toca
as solas do pensamento.

A sombra do Lampião
por sobre Serra Talhada
é mais do que evocação
quando a vida anda apertada.

Nem senhores nem destino
têm a última a dizer.
Este Povo nordestino
não aprendeu a esmorecer.

As lagoas da esperança
se reservam pro seu dia.
Duro Nordeste criança,
que reza, ri e desafia!





SÓ TENHO O BERÇO DO TEMPO

Só tenho o berço do tempo
para acolher Sua Vinda.

Só tenho estes olhos meus
para enxergar em teu rosto
a incauta imagem de Deus.

Só tenho esta minha boca
para gritar a Palavra.

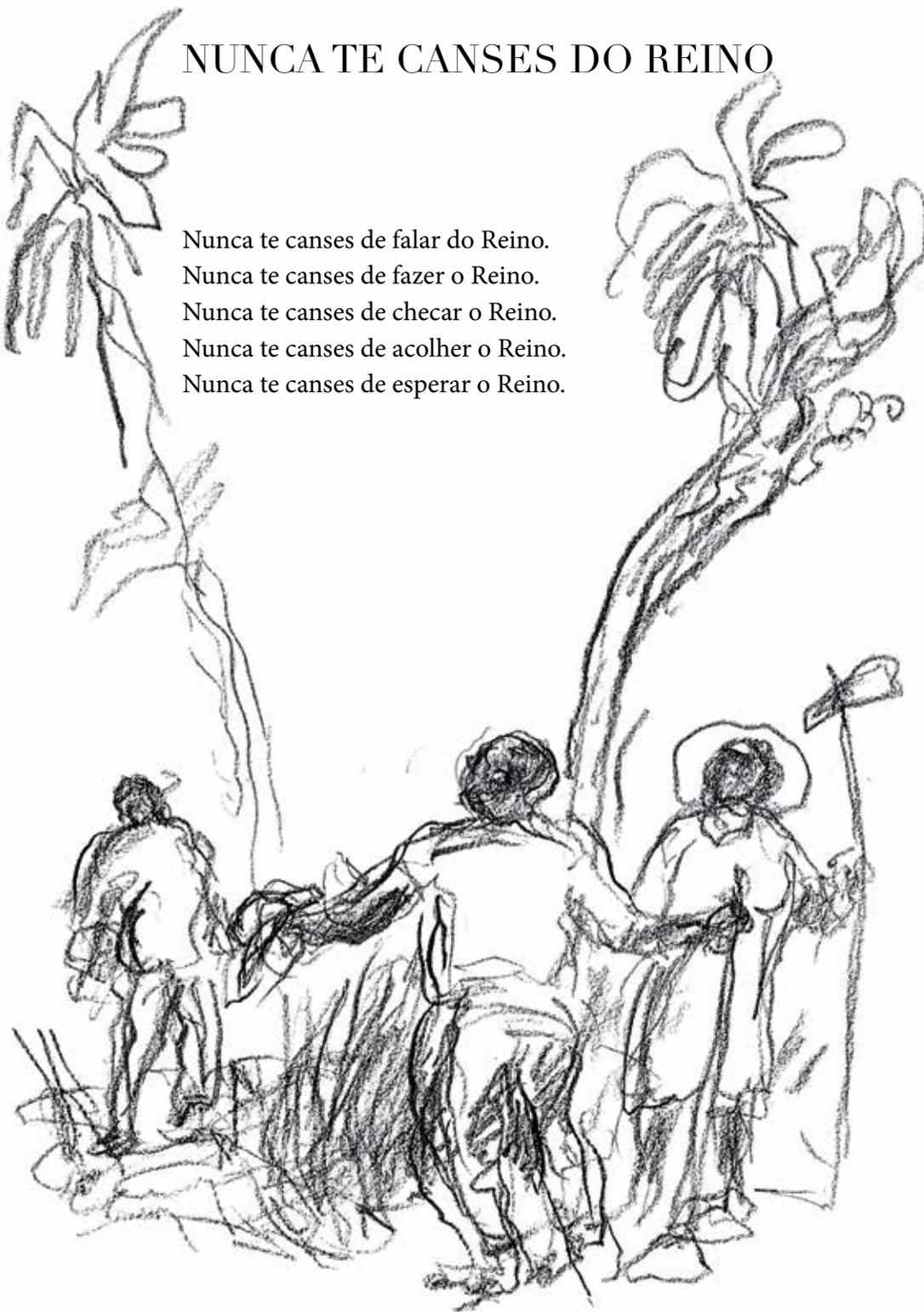
Só tenho estes braços meus
para lavar, dia a dia,
o tosco Reino de Deus.

Só tenho o barro da carne
para beber o Espírito.

Só tenho estes passos meus
para encurtar, na Esperança,
a espera do Encontro-Deus.

NUNCA TE CANSES DO REINO

Nunca te canses de falar do Reino.
Nunca te canses de fazer o Reino.
Nunca te canses de checar o Reino.
Nunca te canses de acolher o Reino.
Nunca te canses de esperar o Reino.



SERRA LAMARCA

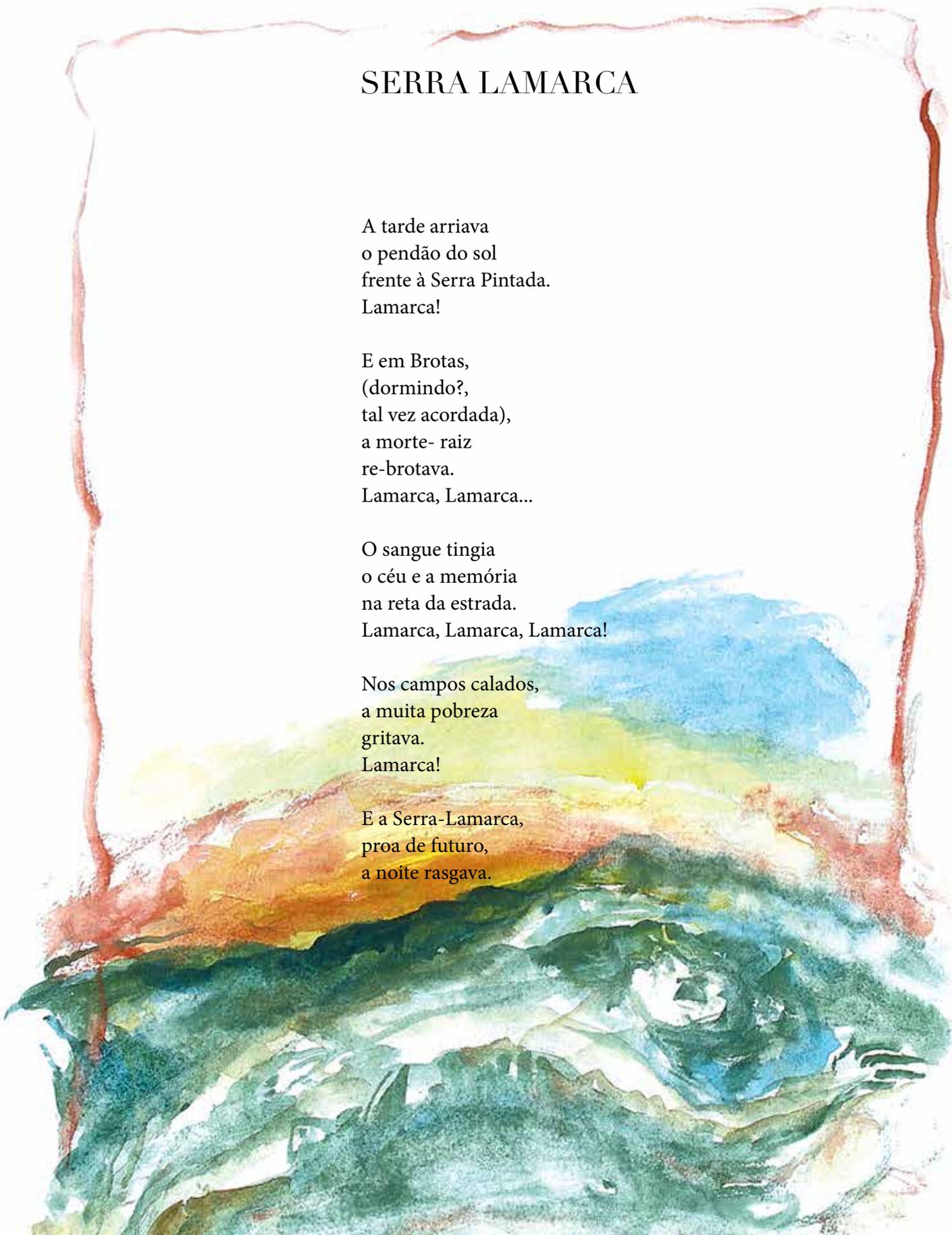
A tarde arriava
o pendão do sol
frente à Serra Pintada.
Lamarca!

E em Brotas,
(dormindo?,
tal vez acordada),
a morte- raiz
re-brotava.
Lamarca, Lamarca...

O sangue tingia
o céu e a memória
na reta da estrada.
Lamarca, Lamarca, Lamarca!

Nos campos calados,
a muita pobreza
gritava.
Lamarca!

E a Serra-Lamarca,
proa de futuro,
a noite rasgava.



CORA CORALINA, PONTE DA CASA VELHA

A Casa Velha da Ponte
segura o Rio Vermelho
e o tempo coalha em paz
na pedra antiga e nos montes
da Vila Boa, Goiás.

Aqui Cora Coralina
põe suas mãos de menina,
centenárias de memória,
nas águas do Tempo Velho
e as torna pedra de História,
Ponte do Rio Vermelho.

Na carne das velhas telhas,
musgo de graça florida,
fabricam suas abelhas
o sábio suco da vida.

Palavra de cera e chama,
vencida a morte, proclama
a juventude maior.

Doceira de sal de humor,
cangaceirinha do verso,
num dia só de memória
recolhe o tempo disperso
de Goiás e sua glória.

Sendo a um tempo ocaso e alva,
Cora Coralina salva
a pedra, o povo e a paz
da Vila Boa, Goiás,
com seu olhar serenado,
com sua saudade escrita,
menina mãe do passado,
mãe do futuro bendita.



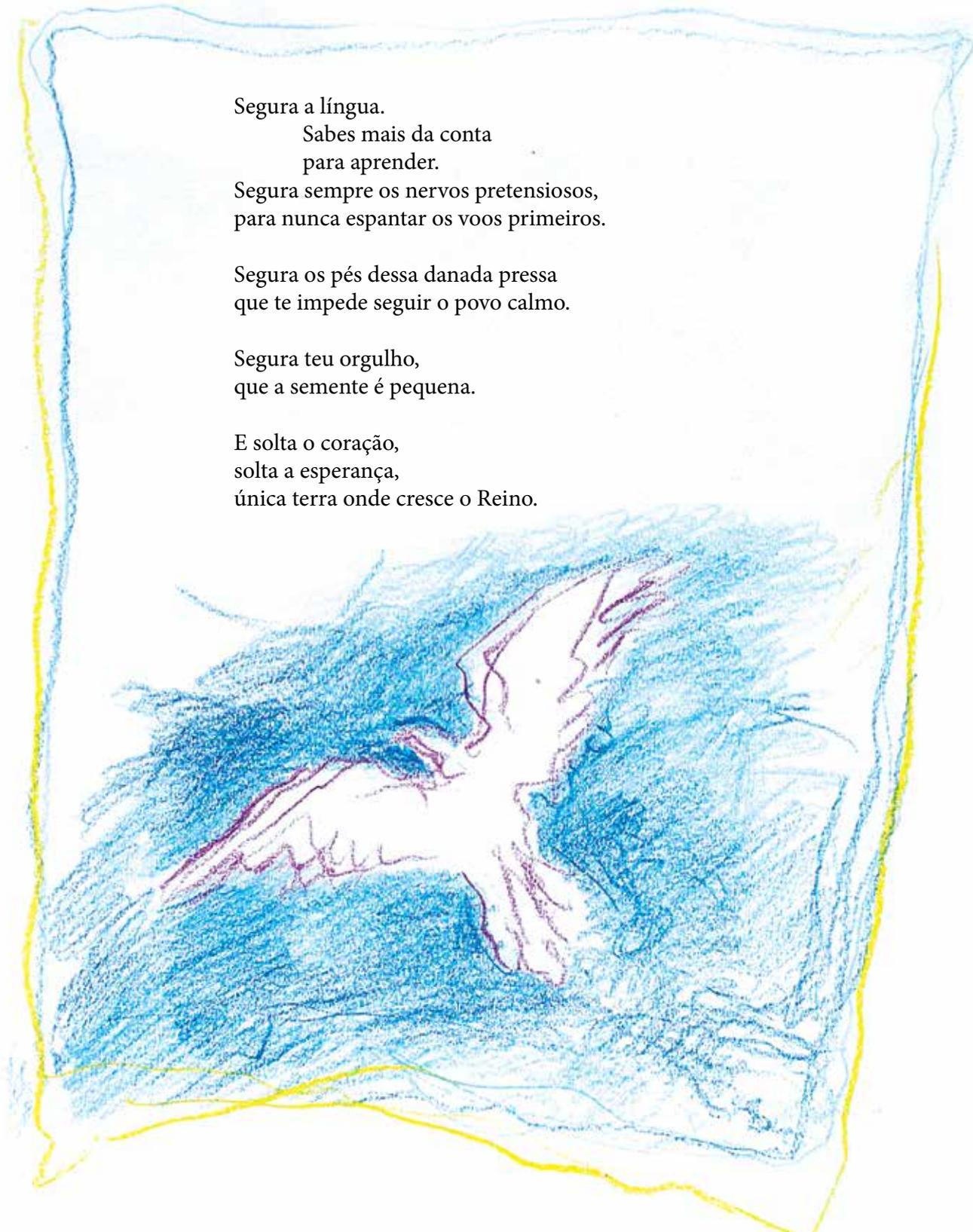
SEGURA, SOLTA

Segura a língua.
Sabes mais da conta
para aprender.
Segura sempre os nervos pretensiosos,
para nunca espantar os voos primeiros.

Segura os pés dessa danada pressa
que te impede seguir o povo calmo.

Segura teu orgulho,
que a semente é pequena.

E solta o coração,
solta a esperança,
única terra onde cresce o Reino.



A LUA E A LUTA

Unhada de esmalte
na noite
a lua

Inútil foiçada
no sonho maior das estrelas.

Unhada noturna
na carne,
foiçada na luta.

Criança a sonhar,
poeta a sentir,
humano a lutar.

Na noite do dia que somos,
a estrada e a lua,
o sonho,
Seu Nome,
um canto,
a luta rotina surpresa
diurna, noturna.



VOU AMARRAR MINHA ÉGUA

Vou amarrar minha égua
no tronco de uma
palmeira.

Vou amarrá-la no punho
de uma rede sertaneja.

Vou amarrá-la num toco,
decegado, da Mãe-Terra.

Vou amarrá-la na estaca,
derrubada, de uma cerca.

Se o sonho for mais
intenso,
na ponta de alguma estrela.

Vou amarrá-la também
no cocho, podre e florido,
do teu barraco, Belém!

Vou amarrá-la, Jesus
neste regueiro de sangue
que jorra de tua cruz!

Vou amarrá-la no fio
de pedra, espera e aurora,
do Teu sepulcro vazio...!

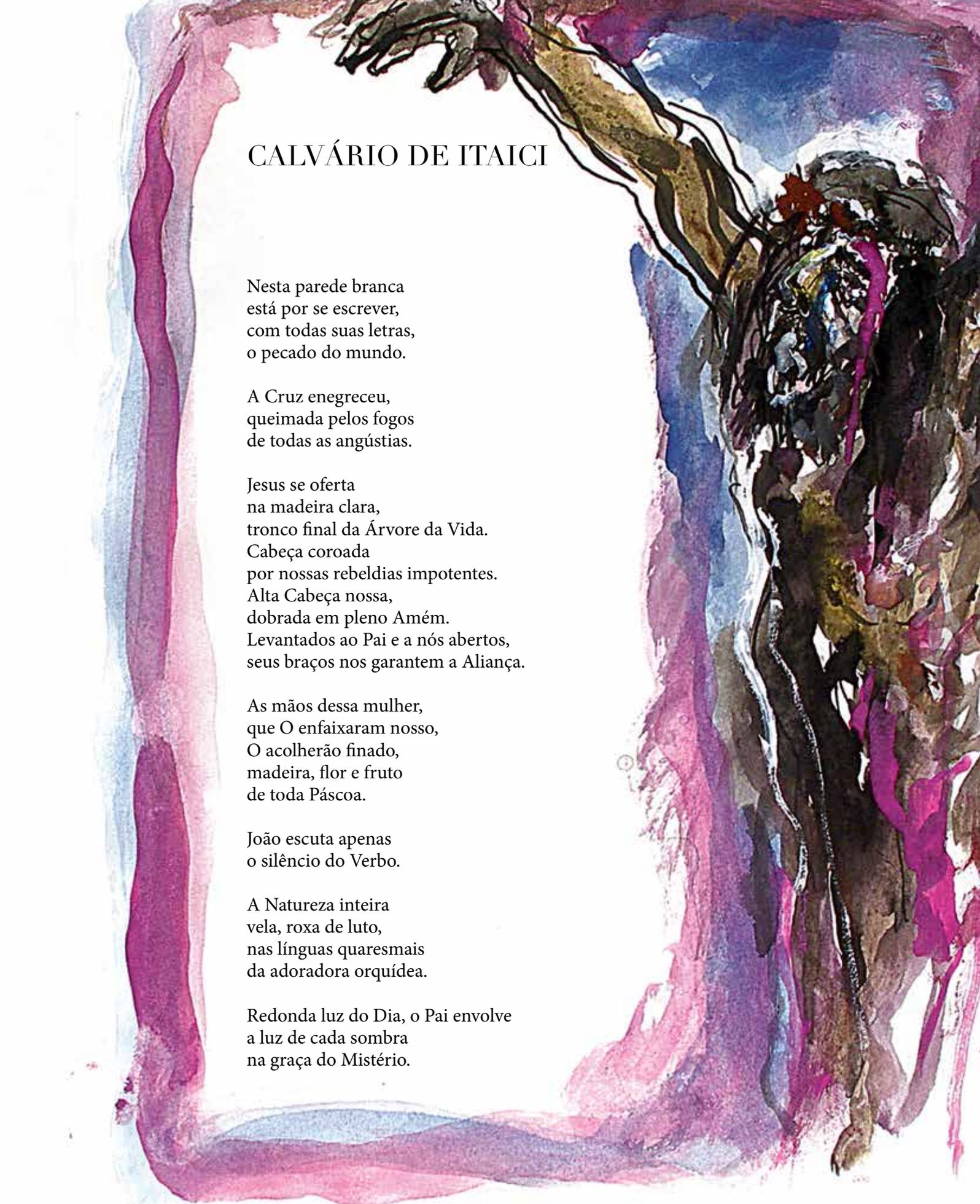


ENTERREM-ME NO CHÃO



Enterrem-me no chão,
como tanto peão
que tombou nesta guerra:
sem nome e sem caixão.

Só reivindico o póstumo direito
de sentir liberada toda a terra
sobre o cartório comunal do peito.



CALVÁRIO DE ITAICI

Nesta parede branca
está por se escrever,
com todas suas letras,
o pecado do mundo.

A Cruz enegreceu,
queimada pelos fogos
de todas as angústias.

Jesus se oferta
na madeira clara,
tronco final da Árvore da Vida.
Cabeça coroada
por nossas rebeldias impotentes.
Alta Cabeça nossa,
dobrada em pleno Amém.
Levantados ao Pai e a nós abertos,
seus braços nos garantem a Aliança.

As mãos dessa mulher,
que O enfaixaram nosso,
O acolherão finado,
madeira, flor e fruto
de toda Páscoa.

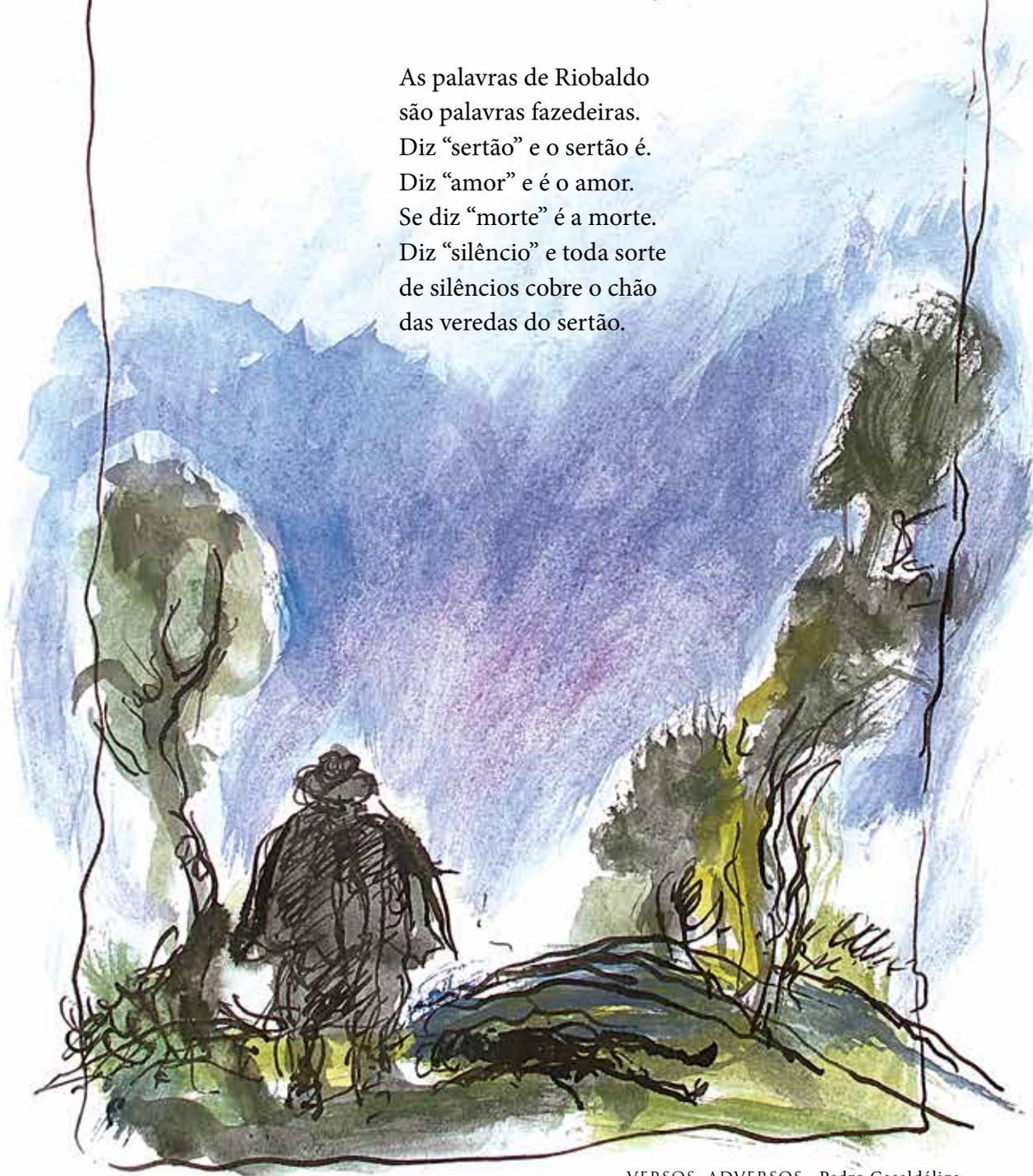
João escuta apenas
o silêncio do Verbo.

A Natureza inteira
vela, roxa de luto,
nas línguas quaresmais
da adoradora orquídea.

Redonda luz do Dia, o Pai envolve
a luz de cada sombra
na graça do Mistério.

“GRANDE SERTÃO: VEREDAS”

As palavras de Riobaldo
são palavras fazedeiras.
Diz “sertão” e o sertão é.
Diz “amor” e é o amor.
Se diz “morte” é a morte.
Diz “silêncio” e toda sorte
de silêncios cobre o chão
das veredas do sertão.



ROUBARAM AS TERRAS ÍNDIAS

Roubaram as terras índias
e batizam as fazendas
com nomes índios ausentes.

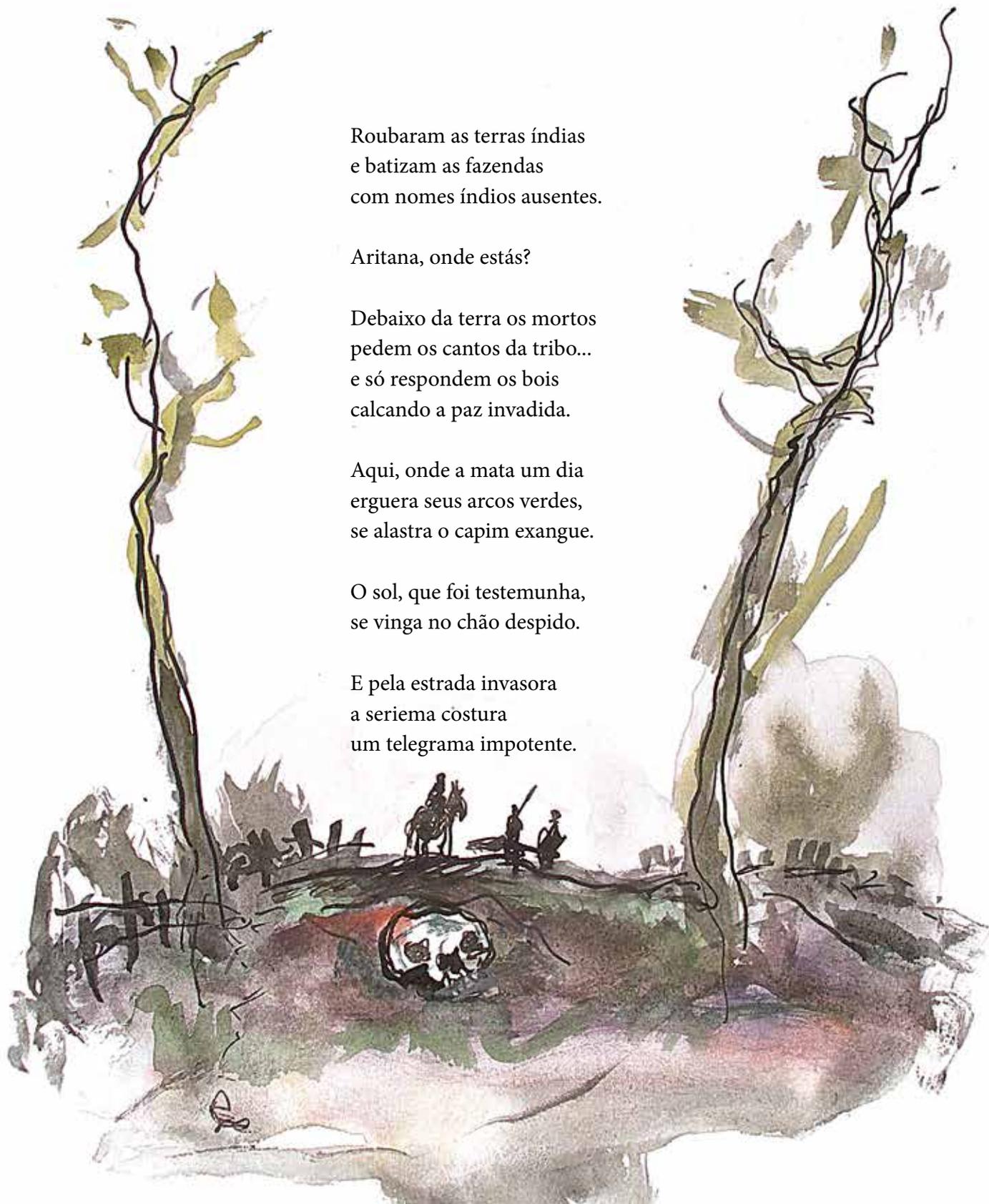
Aritana, onde estás?

Debaixo da terra os mortos
pedem os cantos da tribo...
e só respondem os bois
calcando a paz invadida.

Aqui, onde a mata um dia
erguera seus arcos verdes,
se alastra o capim exangue.

O sol, que foi testemunha,
se vinga no chão despido.

E pela estrada invasora
a seriema costura
um telegrama impotente.



CANTIGA DA PAZ

Vento de Deus te traz,
bem-vinda sejas,
pomba da paz!

Todas as línguas cantem
teu santo nome.
Todos os povos vivam
por ti concordes.
Todas as religiões
te deem abrigo.
Todos os corações
sejam teu ninho.
Seja o nosso tempo
de jubileu.
Fica, por fim, conosco,
pomba de Deus!
Planta tua oliveira
em nossa terra,
unge tantas feridas
de tantas guerras,
sela as nossas vidas
no teu amor,
ave-pascal nascida
do peito aberto
do Redentor





A PAZ INQUIETA

Dá-nos, Senhor, aquela Paz inquieta
que denuncia a paz dos cemitérios
e a paz dos lucros fartos.

Dá-nos a Paz que luta pela Paz!

A Paz que nos sacode
com a urgência do Reino.
A Paz que nos invade,
como vento do Espírito,
a rotina e o medo,
o sossego das praias
e a oração de refúgio.

A Paz das armas rotas
na derrota das armas.
A Paz do pão da fome de Justiça,
a Paz da Liberdade conquistada,
a Paz que se faz “nossa”
sem cercas nem fronteiras,
que tanto é “Shalom” como “Salam”,
perdão, retorno, abraço...

Dá-nos a tua Paz,
essa Paz marginal
que soletra em Belém
e agoniza na Cruz
e triunfa na Páscoa.

Dá-nos, Senhor, aquela Paz inquieta,
que não nos deixa em paz!

A PAZ PREVENTIVA

Por que não inventamos
a Paz preventiva?

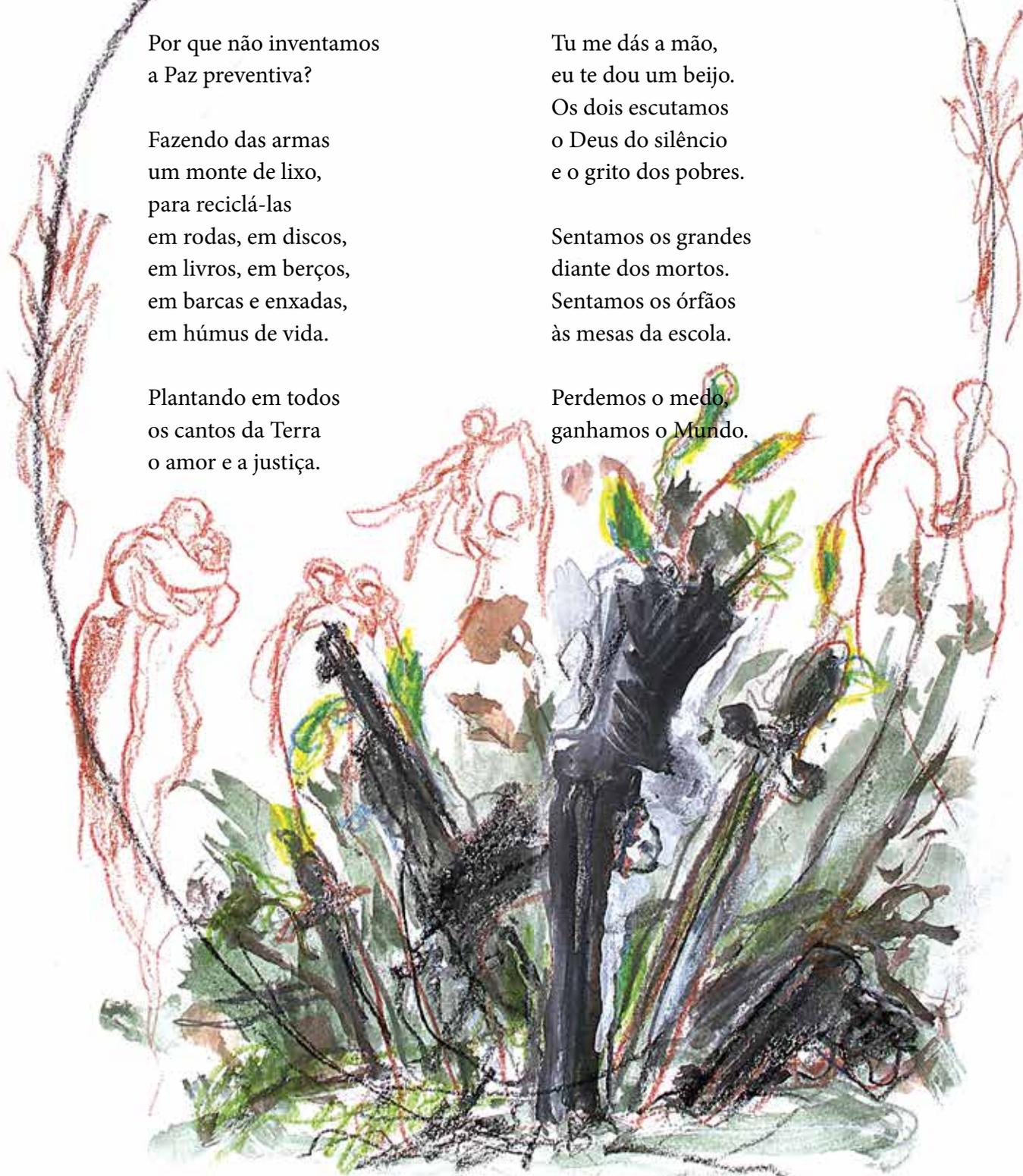
Fazendo das armas
um monte de lixo,
para reciclá-las
em rodas, em discos,
em livros, em berços,
em barcas e enxadas,
em húmus de vida.

Plantando em todos
os cantos da Terra
o amor e a justiça.

Tu me dás a mão,
eu te dou um beijo.
Os dois escutamos
o Deus do silêncio
e o grito dos pobres.

Sentamos os grandes
diante dos mortos.
Sentamos os órfãos
às mesas da escola.

Perdemos o medo,
ganhamos o Mundo.

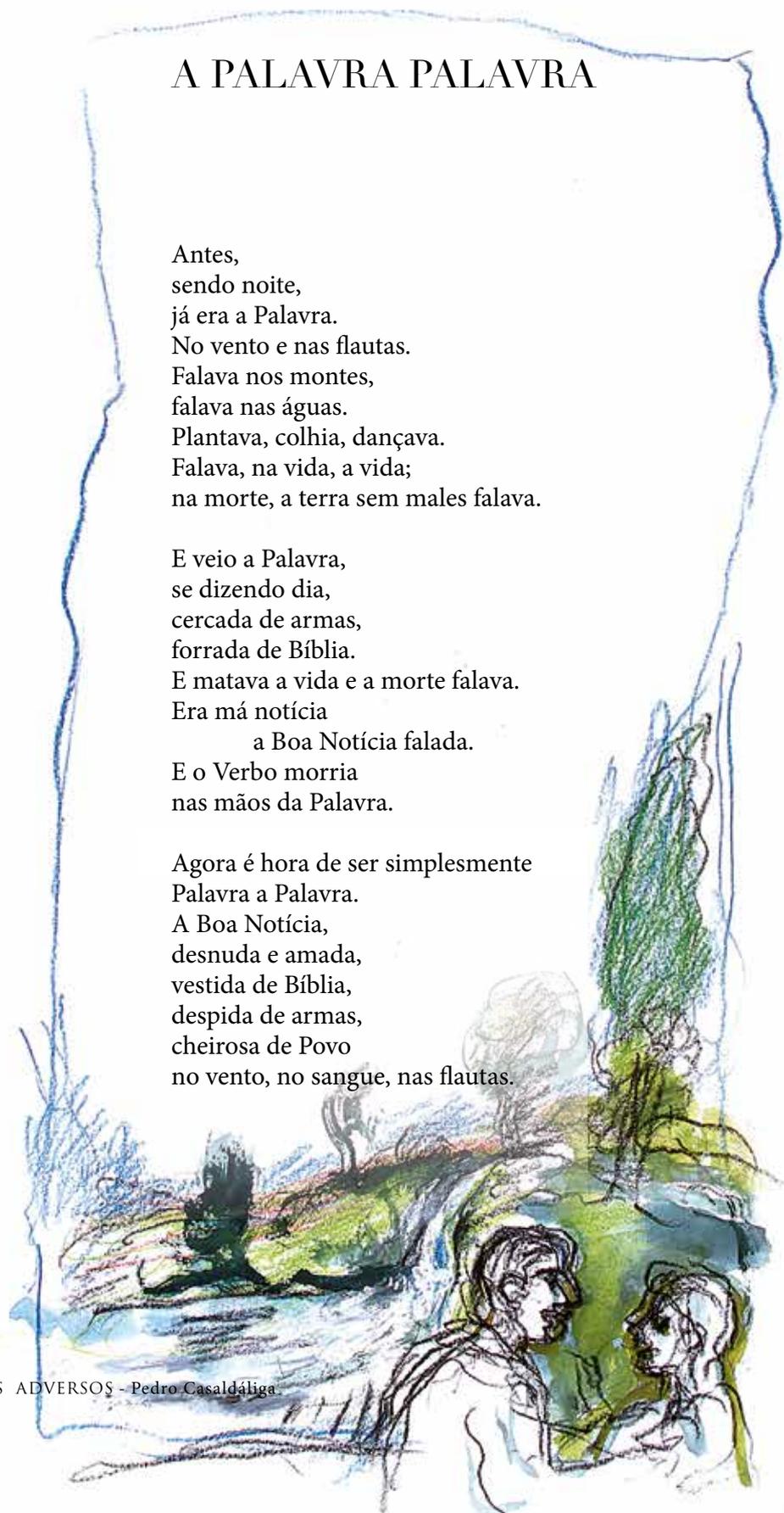


A PALAVRA PALAVRA

Antes,
sendo noite,
já era a Palavra.
No vento e nas flautas.
Falava nos montes,
falava nas águas.
Plantava, colhia, dançava.
Falava, na vida, a vida;
na morte, a terra sem males falava.

E veio a Palavra,
se dizendo dia,
cercada de armas,
fornada de Bíblia.
E matava a vida e a morte falava.
Era má notícia
a Boa Notícia falada.
E o Verbo morria
nas mãos da Palavra.

Agora é hora de ser simplesmente
Palavra a Palavra.
A Boa Notícia,
desnuda e amada,
vestida de Bíblia,
despida de armas,
cheirosa de Povo
no vento, no sangue, nas flautas.



CANTIGA À NOSSA SENHORA APARECIDA

Tão grande lá na glória
e aqui tão pequenina,
calada graça negra,
Senhora Aparecida!

Romeira da Promessa
e terra prometida,
da terra do teu ventre
o Salvador germina.

Cercada de Evangelho,
servindo Eucaristia,
ajuda a nossa Igreja
a ser o que Ele diga.

Nem sempre a caminhada
se vive em romaria.
É fácil cantar flores,
a fé já é coisa fina.

Vimos convocados
por tua fé, Maria,
de um Povo retirante,
na Igreja peregrina.

Está faltando vinho
à imensa maioria.
É hora do milagre
maior: o da justiça!

Há outras muitas águas
além do Paraíba...
Atende os pescadores
nas duras pescarias.

Romeiros de joelhos,
com a esperança erguida,
trazemos-te as mágoas,
levamos a alegria!



TROVAS AO CRISTO LIBERTADOR

Olhar ressuscitado, todo o teu Corpo
acompanhando a marcha lenta do povo.

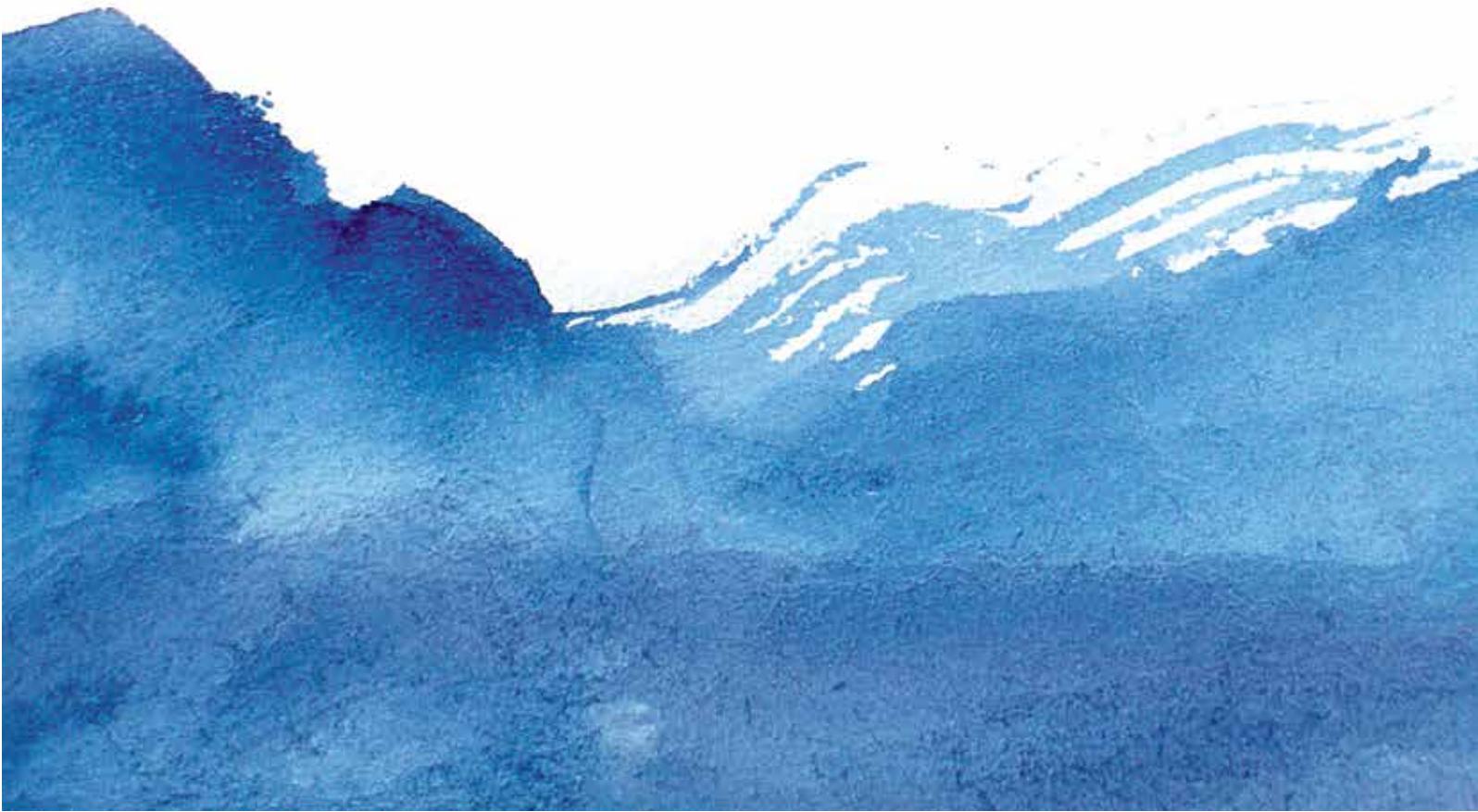
Todo Tu debruçado, como um caminho,
traçando em tua Carne nosso destino.
No azul do Araguaia os roxos medos,
no sol de tua glória nossos direitos.
Sangue vivo no verde das índias matas,
faixas gritando viva a Esperança!

Procissão de oprimidos, rezando as lutas,
e Tu, Círio de Páscoa, flor de aleluias.
Páscoa nossa imolado, em Ti enxertados,
como Tu perseguidos, por Ti triunfamos.
Libertador vencido, vencendo tudo,
companheiro dos pobres, donos do mundo.

Guerrilheiro do Reino, maior guerrilha,
Tua cruz empunhamos em prol da vida.
Nossos mortos retornam, com nossos passos,
em teu Corpo vivente ressuscitados.
Em Ti, cabeça nossa, Libertador,
libertos, libertando, erguemo-nos.



NOEMAS



1

Vamos de solidão em solidão,
fazendo-nos, ao passo, companhia.



2

Profeta
é aquele
que grita com os olhos.



3

Tu não és máquina,
tu vales mais que a máquina
e toda máquina é tua!



4 *Hai-Kai do sertão*

Nascer e morrer
é fácil.
O difícil é viver



5 *Flor de sertão*

Num vaso de cristal
murchará logo,
língua sem voz cortada de seu povo.
Na terra do sertão abrasadora
durará todo o tempo
de sua própria história.



6

Entre palma e palma,
na rede de um verso,
eu deito minha alma.



7



De longe,
toda montanha é azul.
De perto,
toda pessoa é humana.

8



A fé e o luar
se vivem
só de noite.

9



Não te expliques
demais.
Não te desfolhes.

10

“Renuncio al mar”, já disse, num só verso.
Renunciei ao mar e, mesmo assim,
de vez em quando o mar, fiel e perverso,
ainda o velho mar retorna a mim..



11

Não confundir o marketing
com o simbólico.



12

O eucaliptal, espúrio na paisagem,
parece um orfanato florestal
de uniformes anêmicos.



13



Nas catedrais dos shopping centers
comunga-se o MacDonal.

14

Só é fermento na massa
o fermento que é massa,
penetrado de Evangelho..

15

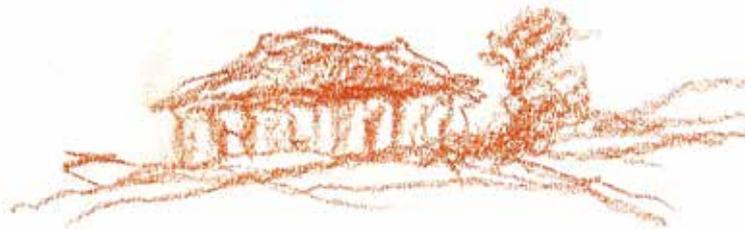
O buriti
penteia para si
seus pensamentos verdes.





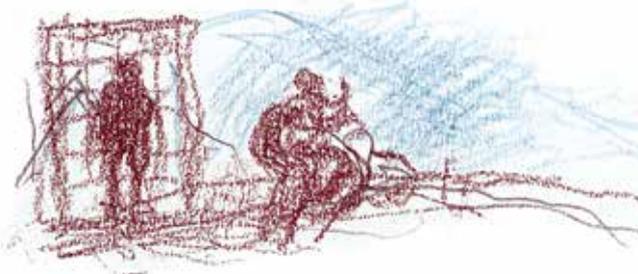
16

Se o dia fosse só dia
seria dia demais,
mas o dia tem a noite.
Se a noite fosse só noite
seria noite demais,
mas a noite volta ao dia....



17

Fora de casa,
é grande o Reino.
Dentro de casa
é tão pequeno!



18

Tu tens as ideias claras,
nós temos clara a amargura.
Tu tens os programas certos,
nós temos certas as lutas.
Nós forjamos a esperança
enquanto teus sonhos luxam...



19

Quem traz a gente de fora,
tem terra e compra feijão...
Não soube plantar em tempo?
Estão-lhe sobrando verbas?
Não acredita em seu chão?

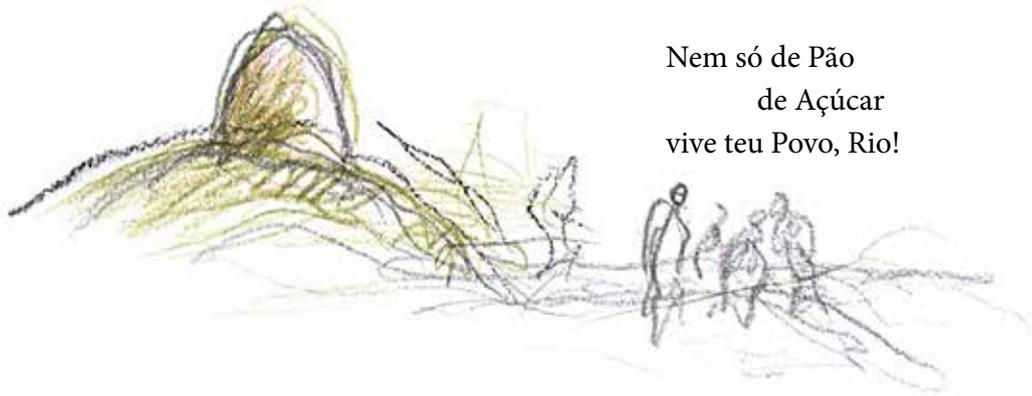


20 *Celibato*

Quem
não tem
o seu amor,
pode não amar ninguém...
mas pode amar a todos
também.

21

Nem só de Pão
de Açúcar
vive teu Povo, Rio!



22

Santo de casa
não faz milagres.
Mas santo de fora
às vezes
faz demais!



23

O Reino
une.
A Igreja
divide...
se não coincide
com a vontade do Reino.



24



Cemitério de carros,
paradeiro das pressas.
Devagar
também se chega à morte.

25



Contempla as estrelas,
Abraão.
Não tentes numerá-las.

26

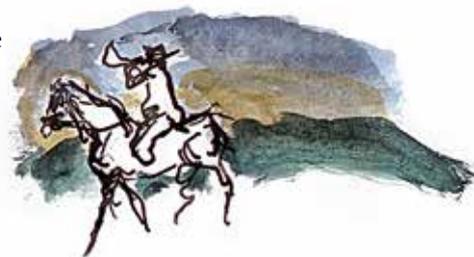
Perguntei ao Povo:
— Não está achando que...?
E ele respondeu que sim.

Perguntei-lhe apenas:
— O que você acha?
E respondeu-me que não.



27 *Berrante à boca da noite*

A seu manso convite
saíam as estrelas
para pastar silêncio.



28

A vida é imediata
como este arroz – sem feijão –
desta mesa desta casa
para estes filhos meus!



Vocês fabricam programas.
Nós vamos tocando vida!

29

Teu Deus
pode ser teu ídolo.



30



Fazer do povo submisso
um povo impaciente.
Fundir os muitos córregos
numa torrente.

31



Somos a solidão que suportamos,
que acolhemos,
que partilhamos,
que transcendemos.

32



Quem souber somar conflitos
— e dividi-los por dois —
ganha consciência de classe.

33

A fé
é a vivência garantida
da esperança impossível.

A barca vencerá
o mar
e a morte.

Todos seremos porto convocado.



34

Tudo é relativo
menos Deus e a fome.



35

O vento vira o casaco
da insubstantiva imbaúba.
Viram-me, levam-me-trazem
tantas perguntas.
Deixai-me ser beira-tempo,
árvore livre e segura.



36

Passa a enchente,
baixa o rio.
 O dogma e a lei
 vão e vêm.
Permanece entre as beiras,
no leito de povo,
a alma do rio.



37 *Hai-Kai da solidariedade*

As batatas
só se sentem juntas no saco
quando começam a apodrecer.





38

Há uma pobreza evangélica
e uma mísera pobreza.
Mas existe o pobre pobre.

Que fazer com o Evangelho?
Que fazer com a pobreza?



39 *Capitalista*

Para ter cada vez mais,
preciso ter sempre
 menos concorrentes
e menos iguais!

40



E golpeava a cerca
como se desse toques num pentagrama,
o violeiro da Libertação.

41



Saber esperar, sabendo,
ao mesmo tempo, forçar
as horas daquela urgência
que não permite esperar...

42



Ao Evangelho e à esquerda
lhes cabe ser
oposição.



43

Entre o seu olhar frio
e o meu misto quente
o menino enfiou-me em desafio
sua fome impotente.

44 *Hai-Kai do papagaio burguês nacional*

— Para depenar
os nossos periquitos,
não precisamos de águias importadas.



45

— “Indo ou vindo outro veículo,
baixe os faróis”.
Não ofenda com os seus olhos
donos da estrada comum,
a luz dos olhos que passam
trazendo também Verdade.



46

Quando já não incomodam
então é que os canonizam.



47 *Placa de subúrbio*

“É proibido jogar lixo”..
Pode-se jogar
gente.



48 *Arco-íris*

O céu pôs na lapela
— a guerra era demais —
um emblema de paz.



49 *Esclarecimento para a repressão*

O “Perigo”
não está nas placas,
mas na estrada!



50 *Eleições livres*

O lavrador
deve poder
semear o que quiser,
na roça que ele escolher,
mão aberta, à luz do dia,
cantando e em companhia,
... sabendo o que vai colher.





F U N D A Ç Ã O

Perseu Abramo

Partido dos Trabalhadores

Fundação Perseu Abramo

Rua Francisco Cruz, 234 - Vila Mariana

04117-091 - São Paulo - SP - Brasil

Tel. [55 11] 5571-4299 - Fax [55 11] 5571-0910

editora@fpabramo.org.br

www.fpabramo.org.br

**expressão
POPULAR**

Editora Expressão Popular

Rua da Abolição, 197

01319-010 - São Paulo - SP - Brasil

Telefone [55 11] 3105-9500

livraria@expressaopopular.com.br

www.expressaopopular.com.br

O VERSO E A VIDA

Alceu Amoroso Lima certa vez dividiu os poetas em duas categorias: a dos poetas solitários e a dos poetas solidários. É possível dizer que Pedro Casaldáliga se enquadra nas duas categorias. Sua “arquitetura de passarinho”, para lembrar a expressão com que Fernando Brant o batizou quando escrevíamos a Missa dos Quilombos, sempre envolvida nos conflitos de uma sociedade radicalmente desigual, não dispensa a solitária, íntima, mística contemplação do mundo. Não a contemplação estéril, que percebe os conflitos humanos de forma asséptica, mas a contemplação mística, corporal, de quem se identifica com a dos oprimidos, e faz dela, sem metáfora, sua própria dor. Em suma, esse homem – qualquer que seja a categoria utilizada para definir o seu ofício – nasceu irremediavelmente poeta. É que o catalão Pedro Casaldáliga esculpiu com férrea disciplina e minúcia – ao atravessar as lutas que trava – essa figura rara no mundo contemporâneo: o poeta, o militante, o profeta, fundidos de modo indissolúvel no mesmo homem. A qualidade dos versos deste pequeno volume – comentada pelo professor Alfredo Bosi –, traz consigo um outro valor: o valor do testemunho. Alguém já disse que “a poesia é a face impossível da verdade”. A vida de Pedro e os versos que escreve de algum modo conferem materialidade a essa intuição sobre o ofício de escrever. Se é verdade que a poesia – ainda que profana – tende para a prece, a sua traduz um impulso vital de indignação contra a injustiça, que o aproxima de outro grande poeta que jamais publicou um livro de poemas: o Che; mas, ao mesmo tempo o torna capaz de exercitar com sensibilidade aquela contemplação solidária com o mundo em transe que lhe foi dado viver... Esse homem luminoso, protegido por uma pequena casa de adobe nas margens do Araguaia, prossegue nos enviando alento, estímulo, beleza como quem oferece tijolo para a construção das nossas utopias. E nos ensina a permanente lição de sua própria vida: se é verdade que não se transforma sem lutas, é verdade também que não se transforma qualquer sociedade sem poesia...

Pedro Tierra
Outubro de 2021



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

expressão
POPULAR

